



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
**Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional**  
**Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – PROEF**

Eduardo Bruno das Graças Barreto De Souza

**PLANEJAMENTO PARTICIPATIVO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM UMA  
ESCOLA DA REDE ESTADUAL DE MINAS GERAIS**

Belo Horizonte

2024



Eduardo Bruno das Graças Barreto De Souza

**PLANEJAMENTO PARTICIPATIVO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM  
UMA ESCOLA DA REDE ESTADUAL DE MINAS GERAIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – PROEF, junto à Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), como requisito para a obtenção do Título de Mestre em Educação Física Escolar.

Área de Concentração: Educação Física Escolar.

Orientadora: Prof. Dra. Meily Assbú Linhales

Belo Horizonte

2024



S719p Souza, Eduardo Bruno das Graças Barreto de  
2024 Planejamento participativo nas aulas de educação física em uma escola da rede estadual de Minas Gerais. [manuscrito] / Eduardo Bruno das Graças Barreto de Souza – 2024.  
155 f.: il.

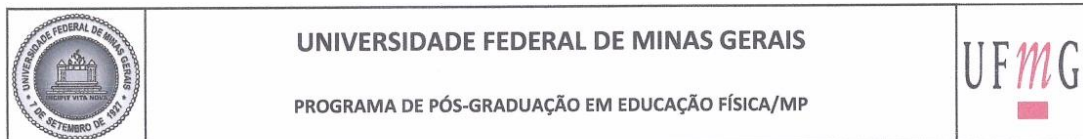
Orientadora: Meily Assbú Linhales

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.

Bibliografia: f. 106-110

1. Planejamento participativo – Instituição escolar - Teses. 2. Educação Física escolar – Teses. 3. Educação e Estado – Teses. I. Linhales, Meily Assbú. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. III. Título.

CDU: 372.879.6



**ATA DA DEFESA DA DISSERTAÇÃO DO ALUNO  
EDUARDO BRUNO DAS GRAÇAS BARRETO DE SOUZA**

Realizou-se, no dia 27 de agosto de 2024, às 14:00 horas, no CEMEF, da Universidade Federal de Minas Gerais, a 32ª defesa de dissertação do PROEF/MP, intitulada *PLANEJAMENTO PARTICIPATIVO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM UMA ESCOLA DA REDE ESTADUAL DE MINAS GERAIS*, apresentada por EDUARDO BRUNO DAS GRAÇAS BARRETO DE SOUZA, número de registro 2022672768, graduado no curso de EDUCAÇÃO FÍSICA, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em EDUCAÇÃO FÍSICA, à seguinte Comissão Examinadora: Prof(a). Meily Assbu Linhales - Orientador (UFMG), Prof(a). Cássia Danielle Monteiro Dias Lima (Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG)), Prof(a). Gyna de Ávila Fernandes (Prefeitura de Belo Horizonte), Prof. Tarcísio Mauro Vago (UFMG).

A Comissão considerou a dissertação:

Aprovada

Reprovada

A versão final da dissertação, devidamente corrigida, deverá ser entregue até 60 dias após sua defesa. Finalizados os trabalhos, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, vai assinada por mim e pelos membros da Comissão.

Belo Horizonte, 27 de agosto de 2024.

Prof(a). Meily Assbu Linhales (Doutora - orientadora)

Prof(a). Cássia Danielle Monteiro Dias Lima (Doutora)

Prof(a). Gyna de Ávila Fernandes (Doutora)

Prof. Tarcísio Mauro Vago (Doutor)

## **AGRADECIMENTOS**

À professora Dra. Meily, minha orientadora. Muito obrigado por me aceitar nessa jornada, somente com sua ajuda foi possível concluir este trabalho. Agradeço por sua dedicação, compreensão e paciência comigo nos momentos em que precisei. Agradeço por sua sabedoria e inteligência, fazendo sempre os melhores apontamentos e me direcionando para a melhoria da minha docência.

À professora Dra. Gyna de Ávila Fernandes e ao professor Dr. Tarcísio Mauro Vago, pelas preciosas sugestões no meu Exame de Qualificação. As palavras ditas naquele dia ainda ecoam em minha mente e coração. Agradeço à professora Dra. Cássia Danielle Monteiro Dias Lima por aceitar compor a Banca Examinadora.

À todos os professores do PROEF que durante esses mais de dois anos acompanharam a mim e a minha turma durante as disciplinas do programa. Especialmente, agradeço aos professores, Admir Soares, Gustavo Côrtes, José Ângelo, Isabel Coimbra, Kátia Lúcia e Ivana Montandon, pelos ensinamentos e reflexões gerados durante as aulas das disciplinas presenciais do mestrado.

Aos colegas do mestrado, que me ajudaram a permanecer na jornada. Vocês são parte importante desse processo e compartilhar a experiência dessa pós graduação com vocês foi incrível. Saber da perseverança de vocês e dos desafios que cada um enfrentou é algo que me ajudou muito a superar minhas próprias barreiras.

Aos professores e funcionários da Escola Estadual José Rodrigues Betim, por todo o suporte durante a realização deste estudo. À professora Divina Lúcia, pela parceria nas aulas, saiba que dividir contigo os anseios e as angústias da profissão foi uma experiência única. Ao vice-diretor Nilo Perdigão, que sempre se mostrou solícito, mobilizando esforços para que os projetos da Educação Física fossem bem sucedidos. À vice-diretora Ingrid Kênia, por indicar a inscrição no processo de seleção do PROEF e me apoiar no mestrado.



Aos estudantes que participaram desta pesquisa, muito obrigado por tudo que vocês me ensinaram e continuam me ensinando. Sou muito grato por termos compartilhado essa experiência, que certamente transformou a minha docência e a minha vida. Sem vocês nada disso seria possível.

Aos meus amigos e colegas da Escola Municipal Prefeito Sebastião Camargos, que demonstram interesse na minha jornada e me incentivam a continuar. Agradeço aos professores Willian Moraes e Marcos Firmino que dividiram comigo a quadra e as experiências na profissão e me apoiaram a continuar estudando.

À minha família por estar comigo, com compreensão e amor em todos os momentos. À minha mãe, por ser minha fonte de inspiração, minha maior motivação. Às minhas irmãs, Amanda e Carol, que me apoiaram em todo tempo. Eu as amo muito.



## RESUMO

Essa pesquisa teve como objetivo desenvolver o planejamento participativo nas aulas de Educação Física, em uma escola pública da rede estadual de Minas Gerais, e analisar a sua contribuição para um maior envolvimento ativo e reflexivo dos estudantes. Esse estudo foi realizado com os estudantes dos 8<sup>os</sup> e 9<sup>os</sup> anos da Escola Estadual José Rodrigues Betim. O estudo foi estruturado em etapas. A primeira etapa foi a etapa de apresentação aos estudantes sobre essa pesquisa, sobre o planejamento participativo e sobre os conteúdos da Educação Física. Na segunda etapa, foi desenvolvida a metodologia criada para o planejamento propriamente dito. A terceira etapa consistiu na execução das aulas conjuntamente planejadas. Uma outra etapa, foi a avaliação do planejamento participativo e da execução das aulas. Nessa pesquisa almejou-se também, identificar e tentar superar problemáticas e desafios que surgem na prática pedagógica da Educação Física, bem como promover, na escola, uma prática de Educação Física que reflita os anseios dos estudantes. Essa pesquisa é uma pesquisa qualitativa, se enquadra nas definições da pesquisa social e da pesquisa-ensino, pois é uma pesquisa em que o professor da Educação Básica (professor- pesquisador), na condição de professor reflexivo de sua prática, auxiliado pelo professor universitário (pesquisador-professor), pesquisou a sua docência de modo a qualificar a prática, contribuir com a construção da teoria da docência, transformar o pesquisador e transformar a formação docente. Nesta pesquisa concluímos que o planejamento participativo foi um fator de aumento do engajamento e da participação dos estudantes e, para além dos objetivos iniciais desta pesquisa, o planejamento participativo se mostrou uma metodologia aliada para a construção de uma docência democrática.

Palavras-chave: planejamento participativo; educação física escolar; educação democrática.

## **ABSTRACT**

This research aimed to develop participatory planning in Physical Education classes, in a public school in the state network of Minas Gerais, and analyze its contribution to a greater active and reflective involvement of students. This study was carried out with students in the 8th and 9th years of the José Rodrigues Betim State School. The study was structured in stages which the first one was the presentation stage to students about this research, about participatory planning and about the contents of Physical Education. In the second stage, the methodology created for the planning itself was developed. The third stage consisted of carrying out the jointly planned classes. Another stage was the evaluation of participatory planning and execution of the classes. This research also aimed to identify and try to overcome problems and challenges that arise in the pedagogical practice of Physical Education, as well as to promote, at school, a Physical Education practice that reflects the students' desires. This research is a qualitative research, it fits into the definitions of social research and research-teaching, as it is a research in which the Basic Education teacher (teacher-researcher), as a teacher reflective of his practice, assisted by the university professor (researcher-teacher), researched his teaching in order to qualify the practice, contribute to the construction of teaching theory, transform the researcher and transform teacher training. In this research we concluded that participatory planning was a factor in increasing student engagement and participation and, in addition to the initial objectives of this research, participatory planning proved to be an allied methodology for building democratic teaching.

**Keywords:** participatory planning; school physical education; democratic education.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

**Imagem 1a e 1b-** Escola Estadual José Rodrigues Betim

**Imagem 2a e 2b-** Quadra da Escola Estadual José Rodrigues Betim

**Imagem 3a e 3b-** Turma 8<sup>o</sup>2 na sala e no corredor

**Imagem 4a e 4b-** Turma 8<sup>o</sup>3 na sala e no corredor

**Imagem 5a e 5b-** Turma 9<sup>o</sup>1 na sala e no corredor

**Imagem 6a e 6b -** Turma 9<sup>o</sup>2 na sala e no corredor

**Imagem 7 -** Vista aérea da Escola Estadual José Rodrigues Betim

**Imagem 8a e 8b -** Área desativada explorada na unidade do Parkour

**Imagens 9a e 9b-** Meninas no Parkour



## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC - Base Nacional Comum Curricular CRMG - Currículo Referência de Minas Gerais

EEFFTO - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional

EF- Educação Física

EFAF - Ensino Fundamental nos Anos Finais

EJA - Educação de Jovens e Adultos

JRB - Escola Estadual José Rodrigues Betim

PETs - Plano de Estudos Tutorados

PPP - Projeto-Político-Pedagógico

PROEF - Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional

SEDUC- Secretaria Municipal de Educação de Contagem

SEE-MG - Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais

UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
1.1	Quem sou eu?	14
1.2	O estudo proposto	21
2	REFLEXÕES SOBRE PLANEJAMENTO E AUTONOMIA	24
2.1	Planejamento de ensino	24
2.2	Educação para a autonomia	30
3	A CONSTRUÇÃO DO ESTUDO	36
3.1	A escola e os participantes	38
3.2	Desenvolvimento	43
3.2.1	A apresentação e as escolhas	44
3.2.2	As observações e os registros	47
4	O PLANEJAMENTO E A PRÁTICA PARTICIPATIVA	50
4.1	O 1º semestre de 2023 e o “planejamento piloto”	51
4.2	O planejamento participativo nesta pesquisa-ensino	57
4.2.1	Planejamento Participativo: Educação Física 2023 E.E. José Rodrigues Betim	58
4.2.2	Dia da votação	60
4.3	As unidades temáticas	64
4.3.1	Rouba-bandeira	64
4.3.2	O Projeto Interclasse	73
4.3.3	A unidade didática do Parkour	79
4.3.4	O voleibol no planejamento participativo	87
4.3.5	Cabo de guerra, desconexões e encerramento do ano letivo	94
4.4	Avaliando o planejamento participativo com a ajuda dos estudantes	97



5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	102
	REFERÊNCIAS	106
	ANEXOS	111

## 1 INTRODUÇÃO

Essa pesquisa é parte do Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional- PROEF e tem o objetivo de desenvolver o planejamento participativo nas aulas de Educação Física, em uma escola pública da Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais (SEE-MG), e analisar a sua contribuição para um maior envolvimento ativo e reflexivo dos estudantes.

O planejamento participativo é entendido como uma metodologia de planejamento das aulas de Educação Física que conta com a participação dos estudantes. Nesta metodologia, cabe ao professor a apresentação e explicação dos conteúdos da Educação Física, a mediação de discussões sobre a disciplina, a otimização da participação dos estudantes e a intervenção pedagógica para a definição dos conteúdos e execução das aulas. É importante que todos os estudantes estejam envolvidos no processo de discussões e elaboração do planejamento, sendo garantido que eles manifestem suas vontades e interesses.

A decisão pelo planejamento participativo visou propiciar uma experiência coletiva de tomada de decisão democrática, valorizando a diversidade de opiniões e vivências. Assim, o planejamento participativo é uma escolha pedagógica e política e, neste sentido, está integrado à uma visão de mundo que considera e valoriza as diferentes histórias e trajetórias que os estudantes têm.

O planejamento participativo é uma estratégia metodológica e pretendeu-se que possibilitasse aos estudantes uma experiência democrática, na medida em que eles, coletivamente, juntos com o professor, escolheram os conteúdos que foram desenvolvidos nas aulas. Sendo assim, para além dos saberes e fazeres específicos da Educação Física, os alunos desenvolvem a autonomia, a criticidade e a percepção de sua própria identidade, pois, na reflexão sobre a Educação Física e seus conteúdos, eles confrontam seus gostos, suas aptidões e suas dificuldades. Ainda nessa perspectiva, o planejamento participativo pode ser um importante aliado contra o fenômeno do afastamento e desinteresse nas aulas de Educação Física, pois, como participantes do planejamento, os estudantes tendem a se engajarem para

fazer dar certo. Essas são premissas que essa pesquisa investigou.

A escolha do planejamento participativo, como tema dessa pesquisa, se deu a partir das discussões do mestrado. No PROEF (Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional), a seleção de candidatos é feita através de uma prova nacional e não é necessário apresentar um projeto de pesquisa ao ingressar no curso, o projeto é construído no percurso dessa formação. No decorrer das disciplinas, ao refletirmos sobre as problemáticas da Educação Física, percebi que a indisciplina e o desinteresse dos estudantes pelas aulas de Educação Física era uma questão que me incomodava profundamente, na minha iniciante carreira docente. Decidi que esse seria o meu tema, porém, no decorrer do estudo, com meu amadurecimento profissional e em conversas de orientação, fui percebendo que o que eu chamava de indisciplina, por vezes, era uma forma dos estudantes expressarem o descontentamento com as aulas e com minha forma de conduzi-las.

Caracterizar os adolescentes como indisciplinados, infelizmente, é uma prática comum na sociedade e na escola. Seja pelas mudanças típicas dessa fase de autoconhecimento e desenvolvimento da autonomia, seja pela influência dos estereótipos que, muitas vezes, são assimilados de forma acrítica e irrefletida; a adolescência é interpretada como uma fase problemática e difícil de lidar (Caraciolo, 2010).

As situações de indisciplina e afastamento das aulas são motivos de grande frustração profissional para vários professores de Educação Física. Estando eu, em início de docência, percebi que seria necessário adotar estratégias e procedimentos para superar essa problemática. Embora o combate à indisciplina não seja, necessariamente, especificidade da Educação Física, é praticamente impossível fazer a devida abordagem dos jogos e brincadeiras, dos esportes, das ginásticas, das danças, das lutas e das práticas corporais de aventura em turmas em que a indisciplina e o afastamento/desinteresse sejam dominantes. (Favatto; Both, 2018)

Na busca de estratégias para debelar a indisciplina e o desinteresse dos estudantes, em conversa durante as reuniões de orientação, o planejamento participativo foi indicado como alternativa e é o objeto dessa pesquisa.

Afinal, pode o planejamento participativo ser uma estratégia eficaz para aumentar a participação dos estudantes, diminuir a incidência da indisciplina e afastamento nas aulas de Educação Física? Pode o professor qualificar sua prática através desta experiência de planejamento participativo? Tentamos responder a essas questões.

Irei discutir o planejamento, enquanto condição necessária ao fazer pedagógico, mas primeiro devo me apresentar e dizer quem fui e sou e como o ato de planejar se mostra um desafio para mim.

### **1.1 Quem sou eu?**

Meu nome é Eduardo Bruno, sou filho da cozinheira Ana Paula e do oficial de manutenção Cristóvão, irmão da Amanda e da Carol, tenho 28 anos e sou professor na Escola Estadual José Rodrigues Betim, vinculada à Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais desde 2019, e na Escola Municipal Prefeito Sebastião Camargos, vinculada à Secretaria Municipal de Educação de Contagem – Seduc, desde 2022. Sou uma pessoa apaixonada por esportes, todo e qualquer esporte me fascina. Sou preto e sonhador. Sonhava em ser atleta, goleiro do Galo, para ser mais preciso. Sou morador de Ibirité, na região metropolitana de Belo Horizonte, moro com minha mãe e uma irmã, a Amanda.

Vou dividir essa apresentação em quatro momentos da minha vida, no primeiro (infância e adolescência) relato sobre o Eduardo estudante da Educação Básica, no segundo momento (início da vida adulta) escrevo sobre o Eduardo Acadêmico e falo sobre minha jornada no Ensino Superior, no terceiro falo sobre minha vivência profissional e minhas expectativas quanto ao mestrado, no quarto momento, faço um resumo do ano de 2022 que foi o meu primeiro ano em sala de aula, efetivamente. O ano de 2023 foi o ano em que o estudo se desenvolveu e falarei sobre ele no desenvolvimento do estudo.

Nunca fui um aluno dedicado aos estudos, sempre gostei de aprender coisas novas e tinha certa facilidade com isso, o que me fazia parecer inteligente ante aos demais alunos, mas, me deixava entediado com as aulas que não apresentava algo de novo. Em casa, sempre ajudava minhas irmãs, mesmo a mais velha, nas atividades escolares. No Ensino Fundamental, apesar de ir muito bem nas provas, alcançava a nota da média para aprovação e estava de bom tamanho; meus cadernos, sempre incompletos rasgados e sujos eram uma vergonha, conversava a aula inteira, não deixava ninguém na turma prestar atenção nos professores, eventualmente era expulso de sala, minha mãe era visita frequente na escola. A cada vez que ela ia, as promessas de melhora eram feitas, mas dificilmente se mantinham por mais de uma semana. Eu era um aluno que não tinha dificuldades quanto à aprendizagem, mas o comportamento era um desvio aos padrões da turma.

Mas se esse comportamento era a regra, as aulas de Educação Física eram a exceção. Aí tudo era diferente, eu era o primeiro a fazer silêncio e exigi-lo dos colegas, os minutos da chamada pareciam horas e cada interrupção ao professor era uma eternidade, descer pra quadra era a realização de um sonho, felicidade inigualável e nada podia estragar esse momento. Participava de tudo, não tinha tempo ruim, topava qualquer parada. Lembrando do meu período de estudante, fica evidente como a Educação Física (EF) e o esporte sempre foram vistos como sinônimos para mim. Acredito que essa visão refletia o fato de que o esporte era predominante tanto nas minhas vivências na escola, como nas minhas experiências fora dela com times de futebol amador e no consumo das informações esportivas veiculadas na mídia. Naqueles tempos, nem cogitava que a Educação Física pudesse abordar outros conteúdos além dos esportes e das brincadeiras, que tinham uma finalidade de preparação para o esporte (como exemplo, pega-pega para melhorar a corrida).

Ir para a escola só era bom nos dias da EF, contava cada minuto para chegar no horário da aula. Embora a minha lembrança dessa época me remete a um professor “rola-bola” e as atividades das aulas eram quase sempre futsal para os meninos e queimada ou rebater para as meninas que queriam, com os demais alunos liberados para ficar conversando com o professor ou com colegas, lembro

que mesmo nas aulas em que a atividade principal mudava para o vôlei ou basquete, queria participar e que todos participassem também, sem atrapalhar o andamento da aula. Eu amava a EF e tudo que se relacionava a ela.

Ao chegar no Ensino Médio, as duas aulas semanais já não eram suficientes para saciar minha sede de futebol, comecei a “matar” aulas para ficar na EF de outras turmas e isso me gerou muitos problemas, as boas notas nas provas não me garantiam mais e comecei o primeiro ano do Ensino Médio perdendo nota em várias disciplinas. Primeiro e quarto horário pra mim não existiam, ou por chegar atrasado ou por ficar na quadra depois do recreio, nunca estava em sala. A reprovação era certa. No final de agosto daquele ano, 2011, comecei a trabalhar com meu tio na construção civil, na fabricação e instalação de calhas em telhados. Em função desse trabalho, fui transferido para outra escola para estudar no turno da noite. Em uma escola com menos exigências, e com um pouco mais de foco nos estudos, consegui recuperar as notas e ser aprovado naquele ano, o que de certa forma, me deu a sensação de que eu poderia passar de qualquer jeito estudando no noturno. Em 2012, 2013 e 2014 me matriculei no 2º ano do Ensino Médio, frequentei as aulas das primeiras semanas e depois, desmotivado pelo baixo nível do ensino e cansado pelas longas horas de trabalho, parei de ir à escola, só aparecia na semana do campeonato ou de eventos. Fui reprovado e repeti tudo de novo no ano seguinte, sucessivamente. No final de 2014 fiz a prova do ENEM e, assim, concluí o Ensino Médio.

Com o sucesso do ano anterior, fiz o ENEM de 2015, o que me garantiu uma vaga no curso de Educação Física- Licenciatura na Estácio de Sá, pelo ProUni, com início em 2016. Sabia o que era Educação Física, mas não tinha a menor ideia do que significava a diferença entre Licenciatura e Bacharelado. Apesar do aluno de Educação Básica, fui um bom aluno na faculdade; não faltava às aulas, prestava atenção nos professores e fazia anotações nas aulas, ia bem nas provas e com isso tive sucesso. Não fui o melhor aluno da graduação, mas com certeza, nem de longe, parecia o aluno da Educação Básica. O que operou tal mudança, eu ainda não sei, talvez a ficha da maturidade tenha começado a cair, talvez as decepções com a baixa expectativa salarial trabalhando com meu tio ou talvez a complexidade e a novidade das informações recebidas na faculdade me motivavam a permanecer frequentando as aulas todas as noites. Embora o curso, em sua maior parte, fosse voltado para o bacharelado, as disciplinas com o enfoque pedagógico e direcionadas

para o contexto escolar me mostraram que a EF é muito mais do que apenas os esportes e me colocaram em contato com a noção de cultura corporal de movimento. Assim, apesar de ter algum nível de reflexão sobre a docência, considero que ficaram muitos conhecimentos e discussões sem abordagem na graduação e isso empobreceu minha formação

Sem dúvidas, de todas as disciplinas da faculdade, as disciplinas de estágio tiveram um especial destaque, foi ali que ficou claro pra mim qual o real sentido do curso de Licenciatura, foi onde percebi que estava no lugar certo e, apesar dos muitos percalços que tive, amei cada estágio que fiz, cada discussão nas aulas de estágio e os ensinamentos que me fizeram entender um pouquinho mais das complexidades e desafios que a carreira no magistério proporcionaria. Acredito que o fato de os estágios serem apenas de observação limitou minhas experiências, ainda assim, percebi que há um distanciamento entre o discurso e as idealizações da academia e a prática encarnada da escola. Pude observar as dificuldades dos professores na relação com os estudantes para conciliar os planos, ideias e vontades que cada um deles traziam.

Ainda durante a faculdade, participei do concurso para professor da SEE-MG. Fui aprovado e fiquei na expectativa de não ser chamado antes de formar, para poder assumir. Deu tudo certo. Formei e fui efetivado, então eu era um professor!

Assumi o cargo no final de 2019, já na última semana. No início do ano seguinte, depois de uma semana de aulas, entramos em greve e durante a greve a pandemia de Covid-19 assolou o mundo e nos fez isolarmos do convívio social, fechando as escolas e adotando o Ensino Remoto. Durante o período de Ensino Remoto, a Secretaria de Estado de Educação desenvolveu atividades de caráter teórico-conceitual que eram disponibilizadas em apostilas e distribuídas para os estudantes. Essas atividades receberam o nome de Plano de Estudos Tutorados (PETs) e eram devolvidas à escola ou diretamente aos professores que faziam as correções. Na escola em que trabalhei foi tentado usar videoconferências para a realização das aulas, contudo, devido ao baixo número de estudantes participantes, essa medida foi descontinuada e os PETs foram a única forma de interação com os

discentes.

Voltamos à escola no segundo semestre de 2021, ainda com muita insegurança e em um regime híbrido, que tinha como medida o rodízio de alunos em bolhas, para evitar o contato e a transmissão do vírus causador da doença. Em outubro foi permitida a volta total dos alunos, sem necessidade de distanciamento. A supervisão pedagógica da escola instruiu que, para diminuir o contato dos alunos, fosse evitado o uso da quadra e que fosse mantido o trabalho de revisão e correção dos PETs.

Em novembro de 2021 participei do concurso público para seleção de professores da Secretaria Municipal de Educação de Contagem, sendo aprovado. Desde fevereiro de 2022, estou trabalhando em duas redes de ensino. Apesar de ser professor desde 2019, tenho pouco tempo de experiência com contato presencial com os alunos e com a rotina escolar, portanto, sou professor iniciante.

Em dezembro de 2021 a supervisora pedagógica da escola me enviou um link, relativo ao PROEF, e eu me inscrevi para a prova de seleção. Sem muitas esperanças, acreditando que por não ter experiência com pesquisa e não ter feito nenhum curso de pós-graduação não seria selecionado para o mestrado, fiz a prova e fui aprovado.

O ano de 2022 foi um ano muito especial para mim, pois, foi o ano em que pela primeira vez exerci as funções de professor desde o planejamento, execução e avaliação de cada aula e unidade didática tanto na Escola Estadual José Rodrigues Betim (Zé Rodrigues ou JRB) como na Escola Municipal Prefeito Sebastião Camargos (Tião), foi também o ano em que fui aprovado e iniciei o mestrado no PROEF. Assim sendo, a minha “experiência” de aula com os alunos (nas duas escolas e nos mais diversos anos de escolaridade) e a minha formação continuada no mestrado aconteceram em concomitância e isso altera a forma como lidei com as duas coisas.

Neste referido ano comecei a trabalhar em duas escolas e o que por si só já é um desafio, foi majorado com a diferença etária com a qual trabalhei e as diferenças organizacionais das redes. Sou professor de alunos do 1º ano do fundamental até alunos do Ensino Médio e EJA.

No Zé Rodrigues, comecei o ano com as turmas do Ensino Fundamental anos finais (EFAF) 8º3, 9º1 e 9º integral de tarde; no turno da noite eu era o professor das turmas de EJA do 6º, 7º, 8º e 9º do EFAF e das turmas de ensino médio 1º, 2º e 3º EJAs e 1º, 2º e 3º Regular. Essa organização se alterou no meio do ano, quando foi fechada a turma de 6º EJA, redistribuídas as turmas de 7º e 8º EJA para outra professora e aberta uma nova turma de 8º ano de tarde, a turma 8º4, formada por vários alunos considerados indisciplinados. No Tião, ministrei aulas para as 3 turmas de 1º ano, 3 turmas de 2º ano e 1 turma de 3º ano do Ensino Fundamental anos iniciais e não houve mudanças no decorrer do ano letivo. Desde os primeiros dias de aula já ficou evidente que não seria tarefa fácil entender e me adequar as variadas expectativas e necessidades dos estudantes.

No Tião o ano é dividido em 3 trimestres e as aulas, que tem duração de 1 hora, aconteciam simultaneamente com a aula do professor Willian (professor dos 4ºs e 5ºs anos), geralmente em quadra dividida. No primeiro trimestre foram abordadas as brincadeiras, sobretudo as brincadeiras de pega ou pique, mas também brincadeiras de roda, brincadeiras de bola e brincadeiras com cordas. No segundo trimestre, as danças receberam a centralidade das ações, muito em função da festa junina, após a festa, os esportes apareceram com maior evidência e culminou na “Copa Tião do Mundo”, onde além das gincanas com diversas brincadeiras, tivemos competições de Futebol (Futsal) masculino e feminino, basquete misto e queimada mista. No terceiro trimestre foram tematizadas as ginásticas, além de uma revisitação às brincadeiras e aos esportes. Embora tenha trabalhado com 1º, 2º e 3º anos, as atividades eram geralmente as mesmas, quando necessário foram feitas alterações para as diferentes turmas. As aulas começavam com uma explicação da atividade a ser feita e terminavam com brincadeira livre. Na brincadeira livre, geralmente nos últimos 10, 15 ou até 20 minutos da aula, os estudantes ficam livres para fazer a brincadeira que quiserem. Embora eu considere

que, ao fazer isso, eu estou sendo um professor recreacionista, acredito que esses momentos são importantes para os estudantes relaxarem e divertirem-se e considero que esses momentos são necessários para que eu possa conversar com um estudante ou outro, algum assunto que se mostre importante.

No Zé Rodrigues o ano é dividido em 4 bimestres e as aulas têm duração de 50 minutos. Para o turno da tarde com 2 aulas na semana os bimestres foram preenchidos assim: No primeiro bimestre o conteúdo central foi o Atletismo, foi abordada também a importância do alongamento e aquecimento nas práticas esportivas. No segundo bimestre o Futebol e o Voleibol ocuparam as aulas. No terceiro bimestre o Handebol foi o tema das aulas. No quarto bimestre foram ensinados movimentos ginásticos e o Futebol voltou a ser tema. Vale lembrar que o primeiro bimestre foi entrecortado por uma greve e o quarto foi afetado pela “Copa do Mundo JRB” que colocou o Futebol na pauta novamente. Para o Noturno, com 1 aula por semana, a distribuição ficou da seguinte maneira: No primeiro bimestre os conhecimentos sobre o corpo foram discutidos. No segundo bimestre visitamos os esportes. Já no terceiro bimestre o foco foram os jogos e brincadeiras. No último bimestre foi estudado o Futebol.

Percebi que no JRB, com aulas de 50 minutos e a obrigatoriedade de fazer a chamada para registro de frequência (o que não acontece no Tião), não tenho tido tanto tempo para conversar com os alunos e com isso fica mais difícil perceber suas subjetividades e fazer uma docência mais humanizada. Sei que essa é uma necessidade de adequação do planejamento do professor e tentarei propiciar que os diálogos sejam otimizados.

Sobre o planejamento, nas escolas em que atuo, tenho percebido que o planejamento de Educação Física era relegado ao status de mera formalidade, simplesmente uma obrigação de dimensão burocrática e que não tem que ver com a realidade das aulas. Planejamento é apenas o papel que vai parar no fundo de alguma gaveta ou arquivo digital que depois de enviado, nunca mais será aberto. Apesar de empreender certo esforço em me manter fiel ao planejado para cada etapa, reconheço que o planejamento acabou sendo por vezes engessado, por outras abandonado e a demanda constante de reflexão não foi atendida e a

avaliação do processo não ocorreu, como deveria. Reconheço também que não houve participação dos alunos nem na escolha dos conteúdos nem na quantidade de aulas destinadas a cada conteúdo ou tema.

Considero que o planejamento da Educação Física deve estar integrado ao planejamento da escola, ou seja, o Projeto-Político-Pedagógico (PPP). Nesse âmbito, constata-se uma ausência de objetividade e clareza em ambas escolas em que leciono, a Educação Física mal é citada tanto no PPP da Escola Estadual José Rodrigues Betim, como no PPP da Escola Municipal Prefeito Sebastião Camargos. Sendo assim, o que me foi relatado pelos colegas é que a Educação Física tem se organizado de acordo com as preferências e aptidões de cada professor, sem seguir um currículo específico, quando muito, referenciando as suas escolhas na BNCC ou no currículo referência da rede, de acordo com a conveniência. Cada professor, no esforço de prestar o melhor serviço, têm se preocupado com algum grau de diversificação dos conteúdos, embora, no que se refere a progressão desses conteúdos, as dificuldades sobressaem e a repetição dos esportes hegemônicos de quadra, geralmente com foco no desenvolvimento da técnica e na prática recreativa, se faz notar ano após ano.

Tendo feito essas considerações, este estudo pretendeu romper com essa visão de planejamento.

## 1.2 O estudo proposto

O planejamento participativo, vem sendo apontado como uma alternativa possível para a superação de diversos desafios na Educação Física (Collier, 2018; Farias *et al.*, 2019; Ribeiro, 2020; Vilete, 2020).

O planejamento participativo coloca o aluno como protagonista do processo educativo, ajudando a escolher o que será tematizado. Contudo, é imprescindível a presença atuante do professor com a sua autoridade no processo de construção do planejamento, fazendo as aproximações necessárias aos conteúdos da cultura corporal que não estejam tão evidentes nas mídias e no cotidiano das crianças e

jovens atendidos pela escola. Assim, o planejamento participativo não pode tirar a centralidade do professor, mas afirmá-la no esforço de mediação dos interesses dos alunos com a diversidade de conteúdos da Educação Física, que estão em constante tensão, conforme aponta Gariglio ao discutir a inserção profissional de professores de Educação Física iniciantes em seus estudos:

Os professores de EF pesquisados (tais como os outros docentes das demais disciplinas) intencionam imprimir um ensino que garanta aos alunos o acesso a uma pluralidade de conteúdos que seriam próprios dessa disciplina escolar (danças, esportes, lutas, ginásticas, jogos, brinquedos e brincadeiras), e os alunos (pelo menos sua maioria), ao contrário, desejam e pressionam esses professores por um ensino restrito a um conteúdo (o esporte). (Gariglio, 2017, p. 1005)

Com essas considerações em conta, esse trabalho de pesquisa tem o propósito de desenvolver o planejamento participativo na tentativa de alcançar uma experiência que, seja democrática, participativa, prazerosa e sobretudo, formadora. O objetivo geral deste trabalho foi desenvolver o planejamento participativo nas aulas de Educação Física na Escola Estadual José Rodrigues Betim e analisar a sua contribuição para um maior envolvimento ativo e reflexivo dos estudantes nas referidas aulas.

Considerando que nesta escola não é comum o planejamento participativo como prática pedagógica, essa abordagem trouxe algum estranhamento aos estudantes, acostumados à execução das aulas sem refletir sobre o porquê aprendem determinados conteúdos. Assim, essa metodologia de planejamento participativo visou romper com a lógica da transmissão de conteúdos, que é acrítica e desvinculada dos interesses dos estudantes, mas considerando esses interesses e a necessidade pedagógica, promover a abordagem dos conteúdos em relação com os estudantes.

Também foi objetivo deste estudo refletir e qualificar a prática docente. Na condição de professor reflexivo de sua prática, pretendi analisar e perceber a minha relação com os estudantes, minha relação com os conteúdos e a forma como faço aproximações dos conteúdos aos estudantes. Neste estudo, objetivou-se ainda, identificar e tentar superar as problemáticas e desafios que surgem na prática pedagógica da Educação Física.

Buscou-se ainda a promoção na escola de uma prática de Educação Física que reflita os anseios dos estudantes. Ou seja, uma Educação Física que, sem abdicar do compromisso pedagógico, tenha contato com a realidade dos estudantes e considere os desejos de aprendizagens presentes.

Desse modo, acreditei que a redução na incidência de casos de indisciplina aconteceria, pois o planejamento participativo tende a estimular nos estudantes o desenvolvimento de um compromisso com o planejamento das aulas e a efetivação desse planejamento.

No decorrer do trabalho, essa pesquisa visou também apresentar, como produto educacional, uma metodologia de organização do planejamento participativo nas aulas de Educação Física. Tal metodologia foi sistematizada e socializada por meio de uma carta aos professores e professoras de Educação Física.

No Capítulo 2, intitulado Reflexões sobre planejamento e autonomia, é abordado o referencial teórico adotado sobre o planejamento de ensino e sobre a necessidade de que o mesmo seja intencionalmente orientado. Neste capítulo também está tematizada a educação para a autonomia.

No Capítulo 3, denominado A construção do estudo, é apresentada a empiria construída para minha prática docente, também é feita uma apresentação da escola e dos estudantes, assim como o planejamento das aulas do projeto.

No Capítulo 4 constam as análises e observações do estudo, seguido das Considerações Finais do trabalho.

## 2 REFLEXÕES SOBRE PLANEJAMENTO E AUTONOMIA

Essa pesquisa se baliza teoricamente sobre dois eixos temáticos, que são o planejamento de ensino e a educação para a autonomia. Embora eles sejam analisados em tópicos separados, cumpre esclarecer que, da perspectiva aqui adotada, eles não estão dissociados. Pelo contrário, veremos que a associação desses eixos é tal que um dos eixos não pode ser compreendido ou posto em prática sem que os outros, concomitantemente, se realizem. Em outras palavras, o entendimento que será exposto, é que o planejamento de ensino contém em si, de forma implícita ou explícita, uma dimensão de educação para a autonomia, e isso se dá reciprocamente.

### 2.1 Planejamento de ensino

Planejar é ato inerente à atividade humana. Desde o início da história humana, (ou pré-história) o planejamento das ações e a capacidade de fazer previsões com certa acuidade, desenvolvidos pelos sapiens, já nos colocava em posição de vantagem em comparação a outros animais que poderiam ser maiores, mais fortes, mais ágeis ou mais resistentes que a nossa espécie.

Essa capacidade de previsão e planejamento é o que possibilitou ao homem não somente se adaptar à realidade natural, mas transformar a realidade, criando cultura. Assim sendo, desde a revolução agrícola, passando pela formação de vilarejos e cidades, que deram origem aos estados modernos, até os avanços mais futuristas da inteligência artificial, necessitaram do planejamento para que se tornassem realidade. Em última instância, é possível dizer que o planejamento deve ser entendido enquanto condição necessária para a vida humana.

Para Vasconcellos (2000), “planejar é antecipar mentalmente uma ação ou um conjunto de ações a serem realizadas e agir de acordo com o previsto. Planejar não é, pois, apenas algo que se faz antes de agir, mas é também agir em função daquilo que se pensa” . Assim, o planejamento inclui a ação, é, portanto, uma forma

de intervenção na realidade. (Vasconcellos, 2000, p.79)

Sobre a educação escolar, assim como Saviani, entendo que: “o trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens” (Saviani, 1984, p.2). É função da escola apresentar o mundo e os conhecimentos culturalmente produzidos aos estudantes (Arendt, 1972) e é função da Educação Física, pelo entendimento adotado na BNCC, introduzir os estudantes à cultura corporal de movimento, por meio de seus conteúdos diversos, que são brincadeiras e jogos, esportes, lutas, ginásticas, danças e práticas corporais de aventura (BRASIL, 2018).

Portanto, ao pensar o planejamento de ensino, não tendo a pretensão de uma educação neutra, acrítica e bancária, mas sim de uma educação democrática, participativa e humanista, compreendo que a educação é ideológica, como ensina Paulo Freire ao escrever sobre a Pedagogia da Autonomia. Na mesma obra, Freire nos mostra que o planejamento é necessário à prática educativa. Ele aponta que rigorosidade metódica, pesquisa, apreensão da realidade, curiosidade, comprometimento, tomada consciente de decisões, entre outros, são saberes necessários à prática docente, assim, fica evidente que o planejamento é indispensável. (Freire, 2022)

É importante declarar que a abordagem pedagógica de Educação Física assumida neste trabalho visa romper com a lógica da transmissão de conteúdo, própria da educação bancária e do ensino tradicional, nos quais o professor é detentor de um saber que deve ser transmitido aos alunos, que por sua vez são meros receptores, passivos, acríticos, uniformizados e despersonalizados.

Entendo que o professor deve mediar o conhecimento, fazendo a apresentação ou aprofundamento necessário para que os estudantes conheçam e se apropriem dos conteúdos de forma tal que consigam tanto reconhecer a incidência daquele conteúdo na sociedade, como participar e fazer intervenções alterando assim o modo de produção e os significados que aquele conteúdo engloba. Para isso, é necessária uma educação crítica, reflexiva, atuante,

humanista, que se posicione frente aos desafios do mundo, que entenda e respeite as individualidades, mas rompa com os individualismos do mundo pós-moderno, uma educação republicana que sirva para a formação e desenvolvimento dos sujeitos e que tenha o bem comum como finalidade última.

O planejamento permite definir os resultados e prever o que se deseja alcançar. O planejamento também é necessário no momento da avaliação do processo, dado que é por ele que se avalia se as metas foram alcançadas ou não. Nesse sentido, o planejamento é ferramenta com função permanente e não deve ser entendido como documento a ser arquivado ou mera burocracia estatal, mas deve ser constantemente revisitado e avaliado. (Martinez; Lahore, 1977)

O planejamento de ensino deve ser elucidativo quanto aos conteúdos abordados pelo professor para que os alunos alcancem os objetivos educacionais. Portanto, o planejamento e os objetivos precisam ser claros, afinal, é importante sabermos o que desejamos alcançar para que se possa avaliar o processo e o resultado. (Assis, Barros; Cardoso, 2008, p.3)

O planejamento participativo, por sua vez, é um instrumento que pode melhorar a qualidade da educação, pois, “ao garantir a democratização das escolhas e do direcionamento educativo, contribuiremos para a melhoria das condições de trabalho, da qualidade do ensino, do desempenho discente e docente” (SILVA; MOREIRA, 2022 p.12). Um planejamento que se valha dos princípios democráticos, tende a culminar em melhores condições de trabalho, pois, o engajamento dos alunos na tomada de decisões pode fazê-los mais ativos e vigilantes para que as condições materiais sejam favoráveis. Tende também, a uma melhoria da qualidade de ensino, pois, planejamento participativo pressupõe que os alunos saibam o que será ensinado e quais os resultados esperados, assim, tendo alunos e professor empenhados em alcançar as metas estabelecidas coletivamente, espera-se que o desempenho tanto docente como discente, também sejam melhorados. (SILVA; MOREIRA, 2022)

O planejamento participativo promove a participação popular e insere o estudante em uma outra dimensão de conhecimentos e experiências em educação, promovendo uma formação para a cidadania, como aponta Gadotti:

A participação popular e a gestão democrática fazem parte da tradição das chamadas “pedagogias participativas”, sustentando que elas incidem positivamente na aprendizagem. Pode-se dizer que a participação e a autonomia compõem a própria natureza do ato pedagógico. Formar para a participação não é só formar para a cidadania, é formar o cidadão para participar, com responsabilidade, do destino de seu país; a participação é um pressuposto da própria aprendizagem (Gadotti, 2014).

É com especial atenção à possibilidade de fomentar e aumentar a democratização das escolhas tanto nas aulas de educação física, na escola, como na sociedade em geral, é que o planejamento participativo se apresenta como alternativa às problemáticas da Educação Física. Entendo que o planejamento não deve ser, per si, elemento suficiente para promover a transformação da realidade social da Educação Física, mas demonstra ser fundamental para que essa mudança ocorra.

Referência em planejamento participativo, Gandin (2001) afirma que:

O Planejamento Participativo pretende ser mais do que uma ferramenta para a administração; parte da ideia que não basta uma ferramenta para “fazer bem as coisas” dentro de um paradigma instituído, mas é preciso desenvolver conceitos, modelos, técnicas, instrumentos para definir “as coisas certas” a fazer (Gandin, 2001, p.87).

O autor não nega o caráter administrativo do planejamento participativo, mas esclarece que essa ferramenta deve estar aliada a conceitos, modelos, técnicas e instrumentos para fazer a coisa certa, ou seja, nessa forma de planejamento há sempre uma intencionalidade que rejeita a neutralidade, na pretensão de modificar a realidade.

Ao falar sobre a escola, Gandin ressalta:

Não basta que os professores, isoladamente ou mesmo em conjunto, definam “como” e “com que” vão “passar” um conteúdo preestabelecido, dando, assim, um caráter de só administração ao trabalho escolar; é necessário que se organizem para definir que resultados pretendem buscar,

não apenas em relação a seus alunos, mas no que diz respeito às realidades sociais, e, que, a partir disto realizem uma avaliação circunstanciada de sua prática e proponham práticas alternativas para ter influência na construção social. (Gandin, 2001, p.87)

É imprescindível que os objetivos almejados, sejam pensados não apenas no que diz respeito ao ensino pragmático dos conteúdos, mas sobretudo, na apropriação que os estudantes fazem desse conteúdo tendo em vista suas realidades sociais. Na Educação Física, ao tematizar um conteúdo, deve-se ter em consideração as (im)possibilidades que os estudantes tem de praticar aquele esporte no contexto familiar ou comunitário, as relações de gênero e raça significadas nessa prática, a abordagem midiática que esse conteúdo recebe, a relação dessa prática com a saúde e com o lazer, e toda a rede de significados construídos culturalmente presentes nessa prática (NEIRA, 2011), (DARIDO, 2020) (MEZZETTI, 2020), (PEREIRA, 2020). Qual é a interpretação feita atualmente dos conteúdos tematizados e como queremos que a sociedade interprete aquele conteúdo, são questões que precisam ser pensadas para a definição dos resultados a serem buscados na prática pedagógica.

Gandin (2001) também argumenta que a

participação no Planejamento Participativo inclui distribuição do poder, inclui possibilidade de decidir na construção não apenas do “como” ou do “com que” fazer, mas também do “o que” e do “para que” fazer; além disto, o Planejamento Participativo contém técnicas e instrumentos para realizar esta participação. (Gandin, 2001, p.88)

No planejamento participativo o poder e a tomada de decisões são compartilhados, assim, o professor, deve usar de sua autoridade, para provocar e promover a participação dos estudantes, colocando em discussão os conteúdos de seu componente curricular. Isso pode causar, em primeiro momento, certo estranhamento e desconforto à quem esteja acostumado ao domínio e controle das ações centralizadas na figura do professor. Contudo, essa prática tende a melhorar a compreensão que os estudantes tenham da especificidade desse componente curricular, a Educação Física no nosso caso.

Betti e Zuliani (2002) ao definirem as finalidades da Educação Física apontam que:

A Educação Física enquanto componente curricular da Educação básica deve assumir então uma outra tarefa: introduzir e integrar o aluno na cultura corporal de movimento, formando o cidadão que vai produzi-la, reproduzi-la e transformá-la, instrumentalizando-o para usufruir do jogo, do esporte, das atividades rítmicas e dança, das ginásticas e práticas de aptidão física, em benefício da qualidade da vida. (Betti; Zuliani, 2002, p. 75)

Nesse sentido, o planejamento em Educação Física deve contemplar essa introdução e integração do aluno na cultura corporal de movimento, sem desconsiderar as experiências prévias dos estudantes. Entender que o estudante é detentor de vivências e conhecimentos é parte fundamental em uma proposta de planejamento participativo.

A participação dos estudantes no planejamento é uma forma de dar visibilidade aos indivíduos com seus saberes e dar voz aos sujeitos antes invisibilizados e silenciados. É uma forma de construção da cidadania e da democracia. A proposta de planejamento participativo faz essas construções sem abandonar o que é próprio e central na Educação Física: a cultura corporal de movimento. (Collier, 2018)

Planejar com os estudantes, é uma opção. A cultura corporal de movimento pode ser introduzida e integrada às aulas sem a participação dos estudantes no planejamento, logo, trazê-los para essa fase do fazer pedagógico tem um caráter político. E essa opção pode explicitar antagonismos e divergências que de outra maneira não estariam suscitadas. Então, por que escolher o planejamento participativo? Porque é na diversidade que se alcança a formação do cidadão.

Entendendo que a formação cidadã e a construção da democracia não são trajetórias lineares e determinísticas e tendo em vista que a “educação é um projeto de longo prazo” o planejamento participativo se situa como uma forma de potencializar que os estudantes se desenvolvam criticamente (UNIBALSAS-CENTRO UNIVERSITÁRIO, 2019).

Assim, essa formação na Educação Física não se dá de forma pontual e isolada, mas é processo contínuo e está atrelada ao conjunto de conhecimentos que integram a cultura corporal de movimento. Ou seja, há uma diversidade de saberes e práticas a serem escolarizados.

O universo da cultura corporal de movimento, materializado em suas mais diversas práticas corporais, encerra conjunto riquíssimo e diversificado de saberes. Desse modo é fundamental que a Educação Física escolar aborde esse conjunto de conhecimentos nas aulas já que é o componente curricular que se ocupa, de forma específica, dessa dimensão cultural. Sendo esses saberes indispensáveis para que o aluno potencialize a compreensão da realidade em que está inserido e qualifique a sua participação no mundo social. Não possibilitar o acesso a esses conhecimentos é perder a oportunidade de enriquecer a vida dos alunos. (Darido; González; Ginciene, 2020)

Compartilhando da perspectiva de Maldonado e Neira (2022), o planejamento participativo também se situa como uma das propostas de promoção do engajamento dos alunos nas aulas. Os autores afirmam que:

Em diálogo com Falkembach (2008), enfatizamos que o planejamento participativo potencializa experiências educativas pautadas em princípios democráticos, já que todas e todos os(as) sujeitos(as) se envolvem efetivamente com as escolhas realizadas nas aulas... (Maldonado; Neira, 2022 p.255)

Esse envolvimento dos estudantes pode resultar em que os alunos se percebam relevantes para o bom andamento das aulas, com isso, espera-se que o planejamento participativo ajude a reduzir os casos de indisciplina e afastamento nas aulas de Educação Física.

## 2.2 Educação para a autonomia

A autonomia tematizada aqui, supera as definições dos dicionários, vai além do autogoverno e da autodeterminação. O entendimento de autonomia adotado neste trabalho se baseia na obra de Paulo Freire, em especial, na Pedagogia da Autonomia. Viana Junior (2017) ao escrever sobre a educação para a autonomia, argumenta que:

Para Freire a autonomia se insere num sentido sócio-político-pedagógico, isto é, parte de uma construção conquistada a partir das vivências e de noções da liberdade e das tomadas de decisões. É a partir desta consciência e da intervenção que há uma mudança de um sujeito passivo e heterônomo, para um homem ativo e autônomo. (Viana Junior, 2017)

Assumindo essa posição, nos é possível acreditar que a autonomia almejada

será construída a partir de experiências como a do planejamento participativo. Cumpre ressaltar que essa experiência, não deve estar isolada, mas deve ser entendida, segundo a ideia de uma “construção conquistada”, como mais um tijolo. Não basta apenas promover o planejamento participativo, é necessário agir de forma democrática, exercendo uma autoridade sem autoritarismo, para que os estudantes desenvolvam, na convivência com o outro e as diferenças, a autonomia.

Para Freire o homem não nasce homem, ele se forma homem a partir de sua inserção no mundo e isso se dá pela educação.

Presença no mundo não é a de quem a ele se adapta, mas a de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser apenas objeto, mas sujeito também da História. [...] Na verdade, o inacabamento do ser ou sua inconclusão é próprio da experiência vital. Onde há vida, há inacabamento. Mas só entre mulheres e homens o inacabamento se tornou consciente. (Freire, 2022, p. 53).

Para ele, autonomia tem a ver com a assunção de ser presença no mundo, a consciência do inacabamento e o reconhecimento de ser condicionado. Assim, a conquista da autonomia não se dá de uma vez por todas, mas é algo que precisa ser constantemente buscado. O inacabamento permanece, a despeito de nossa busca. Somos todos inacabados, a autonomia é parte da consciência do inacabamento e da possibilidade de nos movermos a um outro patamar, ou seja, de agirmos no mundo de maneira tal que se modifique o estado de inacabamento a que estamos submetidos. É o que nos faz sujeitos da História.

Gosto de ser gente porque, inacabado, sei que sou um ser condicionado, mas, consciente do inacabamento, sei que posso ir mais além dele. Esta é a diferença profunda entre o ser condicionado e o ser determinado. A diferença entre o inacabado que não se sabe como tal e o inacabado que histórica e socialmente alcançou a possibilidade de saber-se inacabado. (Freire, 2022, p. 52 e 53).

O inacabamento não deve ser entendido apenas como limitação, como condicionante, mas como possibilidade. É essa consciência do inacabamento, que nos possibilita avançar, que nos permite ser mais, ir além. Uma educação para autonomia deve conscientizar os estudantes do inacabamento e a Educação Física não se esquia dessa missão.

Gosto de ser gente porque, como tal, percebo afinal que a construção de minha presença no mundo, que não se faz no isolamento, isenta da

influência das forças sociais, que não se compreende fora da tensão entre o que herdo geneticamente e o que herdo social, cultural e historicamente, tem muito a ver comigo mesmo. (Freire, 2022, p. 53).

Reconhecer que a construção da presença dos sujeitos no mundo não se faz no isolamento é desafiar a lógica do individualismo e da meritocracia, tão presentes no modelo de Educação Física pautado pelos esportes midiáticos. Tal presença no mundo está influenciada por forças sociais, na tensão entre heranças genéticas, sociais, culturais e históricas é ao mesmo tempo, negar um determinismo que essas influências podem nos iludir a acreditar, mas, perceber que os nossos gostos, aptidões e atitudes não estão totalmente alijados dessas ascendências.

Sendo assim, o planejamento participativo poderá ser usado como uma estratégia na construção da autonomia dos estudantes. Autonomia que reconhece, mas não se resigna ao inacabamento.

É essa perspectiva de educação para a autonomia que se pretende adotar neste trabalho. Educação enquanto ferramenta de formação e transformação dos sujeitos. Educação que enxergue as pessoas como sujeitos e não como objetos ou receptáculos de conteúdos e objetivos de ensino. Educação que reconheça a prática formadora como “de natureza eminentemente ética” (Freire, 2022).

Autonomia num sentido que supere a ideia individualista de autogoverno, que contemple outros aspectos como a criticidade e a criatividade. Autonomia que torna os sujeitos conscientes do inacabamento, o que “implica necessariamente a inserção do sujeito inacabado num permanente processo social de busca”. Autonomia que instiga a “ser mais”, a “cumprir a vocação ontológica de intervir no mundo” (Freire, 2022). Autonomia que considera o outro e só se constitui com o outro, que reconhece o inacabamento, que faz saber-nos presença no mundo e que torna imprescindível a participação.

Portanto, a coparticipação é fundamental em um planejamento participativo. Entendo que para esse trabalho a coparticipação não deve ser apenas a participação dos diversos estudantes em um mesmo planejamento, mas sobretudo, a participação que coloca em diálogo ideias e vontades diversas e por vezes

complementares, por outras conflitantes, para um objetivo comum, que no caso é o desenvolvimento das aulas de Educação Física.

A participação dos estudantes na elaboração do planejamento os coloca na posição de sujeitos de suas histórias. A coparticipação permite que essas histórias se encontrem e se entrelacem, nesse sentido a coparticipação pode garantir uma coesão no grupo dos alunos e fortalecer o sentimento de pertencimento nos estudantes. Espera-se, portanto, que o embate de ideias e vontades, presentes em todas as relações humanas, sejam harmonizados em prol do bem comum.

Um planejamento que pretenda desenvolver nos estudantes as noções e os valores da convivência democrática e da educação para a autonomia, não pode se furtar ao enfrentamento dos desafios que podem e certamente irão surgir. Esse enfrentamento parece tanto mais vigoroso, quanto mais engajados no processo e portanto, desejosos de bom êxito, estiverem os estudantes.

De acordo com Paulo Freire: “ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo.” (Freire, 1987, p. 44). Dessa forma, a coparticipação por meio do planejamento participativo, é um processo formativo com vistas a que os estudantes se eduquem entre si.

Afinal, a educação não é possível de outra forma, senão pela comunhão. De tal modo, não basta que o professor detenha conhecimentos e saberes (mundo), é preciso que os estudantes estejam em comunhão, ou seja, estejam desejosos de obter tais conhecimentos.

Assim, para romper com a educação bancária é necessário “superar a contradição entre o educador e os educandos” (Freire, 1987, p.40). Essa superação só se dá através do diálogo. Entendendo que a relação entre educador e educandos é marcada por uma diferença fundante, o conhecimento de determinado conteúdo, que é a principal fonte de autoridade do educador, o diálogo só é possível se assumirmos que é função da educação reduzir essa diferença. Nesse sentido, Freire declara:

O diálogo não é um produto histórico, é a própria “historicização”. É ele, pois, o movimento constitutivo da consciência que, abrindo-se para a infinitude, vence intencionalmente as fronteiras da finitude e, incessantemente, busca reencontrar-se a si mesmo num mundo que é comum; porque é comum esse mundo, buscar-se a si mesmo é comunicar-se com o outro. O isolamento não personaliza porque não socializa. Intersubjetivando-se mais, mais densidade subjetiva ganha o sujeito. (Freire, 1987, p. 16)

O planejamento de ensino, ditado pela coparticipação e envolvendo os estudantes, tem como premissa a abertura ao diálogo entre o conhecimento e concepções de Educação Física do professor e as expectativas e experiências dos estudantes. Essa comunicação é o que vai garantir uma ampliação dos conhecimentos dos estudantes, e também do professor. O planejamento participativo, como se estruturará nesse trabalho, tende a ser um instrumento promotor do diálogo tanto entre o professor e os estudantes, como entre uns estudantes e outros, na medida em que ele é elaborado conjuntamente.

Para Freire (1987):

O educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os “argumentos de autoridade” já, não valem. Em que, para ser-se, funcionalmente, autoridade, se necessita de estar sendo com as liberdades e não contra elas. (Freire, 1987, p. 44).

O professor, embora deva cumprir o seu ofício diligentemente, não deve ser entendido como superior, mas como alguém está em constante formação, porque “ninguém se educa a si mesmo” essa formação acontece pela relação dialógica com os estudantes. Quanto ao papel do professor, Freire adverte que, se de um lado não podemos nos enganar, ignorando a especificidade da tarefa do professor, por outro devo assumir que o meu papel fundamental é contribuir para que o educando vá construindo sua própria formação (Freire, 1987, p. 44; 2022, p. 68)

Defender uma Educação Física para a autonomia dos sujeitos baseada na coparticipação não contradiz a função do professor, mas, deve ser o objetivo de sua presença na escola.

A intervenção pedagógica do Professor de Educação Física comporta, assim, um desafio: organizar o ensino para que seus estudantes realizem o direito de conhecer, de provar, de criar, de recriar e de reinventar, de fazer de muitas maneiras, de brincar com essas práticas, garantindo-lhes a expansão de suas experiências com esse rico patrimônio cultural. Em outras palavras: a Educação Física tem potência para ser um tempo de fruir, de usufruir, de viver e de produzir essa cultura, um lugar de enriquecer a experiência humana, posto que essas práticas são possibilidades afetivas, lúdicas e estéticas de apreender e entender o mundo - e de agir nele.  
(VAGO, 2012, p. 84 e 85)

E assim, educar e ser educado são dois lados da mesma moeda. Na condição de professor nos primeiros anos de docência, consciente do inacabamento e de minha presença no mundo, tornando aos estudantes e a mim sujeitos e crescendo juntos, estando com as liberdades e o bem comum, pretendi neste trabalho executar um planejamento participativo, cumprindo uma educação para a autonomia e estimulando a coparticipação.

### 3 A CONSTRUÇÃO DO ESTUDO

Essa pesquisa se enquadra nas definições da pesquisa social, na medida em que “as questões da investigação estão relacionadas a interesses e circunstâncias socialmente condicionadas. São frutos de determinada inserção no real, nele encontrando suas razões e seus objetivos” (Minayo, 2002, p. 17 e 18). Assim sendo, entendemos que, para os objetivos deste estudo, a pesquisa de abordagem qualitativa foi a melhor alternativa. Minayo alega que as ciências sociais, e por consequência os estudos em Educação, tem um “caráter especificamente qualitativo” (Minayo, 2002, p. 15). É característica fundamental da pesquisa qualitativa a análise dos sentidos e significados das práticas sociais. Através desse tipo de abordagem, o pesquisador, ainda que apenas de forma incompleta e insuficiente, poderá compreender as estruturas sociais e as relações nelas implicadas.

De acordo com Penteado e Garrido (2010), a cultura educacional e a cultura científica abordam relações específicas com o conhecimento e tendo o processo de ensino e de aprendizagem como objeto de pesquisa, essas culturas se cruzam. Enquanto a ciência se debruça em produzir conhecimento para superar problemas do real, a docência tem o objetivo de colocar o estudante em relação com o conhecimento já produzido. Historicamente a função do professor era de transmissão cultural e não de produção de cultura. Essa visão vem sendo superada pelo entendimento de que, na escola, transmissão e produção de cultura acontecem em um mesmo movimento e não podem ser dissociadas. O professor, ao transmitir cultura, não o faz isento das subjetividades e influências contextuais, portanto, essa transmissão não é “pura”, o que acaba se tornando uma produção de nova cultura.

Diante de indagações trazidas pelo professor da escola básica e indagações levantadas pelo campo científico, iniciou-se um processo de interlocução crítica das práticas de ensino do professor, gerando uma “cultura docente” (Penteado; Garrido, 2010). Reconhecendo que as situações de ensino e de aprendizagem são sempre

únicas e, portanto, não são replicáveis, a pesquisa-ensino se mostra como um importante recurso para a atualização dos conhecimentos educacionais, aproximando cultura educacional e cultura científica, através da cultura docente.

Essa pesquisa é uma pesquisa-ensino, pois é uma pesquisa em que o professor da Educação Básica (professor-pesquisador), na condição de professor reflexivo de sua prática, auxiliado pela professora orientadora (pesquisador-professor), investigou a sua docência de modo que pode qualificar a prática, contribuir com a construção da teoria da docência, transformar o pesquisador e transformar a formação docente.

Penteado e Garrido, definem a pesquisa-ensino assim:

Denomina-se pesquisa-ensino a que é realizada durante e como ato docente, pelo profissional responsável por essa docência. Essa atuação visa à vivência de condutas investigativas na prática do ensino, que permitem exercê-lo como um processo criativo do saber docente. (Penteado; Garrido, 2010, P. 36).

Desenvolver uma pesquisa-ensino com o planejamento participativo como tema exige do professor atenção e reflexão para que o discurso e prática estejam alinhados no mesmo objetivo. Corroborando com essa perspectiva, o Currículo Referência de Minas Gerais (Minas Gerais, 2018), ao tratar da Educação Física, aponta que:

A Educação Física ao longo de sua história serviu a vários interesses e finalidades, tendo suas bases teóricas em diversos pressupostos: biológicos, motores, de desempenho, etc. Este componente curricular desenvolveu práticas e atividades ora voltadas para a formação e conformação de corpos submissos, fortes e sadios, disponíveis para o trabalho, ora voltadas para a formação de corpos disciplinados e eficientes, base de potências esportivas. Ainda encontramos muitos resquícios destes princípios em planejamentos e desenvolvimento das aulas da Educação Física escolar. De alguma maneira, ainda contribuimos para ideais seletivos, excludentes, higienistas e acrílicos.

Para superar estes pressupostos e constituir as aulas de Educação Física como um espaço de desenvolvimento humano e construção de conhecimento, que corrobora com a formação de sujeitos críticos, criativos, solidários, saudáveis e felizes é necessário que como profissionais da educação estejamos sempre atentos e reflexivos, construindo e revendo sempre princípios, práticas e valores, buscando coerência entre nossos discursos e intenções formativas e nossas práticas pedagógicas. (Minas Gerais, 2018, p. 340)

### 3.1 A escola e os participantes

Essa pesquisa foi realizada no ano de 2023 na Escola Estadual José Rodrigues Betim, que se situa no bairro Cascata, em Ibitaré-MG. A escola atende estudantes dos bairros circunvizinhos em três turnos, sendo, Ensino Médio regular no turno da manhã, Ensino Fundamental no turno da tarde e EJA do Ensino Médio, EJA do Ensino Fundamental e Ensino Médio regular no turno da noite.

**Imagens 1a e 1b - Escola Estadual José Rodrigues Betim**



Fonte: Arquivo Pessoal

**Imagens 2a e 2b - Quadra da Escola Estadual José Rodrigues Betim**



Fonte: Arquivo Pessoal

O estudo se desenvolveu nas turmas de oitavos e nonos anos do Ensino Fundamental, 8<sup>o</sup>2, 8<sup>o</sup>3, 9<sup>o</sup>1 e 9<sup>o</sup>2. O estudo contou com a participação de 27 estudantes na turma 8<sup>o</sup>2, 28 na turma 8<sup>o</sup>3, outros 29 no 9<sup>o</sup> 1 e, por fim, 29 na turma 9<sup>o</sup>2. Sendo assim o total de estudantes que essa pesquisa contemplou foram 113 nas 4 turmas, todos adolescentes, entre 13 e 15 anos de idade.

### **O 8<sup>o</sup> ano 2**

A turma 8<sup>o</sup>2 foi uma turma considerada pelos professores como tranquila quanto à disciplina, porém, sem muita iniciativa nas atividades da escola. Nessa turma, 3 estudantes eram repetentes e demonstraram pouco interesse com a escola e as aulas. Na Educação Física dessa turma, havia um grupo de aproximadamente 12 estudantes que sempre participavam das atividades voluntariamente, outros 5 que nunca participavam, dentre os quais estão os estudantes repetentes, enquanto os demais alunos da turma tinham a participação condicionada ao tipo de atividade e aos estímulos adotados.

**Imagens 3a e 3b-** Turma 8<sup>o</sup>2 na sala de aulas e no corredor



Fonte: Arquivo Pessoal

### O 8º ano 3

A turma 8º3 era composta por estudantes mais engajados, do ponto de vista do envolvimento com as aulas, contudo, por ser uma turma que conversa muito e de assuntos que às vezes não condiz com o momento das aulas, os professores consideravam essa turma como agitada. Nessa turma 2 estudantes eram repetentes. A maioria da turma participava das aulas de forma voluntária e entusiástica, entretanto, havia 3 alunos que raramente participavam e outros 5 alunos que participavam dependendo da atividade. Na turma tinha um cadeirante, com paralisia cerebral que geralmente não ficava em sala com os demais estudantes e, portanto, não participava das aulas. Este estudante não desenvolveu a fala e emitia apenas sons ininteligíveis. Assim, quando estressado com algo, o aluno emite tais sons e impossibilitava o andamento normal da aula e a professora de apoio optava por tirá-lo da sala levando-o ao pátio ou à biblioteca até que ele se acalmasse, por vezes o estudante ficava fora de sala de aula até o final do turno. Este aluno faltava muito às quartas-feiras e não ia à escola às sextas-feiras, pois é o dia em que a família dava remédios com efeito colateral. Assim, embora ele seja um aluno de inclusão, a inclusão não estava acontecendo. Nessa turma havia também uma aluna portadora de nanismo, essa estudante participava de todas as atividades e geralmente eram feitas poucas ou nenhuma adaptação, a depender da atividade.

#### Imagens 4a e 4b - Turma 8º3 na sala e no corredor



Fonte: Arquivo Pessoal

## O 9º ano 1

Nos nonos anos não havia alunos repetentes. Na turma 9º1, a característica predominante, de acordo com a definição dos professores em conselho de classe, era a bagunça. “O 9º1 é uma turma bagunceira”, era comentário comum. Era uma turma onde havia muita conversa e os estudantes não obedeciam ao mapeamento (mapeamento é a definição do lugar onde cada aluno deve se sentar na sala) e trocavam de lugar para conversar. Nessa turma era comum conversas e brincadeiras sexualizadas e o uso de “palavrões” era constante. Dito isso, ressalto que as aulas de Educação Física foram um contraponto, a questão das conversas e dos lugares do mapeamento não eram um problema relevante e embora às vezes acontecesse conversas e brincadeiras sexualizadas, os estudantes entendiam quando eram repreendidos e cessavam. Além disso, todos os estudantes participavam das aulas. Havia na turma uma estudante diagnosticada com autismo, que não desenvolveu interação social e não participou das atividades práticas, mas ficou observando as aulas. Esta estudante também tem a fala comprometida, mas conseguia se comunicar com sua professora de apoio. Nas vezes em que foi perguntada se queria participar da aula, a estudante não respondeu ou escondeu o rosto demonstrando estar desconfortável. Nas aulas de sexta-feira, no último horário, ela já não estava na sala, visto que o escolar a levava embora por volta de 16:40. Assim, mais uma vez, a inclusão não estava sendo efetivada e tenho muita dificuldade em encontrar uma solução.

**Imagens 5a e 5b - Turma 9º1 na sala e no corredor**



## O 9º ano 2

Com relação à turma 9º2, uma marca era a individualização. Enquanto nas outras turmas as características se aplicam a diversos estudantes e os grupos são mais ou menos homogêneos, no 9º2 cada estudante tem uma postura muito peculiar e embora seja possível identificar grupos com comportamentos específicos, um mesmo aluno dependendo da situação, vai estar em diferentes grupos, o que dificulta definir um perfil geral da turma. Em suma, nesta turma os estudantes tinham um comportamento mais autônomo e menos vinculado aos grupos de afinidade. Nessa turma, durante a Educação Física, a grande maioria dos estudantes participava das aulas, todavia, havia aproximadamente uns 10 estudantes que só participavam com alguma insistência, nesta turma não tinha alunos que se recusam sistematicamente, mas por vezes um ou outro se recusava em participar.

### Imagens 6a e 6b – Turma 9º2 na sala e no corredor



Fonte: Arquivo Pessoal

A escolha dessas turmas se deu pela minha dificuldade com situações de indisciplina e afastamento das aulas de Educação Física no ano anterior, envolvendo as turmas de anos finais do Ensino Fundamental. Entendo que 2022 foi um ano diferenciado nas escolas, após quase dois anos em estudos remotos devido a Pandemia de Coronavírus, os estudantes pareciam não estarem habituados ao convívio coletivo e a rotina da escola, foi um ano em que a escola registrou muitos

casos de violência entre alunos e casos de indisciplina, somado a isso, notou-se também um aumento expressivo nos casos de crises de ansiedade e de pânico, além de um alto índice de infrequência. Apesar de atuar também nas turmas de Ensino Médio e EJA, no noturno dessa mesma escola, e em turmas dos anos iniciais do Ensino Fundamental pela manhã, em outra escola, a indisciplina e o afastamento/desinteresse são problemas que, ou não aparecem ou são atenuados, e não me provocaram tanto desconforto quanto nas turmas de adolescentes, à tarde.

### 3.2 Desenvolvimento

A fase de desenvolvimento das atividades com os estudantes desta pesquisa estava inicialmente prevista para o 1º semestre de 2023, contudo devido às minhas dificuldades na elaboração do projeto de pesquisa, a empiria precisou ser adiada para o 2º semestre. Entretanto, decidimos adotar a metodologia de planejamento participativo desde o início do ano e, assim, no dia 1º semestre foi desenvolvido um “planejamento piloto”.

Na sequência, a pesquisa iria começar no início de agosto, mas precisou ser adiada por alguns dias. Nos dias iniciais de agosto os estudantes foram informados sobre o estudo e sua metodologia. Assim, o trabalho de campo propriamente dito, teve início em 25 de agosto de 2023.

A duração prevista para a realização das aulas relativas a esta pesquisa na escola foi de 4 meses, entre agosto e dezembro. Nesse intervalo, foram programados 28 encontros/aulas com os estudantes. O estudo foi realizado em etapas. A primeira etapa foi o momento de apresentação e explicação aos estudantes sobre o planejamento participativo e sobre os conteúdos da Educação Física, ficando uma aula dedicada a ela.

Em uma segunda etapa, foi desenvolvido o planejamento propriamente dito e para esta etapa houve um momento com todos os estudantes reunidos no dia 30 de agosto: o dia das escolhas e da votação.

A terceira etapa consistiu na execução das aulas conjuntamente planejadas, esta etapa teve início em setembro e término em dezembro. Foram 26 encontros dedicados às aulas de execução do planejamento e avaliação do processo. Uma outra etapa, que não deve ser entendida como última, dado que esteve presente em todo o processo e consistiu na avaliação do planejamento participativo e da execução das aulas. Ao longo do processo, ela se deu no cotidiano com os estudantes e foi feita por diversas formas, desde conversas informais, perguntas em aulas, até um registro final com reflexões dos estudantes.

### 3.2.1 A apresentação e as escolhas

Na primeira etapa, que se desenvolveu no horário normal das aulas e, portanto, com as turmas separadas, anunciei aos estudantes a pesquisa e os seus objetivos. Esses momentos de conversas e esclarecimento de dúvidas sobre a pesquisa aconteceram no início das aulas regulares de agosto. Essa etapa continuou com a apresentação do planejamento participativo, seus pressupostos e finalidades, e como ele seria desenvolvido nas aulas de Educação Física da escola, explicando que o planejamento participativo, além de ser o tema dessa pesquisa, seria a metodologia adotada para a rotina de nossas aulas. Na sequência, abordei os conteúdos da Educação Física, por meio de uma apresentação. Para essa apresentação, foi elaborado um *PowerPoint*, intitulado Planejamento Participativo: Educação Física 2023 E.E. José Rodrigues Betim, com slides explicativos sobre o que é Educação Física, o que é planejamento participativo, quais são os conteúdos da Educação Física e como aconteceria o planejamento participativo das nossas aulas. Assim, os estudantes puderam conhecer a diversidade dos conteúdos da Educação Física, que estão organizados de acordo com as unidades temáticas da

BNCC. Este material consta no Anexo 1 e é parte do Produto Educacional desta pesquisa.

Sabemos que os estudantes de 8º e 9º anos já tem uma concepção de Educação Física formada e, pelo histórico da escola e por conversas em aulas passadas, essa concepção está associada à esportivização e a um tipo específico de esporte, os esportes coletivos de quadra, “o quarteto fantástico”. A partir desses slides, foram apresentados outros conteúdos e discutidas com os alunos as possibilidades e limitações materiais que a Educação Física na nossa escola tem para a prática dessa diversidade.

A escrita do texto nos slides visava fazer aproximações entre os documentos normativos da Educação Física Escolar e a realidade dos estudantes, em alguns textos optei por fazer uma citação direta da BNCC, enquanto em outros, preferi escrever em linguagem mais coloquial e acessível. Contudo, em todos os slides, independente da forma de escrita adotada, foram realizadas explicações e os estudantes puderam tirar dúvidas e tecer comentários.

Quanto à escolha das imagens ilustrativas, foram priorizadas aquelas que, representando o conteúdo ou prática explicada, tivesse relação com o ambiente escolar ou ilustrassem pessoas em idade escolar. Isso, na expectativa de que essas imagens pudessem causar uma percepção nos estudantes, de que a escola é um local de possibilidades. Quando da exibição de imagens relativas às ginásticas, usei fotos dos próprios estudantes da escola, o que foi, certamente, fator de identificação entre eles.

Embora reconheça que o *PowerPoint* tenha ficado muito denso no conteúdo Esportes (tema de 15 slides) e que essa centralidade dos esportes é uma característica expressa na BNCC, durante a apresentação busquei trazer ao conhecimento dos alunos os demais conteúdos e suas possibilidades. Assim, considero que a apresentação dos conteúdos não rompeu com a BNCC e a tradição esportivista que fez parte da minha trajetória. Mesmo reconhecida a preponderância dos esportes na cultura corporal dos estudantes, objetivou-se, ao abordar os demais conteúdos, ressaltar as suas potencialidades e o quão interessante é que possamos conhecê-los e praticá-los.

A segunda etapa do estudo foi a etapa do planejamento em que os alunos escolheram conjuntamente os conteúdos que seriam tematizados no semestre. Essa etapa se deu em momento que foi acordado com a escola, pois todas as quatro turmas participantes dessa pesquisa foram reunidas. Devido às minhas condições de trabalho e considerando as minhas limitações pessoais, julgo que não seria viável fazer quatro planejamentos diferentes, um para cada turma. Sendo assim, foi desenvolvido um planejamento comum a ser aplicado às turmas.

Para garantir que as quatro turmas tivessem a oportunidade de participar em condições de igualdade, foi construída uma metodologia para a votação em que todos os estudantes puderam participar reunidos em grupos de livre escolha, recebendo uma folha de votação com diversas opções de conteúdo de cada unidade temática. Portanto a escolha dos conteúdos não foi em função da turma, isoladamente, mas do coletivo de estudantes participantes das nossas aulas. Para otimizar o diálogo e a interação, no ato da tomada de decisões e exercício do poder de escolha, eles estiveram dispostos em grupos de quatro pessoas e foi disponibilizado tempo suficiente para que essa interação acontecesse. Em cada folha de votação puderam ser registrados dois votos por unidade temática/bloco de conteúdo (brincadeiras e jogos, esportes, danças, lutas, ginásticas e práticas corporais de aventura). A folha de votação adotada consta no Anexo 2.

A opção pelos conteúdos disponíveis para serem votados em cada unidade temática objetivou oferecer aos estudantes tanto práticas que já lhes são conhecidas, como também atividades que não estavam presentes no cotidiano deles. A queimada, o handebol, o funk, o muay thai, as ginásticas de condicionamento físico e o skate, são conteúdos que já haviam sido lecionados anteriormente neste ano e, portanto, não foram disponibilizados para a votação. Nos jogos e brincadeiras optou-se por apresentar, sobretudo, jogos e brincadeiras tradicionais, excluindo por exemplo os jogos eletrônicos. Nos esportes buscou-se, priorizando os esportes com maior apelo popular, oferecer práticas de diversas classificações da BNCC. O Futebol/Futsal não foi incluído dentre as opções, pois já seria contemplado inexoravelmente, devido ao Projeto Interclasse que é um projeto interdisciplinar de jogos de Futsal. Tanto no conteúdo lutas, como nas danças,

priorizei as práticas tradicionais e/ou regionalizadas. Para as ginásticas, tentei oferecer todas as possibilidades, lembrando que algumas ginásticas são esportes técnico-combinatórios e foram ofertadas como tais. Por fim, mas não menos importante, para as práticas corporais de aventura, a oferta das atividades seguiu a viabilidade de realização na escola ou em seu entorno.

Depois que os estudantes escolheram os conteúdos que gostariam de aprender, foram recolhidas as folhas de votação e contabilizados os votos. Foi escolhido um conteúdo por unidade temática/bloco de conteúdos e os conteúdos escolhidos foram anunciados no mesmo momento da votação, com as turmas reunidas. Coube a mim, enquanto professor, definir a ordem dos conteúdos e a quantidade de aulas destinadas a cada um dos conteúdos. Essa definição observou as condições materiais da escola e as condições e limitações didático-pedagógicas enfrentadas para cada conteúdo. O planejamento das aulas foi então dividido em unidades didáticas e as mesmas constam no Anexo 3. Por fim, elaborei um cronograma que foi entregue aos estudantes, informando das aulas do semestre (Anexo 4).

A terceira etapa consistiu na execução das aulas com os conteúdos planejados. Para essa etapa, eu, na condição de professor-pesquisador estive atento para atender tanto as demandas do cotidiano das aulas, como também as demandas dessa pesquisa, que simultaneamente, exigem esforços de observação e intervenção na realidade.

### **3.2.2 As observações e os registros**

A observação é o principal instrumento de apreensão da realidade, embora reconheça que a capacidade de observação é limitada e seletiva. Para essa pesquisa-ensino os estudantes foram informados sobre a observação das aulas, porém, não foram informados sobre os registros dos casos de indisciplina e afastamento, considerando que esse detalhe poderia fazê-los adotar um comportamento diverso, não em função do planejamento participativo, mas por medo desses registros. Ludke e André afirmam que “o participante como observador

não oculta totalmente as suas atividades, mas revela apenas parte do que pretende” (Ludke; André, 1986, p. 25). E, para Minayo “a técnica de observação participante se realiza através do contato direto do pesquisador com o fenômeno observado para obter informações sobre a realidade dos atores sociais em seus próprios contextos” (Minayo, 2002, p. 59).

Foi construído um diário de campo constituído pelo registro cotidiano das observações realizadas no decorrer do estudo. O diário de campo foi um caderno utilizado nas aulas para registrar as situações de destaque, os comentários e as observações feitas na pesquisa. Concordo com Falkembach quando destaca que o diário de campo “Consiste num instrumento de anotações - um caderno com espaço suficiente para anotações, comentários e reflexão - para uso individual do investigador no seu dia-a-dia, tendo ele o papel formal de educador, investigador ou não”( Falkembach,1987, p. 19).

Cumprir dizer que, para que os princípios e valores democráticos de fato se efetivem, a participação dos estudantes não deveria se resumir ao voto, realizado na etapa anterior, devendo estar presente também na fase de execução do planejamento. Para isso, coube ao professor desenvolver e oportunizar situações de protagonismo dos estudantes e dando preferência para que isso fosse feito coletivamente, tendo os pressupostos do planejamento participativo e da educação para a autonomia.

A etapa de avaliação se misturou às outras, e embora a avaliação não deve ser entendida apenas como parte final ou encerramento, ela esteve, sistematicamente, no final de cada etapa. A avaliação, por ser diagnóstica, processual e formativa, foi fundamental para que o bom andamento desta pesquisa fosse alcançado. Os estudantes avaliaram o planejamento participativo e sua execução ao final das unidades didáticas de cada conteúdo. Essas avaliações não tinham a formalidade padrão do ambiente escolar, mas foram feitas por conversas ou provocações que tentei evocar para a discussão do conteúdo. Ao final da pesquisa os estudantes realizaram uma avaliação geral das aulas relatando como foi participar das aulas desse estudo.

A avaliação final do planejamento participativo buscou captar impressões dos estudantes sobre o planejamento, a percepção de participação individual de cada estudante e a avaliação deles para cada conteúdo. Nessa avaliação, os estudantes foram perguntados sobre a contribuição do planejamento participativo para o envolvimento dos estudantes nas aulas e foi sugerido que apontassem os pontos positivos e negativos dessa metodologia. Na mesma avaliação foi disponibilizado um espaço para sugestões de melhorias das aulas. A partir dos comentários e dos registros deles, também realizei uma reflexão de minha própria prática com o objetivo de qualificar minha docência e evoluir a metodologia do planejamento participativo.

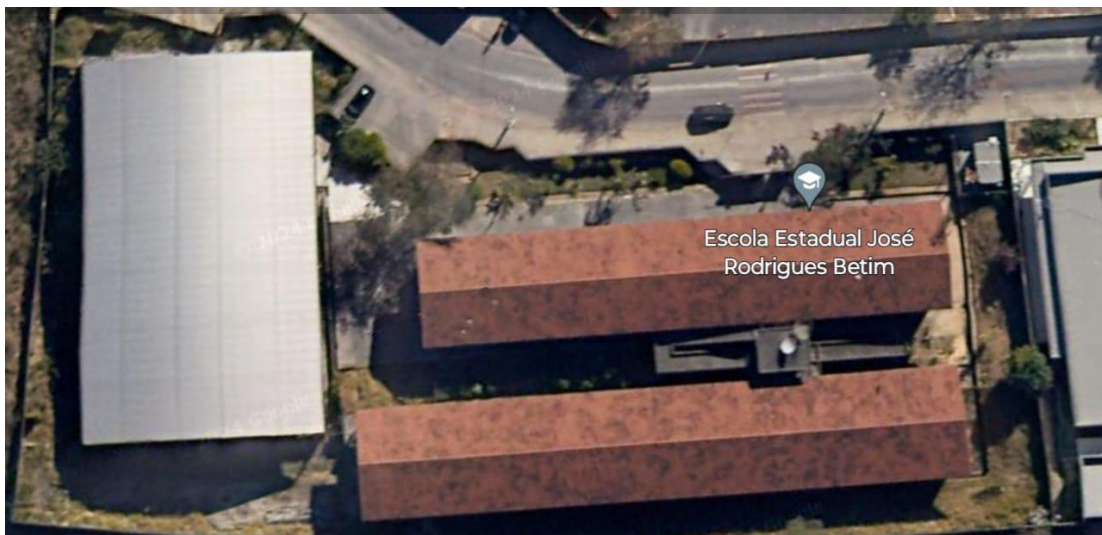
Vale ressaltar ainda que a instituição escolar onde foi desenvolvido o estudo também foi consultada, sendo informada dos objetivos do trabalho e seu desenvolvimento. A Carta de Anuência Institucional, disponibilizada no Anexo 5, prestou essa finalidade e recebeu a assinatura do diretor da escola. Os participantes do estudo foram consultados previamente, assim como suas famílias, e puderam aceitar participar do estudo, preenchendo e assinando os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE), respectivamente nos anexos 6 e 7. Esta pesquisa registrada no CAAE sob o número 70663823.8.0000.5149, foi aprovada pelo COEP-UFMG, conforme parecer número 6.327.839.

#### 4 O PLANEJAMENTO E A PRÁTICA PARTICIPATIVA

Neste capítulo apresento o planejamento participativo na experiência prática desenvolvida no Zé Rodrigues. Abordarei, portanto, o planejamento piloto, o planejamento participativo metodologicamente estruturado para essa pesquisa, o Interclasse e a forma como ele afetou as aulas. Por fim, faço uma reflexão sobre essa experiência de planejamento em diálogo com as avaliações dos estudantes.

No desenvolvimento dessa pesquisa, a escola foi ocupada em seus vários espaços: salas de aula, quadra, pátio, sala de vídeo, corredores e escadas, muros e corrimãos, espaços desativados e até a rua.

**Imagem 7** - Vista aérea da Escola Estadual José Rodrigues Betim



Fonte: Google Earth

#### 4.1 O 1º semestre de 2023 e o “planejamento piloto”

O planejamento participativo foi adotado como metodologia para as aulas de 2023. Com isso, apesar dos registros para a pesquisa de mestrado acontecerem especialmente no segundo semestre, o planejamento foi realizado de forma participativa desde o início do ano. Assim, no primeiro semestre, a experiência de planejamento teve uma grande valia no sentido de diagnóstico de situações/problemas que poderiam interferir nas aulas e na pesquisa. Contudo, cumpre ressaltar que, pela urgência das aulas que se iniciavam na escola e em função das dificuldades, resultantes em atrasos que tive na escrita do projeto para essa pesquisa, esse primeiro contato com o planejamento participativo, que pode ser chamado de “piloto”, foi feito, ainda que sem o aprofundamento nas reflexões necessárias.

Para o planejamento piloto, após uma rodada de conversa com os estudantes sobre seus conhecimentos sobre a Educação Física e incentivando-os a lembrar dos conteúdos vistos no ano anterior, constatei que os estudantes mostravam bastante vergonha em falar. Perguntados sobre o que esperavam aprender em Educação Física durante o ano, as respostas eram escassas e sempre apontando para os esportes e a queimada (também interpretada como esporte pelos estudantes).

Percebi que não tinham uma compreensão clara sobre a variedade de temas da cultura corporal de movimento e tinham (assim como eu, quando aluno) uma interpretação que reduz a Educação Física aos esportes. Interpretar a Educação Física como sinônimo de esportes não é uma exclusividade dos estudantes, mesmo entre os professores e demais funcionários da escola é comum essa associação.

Pensar a relação entre Educação Física e esporte é necessário pois, em determinado momento da história da disciplina, o esporte ganhou centralidade, como apontam González e Fensterseifer(2009):

... de forma mais intensa a partir da metade do século passado, a EF estabeleceu uma relação simbiótica com o esporte, por meio da qual esse fenômeno, em sua forma institucionalizada, acabou sendo praticamente hegemônico nas aulas de EF. A tal ponto de, no senso comum, ser plenamente possível confundir EF escolar com prática esportiva (González; Fensterseifer, 2009, p. 10).

Há mais de 30 anos o movimento renovador da Educação Física vem questionando essa prevalência do esporte e apontando para a diversidade de conhecimentos que devem ser escolarizados pela Educação Física, sem com isso pretender abandonar o esporte, mas reconhecê-lo como mais um elemento da cultura corporal de movimento.

Assim, após esse momento de diagnóstico dos conhecimentos dos estudantes, expliquei para os alunos o que é a Educação Física escolar e quais são seus objetivos e as unidades temáticas que compõem essa disciplina. Para tal, elaborei uma primeira versão da apresentação de slides que foi utilizada como base para a elaboração do Planejamento Participativo: Educação Física 2023 E.E. José Rodrigues Betim. Na aula seguinte, reuni as turmas no pátio da escola para fazermos a escolha dos conteúdos a serem tematizados.

Elaborei a folha de votação com diversas opções de conteúdo, mas o Futsal não estava presente. Apesar de já ter feito um combinado anteriormente à votação, em que entre um conteúdo e outro haveria uma aula livre e que poderia ser jogado Futsal neste momento, alguns estudantes questionaram a ausência deste conteúdo que é o predileto entre eles. A escolha por suprimir este conteúdo se deu tanto por uma necessidade material, já que não havia sido feita a compra de material esportivo e a escola estava sem bolas de Futsal, quanto por uma opção, objetivando uma maior diversificação de temas.

Os estudantes escolheram os conteúdos e eu escolhi os tempos que seriam necessários para cada um deles, considerando a minha capacidade de lecionar e conduzir as aulas de cada modalidade. As escolhas dos estudantes estão demonstradas na sequência:

- Jogos e brincadeiras - Queimada
- Esportes - Handebol
- Danças - Funk
- Lutas - Muay Thai
- Ginásticas - Ginástica de condicionamento físico
- Práticas Corporais de Aventura – Skate

Para a unidade temática brincadeiras e jogos, foi escolhida a queimada. Destinei 5 aulas para a mesma. Em cada aula os estudantes jogaram um tipo de queimada diferente e na primeira aula, após uma falar sobre as origens da queimada e os diferentes nomes e formas de jogar nas diversas regiões do Brasil, foi jogada a queimada tradicional em Minas Gerais. Na segunda aula, a queimada real foi ensinada e jogada e na terceira aula, a queimada maluca foi experimentada pelos estudantes. Na quarta aula, cada turma tinha que criar uma forma diferente de jogar queimada, na última aula, conversamos sobre as diferentes formas de jogar queimada e refletimos sobre as variedades culturais que essa brincadeira apresenta, ao final os estudantes escolheram uma das formas de jogar e jogaram novamente.

Na brincadeira de queimada a participação foi massiva, com poucas recusas. Os estudantes demonstraram estar se divertindo e ao final da unidade didática duas turmas escolheram jogar queimada em detrimento do Futsal no dia da aula livre. Para a aula livre, eu disse que os estudantes poderiam escolher o conteúdo da aula, porém todos deveriam participar da atividade escolhida. As turmas que fizeram a escolha pela queimada, 9º2 e 8º3, são turmas em que meninas exerceram papéis de liderança e ajudaram a organizar o processo de decisão para a aula livre. Na turma 9º1, a escolha pelo Futsal foi quase automática, nessa turma algumas meninas jogam futsal fora das aulas, 2 delas no time da escola. Na turma 8º2, o futsal foi escolhido, embora parte da turma preferisse a queimada.

Na sequência decidi abordar a dança escolhida, o Funk. Planejei 4 aulas, porém devido à uma paralisação, somente aconteceram 3 aulas. Na primeira aula assistimos a um vídeo sobre o surgimento e evolução do Funk tanto como gênero musical, quanto como estilo de dança. Em outro vídeo, o tema foi as problemáticas do Funk (apologia ao crime, hipersexualização e desvalorização das mulheres). Após os vídeos, houve debates e os estudantes expuseram as suas opiniões. A segunda aula começou com a exibição de mais um vídeo, este sobre as variações do Funk, na sequência aconteceu a prática da dança. Na terceira e última aula de Funk, as turmas foram convidadas a fazerem uma letra de Funk e apresentarem uma coreografia.

As aulas sobre o Funk foram um fiasco do ponto de vista da participação dos estudantes. Apesar de consumir funk em alguma medida, eu não tenho habilidades com a dança e não me preparei adequadamente para conduzir a unidade didática. Poderia ter conduzido as aulas propondo desafios com passinhos básicos, mas preferi deixar que os estudantes fizessem danças de TikTok. Desse modo, os poucos alunos que sabiam dançar, conduziam as ações e os demais, com vergonha, ficavam olhando e não se envolviam ativamente. Na aula final, apenas duas turmas fizeram a letra de Funk, todas as turmas fizeram uma coreografia mimetizando danças de TikTok.

Entre os esportes, a escolha foi pelo Handebol, foram 6 aulas sobre a modalidade. Na primeira aula os alunos fizeram um jogo diagnóstico. Na segunda aula, tentei ensinar alguns aspectos da história e das regras do Handebol. A terceira aula, foi direcionada para posicionamento, técnica de passe e recepção e técnica de drible. Na quarta aula focamos nos arremessos. Na quinta aula, foram apresentadas algumas técnicas de fintas. Embora em todas as aulas tivesse a experimentação das técnicas em situação de jogo, a sexta e última aula de Handebol foi exclusiva para jogos. As aulas de Handebol acabaram se configurando como aulas tradicionais, pois acabei repetindo o modelo esportivista com centralidade da técnica e pouca ou nenhuma reflexão sobre os sentidos e significados do fenômeno esportivo enquanto linguagem.

Os estudantes escolheram a ginástica de condicionamento físico como tema da unidade Ginástica. Assim sendo destinei 3 aulas para este conteúdo. Na primeira aula foi feita uma apresentação sobre o tema e uma explicação sobre as capacidades físicas. Ainda nesta aula, foram feitos exercícios de flexibilidade e equilíbrio. Na segunda aula, foram feitas atividades de resistência e velocidade. Na última aula foi a vez dos exercícios de força.

O envolvimento dos estudantes nestas aulas foi abaixo do habitual, muitos reclamaram de dores antes das atividades, apenas na turma 8º3 o envolvimento foi satisfatório e dentro das expectativas.

Quanto às Lutas, o conteúdo escolhido foi o Muay Thai. Estavam previstas 4 aulas, porém devido aos ensaios da festa junina, para que fosse possível a execução do próximo conteúdo dentro do semestre, só aconteceram 3 aulas nas turmas 8º3 e 9º1 e 2 aulas nas turmas 8º2 e 9º2. Na primeira aula, foram abordados alguns elementos da história, das regras e, em teoria, os golpes básicos do Muay Thai. Na segunda aula, que só aconteceu para 8º3 e 9º1, foram experimentados na prática a posição base e os golpes de punho e cotovelos. Para a terceira aula a prática envolvia os chutes e joelhadas. As turmas 8º2 e 9º2 experimentaram também os movimentos da aula anterior. Todos os golpes foram aplicados em equipamento específico para isso e nenhum aluno se machucou.

Apesar de poucas aulas, a participação e o envolvimento dos estudantes foi muito elevado. Os equipamentos de proteção, que são elementos diferentes na aula, atraíram bastante a atenção dos estudantes. Me surpreendi sobretudo com a participação das meninas, pois, mesmo as que inicialmente demonstraram algum receio, em pouco tempo já estavam experimentando os golpes. Tanto pelo tempo curto, quanto pelas questões de segurança, não foi possível vivenciar a luta propriamente dita.

O Skate foi a modalidade escolhida enquanto Prática Corporal de Aventura. As aulas de Skate inicialmente seriam 4, depois passaram para 3 e por fim, ficou definido o tempo de 2 aulas. Contudo, por causa dos projetos da escola, algumas aulas foram realizadas interdisciplinarmente. Assim, ao final do semestre, apenas 1

turma havia realizado as aulas. Decidi concluir o conteúdo no início do semestre seguinte, depois das férias, quando foram realizadas 3 aulas de Skate. Na primeira aula, foi apresentado aos estudantes os diferentes tipos de skate e as diversas formas e modalidades que essa prática de aventura apresenta. Ainda nessa aula, os estudantes, usando uma tábua sobre uma garrafa e depois sobre uma bola fizeram atividades de equilíbrio. Na segunda aula, com os skates, foram feitas as primeiras experimentações. Na terceira aula, os skates foram usados novamente e os estudantes foram desafiados a fazerem um deslocamento com mudança de direção.

As aulas de skate foram marcadas por reações diversas dos estudantes. Enquanto nas turmas de 8º ano os estudantes menos participativos e mais tímidos demonstraram grande interesse, nas turmas de 9º anos, mesmo os estudantes mais ativos se mostraram relutantes e receosos. Em todas as turmas, alguns dos estudantes mais tímidos ou com menor participação nas demais aulas, mostraram maior interesse e envolvimento no tema. O medo e a vergonha de cair estavam presentes em todas as turmas, contudo, de modo geral não foi empecilho e a grande maioria dos estudantes participou ativamente.

A maior dificuldade foi a quantidade baixa de skates disponíveis. Havia inicialmente uma perspectiva de conseguir mais skates por empréstimo, porém, não se confirmou. A escola não tem skates em seus materiais. Na primeira aula incentivei que os estudantes que tivessem skate levassem nas aulas seguintes, desse modo, somado com os dois skates que eu havia levado as aulas aconteciam na maioria das vezes com pelo menos 3 skates, além das pranchas de equilíbrio, que ficavam sempre disponíveis. Ainda que os participantes que estavam sem skate para si atuaram ajudando os colegas, tive a percepção de que, com mais skates, os tempos de espera entre uma ida e outra seriam menores e os estudantes aproveitariam mais os tempos de experiência.

A experiência do planejamento piloto foi importante pois permitiu que os estudantes vivenciassem, desde o início do ano, uma participação no planejamento. Essa participação era novidade, tanto para eles quanto para mim, e isso mudou a minha forma de abordar os conteúdos. Saber que é do interesse deles conhecer outros elementos da cultura corporal aumenta a minha necessidade de preparação

para as aulas. Embora tenha me preparado relativamente bem, do ponto de vista teórico, na prática, os imprevistos do cotidiano da escola, a falta de experiência para contornar adversidades e uma esportivização excessiva na minha forma de conduzir as aulas foram determinantes em alguns momentos em que houve dissonância entre o planejado e o executado. Por outro lado, notar o entusiasmo dos estudantes durante as aulas é gratificante e fez perceber que, embora com percalços que poderiam ser evitados, planejar com eles para estimular uma participação efetiva nas aulas, estava sendo uma opção acertada.

O planejamento piloto me conferiu alguma experiência e me ajudou a identificar dificuldades a serem superadas, como a questão do prazo curto para a execução das aulas. Foi positivo também para que eu revisse e refletisse sobre minha docência e fizesse os primeiros aprimoramentos para a continuidade do ano letivo e para esta pesquisa.

Por fim, avalio que a principal contribuição do planejamento piloto foi iniciar o processo de superação da hegemonia do esporte na Educação Física e de “alfabetização” em outras práticas, conforme Vago (2009).

A predominante (muitas vezes exclusiva) presença do esporte nos programas escolares de Educação Física produz um efeito perverso na formação cultural dos estudantes: um analfabetismo em outras práticas corporais da cultura, como os jogos populares (um riquíssimo patrimônio imaterial da cultura), as danças (cuja ausência dos programas é um contrassenso, em um país que tanta dança produz), a ginástica (como arte de exercitar o corpo, e não como técnica de dominá-lo e discipliná-lo), a capoeira (e sua presença na história do Brasil), entre outras práticas. Ora, então, um desafio que se põe é superar essa monocultura do esporte na Educação Física (Vago, 2009, p. 37)

## 4.2 O planejamento participativo nesta pesquisa-ensino

Algumas alterações na estrutura do planejamento participativo foram feitas para a melhoria desta pesquisa, realizada efetivamente a partir de agosto de 2023. A primeira dessas alterações diz respeito à apresentação de slides, que na primeira versão, estava carregada de imagens que remetiam ao alto padrão de desempenho e na versão preparada para a pesquisa as figuras tinham mais contato com a realidade dos estudantes. Além disso, a linguagem usada também foi ajustada para

a idade e a capacidade de compreensão dos mesmos nessa segunda versão, pois inicialmente estava muito apoiada na BNCC e sua linguagem técnica, o que não contribui para o entendimento dos alunos.

Uma outra alteração necessária foi sobre a quantidade de conteúdos planejados para o semestre. No “planejamento piloto” foi escolhido um conteúdo para cada unidade temática da BNCC, totalizando 6 conteúdos. Em função das contingências da escola, não foi possível realizar todas as aulas planejadas dentro do tempo previsto e os conteúdos que ficaram para as últimas semanas, precisaram ser reduzidos na quantidade de aulas, o que afetou a qualidade das mesmas. Sabendo que o tempo de execução das aulas planejadas para o segundo semestre seria menor, tanto pelo fato do planejamento ter acontecido em estágio mais avançado no semestre, como pela presença do campeonato no projeto interclasse, que já é parte da cultura escolar, em reunião de orientação, chegou-se a conclusão que 4 conteúdos seria a quantidade possível para o apertado calendário de final de ano letivo.

#### **4.2.1 Planejamento Participativo: Educação Física 2023 E.E. José Rodrigues Betim**

Para a apresentação dos conteúdos, optei por reunir duas turmas por vez. Considerando que para a apresentação precisaria de dois horários, as turmas foram agrupadas pela ordem do horário das aulas, de modo a reduzir o impacto para as outras disciplinas. Nos dois primeiros horários as turmas 9<sup>o</sup>2 e 8<sup>o</sup>2 participaram da apresentação e nos dois últimos horários foi a vez das turmas 9<sup>o</sup>1 e 8<sup>o</sup>3.

Para esses momentos de aula foi necessário articular com outros professores essa união de turmas. No Zé Rodrigues a direção escolar e supervisão pedagógica criam condições para esses momentos de aula com turmas reunidas, fugindo um pouco da tradição escolar que segue fielmente os horários da grade curricular.

Os termos TALE e TCLE foram explicados aos estudantes no início da aula, antes da apresentação do Planejamento Participativo. Foi entregue aos estudantes uma cópia do TALE e foi realizada a leitura do documento. Alguns alunos tiveram

dúvidas e elas foram sanadas. As dúvidas eram sobre a necessidade de assinatura e sobre a função do TALE.

Por se tratar da primeira experiência com pesquisa, tanto para os estudantes, quanto para o professor, muitos demonstraram certo receio, sobretudo, porque me parece que o referencial de pesquisa dos estudantes está apoiado numa visão midiática de ciência biológica. Assim, ainda que explicando que na prática a pesquisa não alteraria na avaliação bimestral nem traria consequências negativas ou mudaria significativamente a rotina de nossas aulas, alguns preferiram não assinar os termos.

No primeiro momento, enquanto os alunos em atraso chegavam, eu preparei a apresentação, depois fiz a chamada e expliquei sobre os termos. A apresentação ocorreu bem e os estudantes estavam concentrados e participativos fazendo comentários e observações. Apesar disso, nos últimos slides os sinais de cansaço e inquietação começaram a aparecer.

Já com as turmas dos últimos horários, por estarem na agitação do recreio, no início, e depois pela ansiedade para irem embora, demonstraram menor atenção, ficando mais dispersas por diversas vezes.

Em função do tempo reduzido e sem possibilidade de ampliação no horário, as turmas 9<sup>o</sup>1 e 8<sup>o</sup>3 tiveram um tempo menor de fala e discussões entre um slide e outro, o que resultou que ficassem menos participativos. Apesar de todos os horários serem oficialmente de 50 minutos, na prática, os 5 minutos após o recreio, para reorganização dos estudantes, e os 10 minutos antes do horário de saída, por uma rotina de dispensa gradual dos discentes, são momentos em que não é possível desenvolver as atividades, o que encurta o 4<sup>o</sup> e o 5<sup>o</sup> horário.

No final, já cansados da exposição e vendo o adiantar das horas, os alunos ficaram impacientes, o que tornou a apresentação dos últimos slides pouco atraente e enfadonha. Nesse cenário, alguns estudantes começaram a fazer “gracinhas” e brincadeiras fora de hora, que se somaram a um certo burburinho que se fazia ouvir desde o início da aula. Após diversas advertências a um dos alunos, no calor do momento e sem maiores reflexões, pedi que ele se retirasse da sala. Depois que ele

saiu, a turma, com medo, fez silêncio e pude terminar a apresentação. Embora reconheça que não foi o meio mais adequado de resolver a situação e que uma decisão assim

Possa contradizer a ideia de participação democrática e remete ao autoritarismo, foi o que me pareceu mais certo naquele momento.

Talvez pela minha pouca experiência, tive dificuldade em lidar com a situação daquele estudante falando alto e rindo enquanto eu tentava conduzir a apresentação. Se, por um lado, tirar o aluno de sala, me coloca em uma posição de professor repressivo, por outro lado, não podia deixar que um aluno desinteressado, deixasse toda a turma prejudicada.

Foi interessante observar que durante as apresentações dos slides, nos dois momentos, os estudantes comentaram entre si as imagens e nos momentos de discussão sobre as possibilidades de realização das práticas na escola, os alunos reconheceram que, em alguns casos, dá pra fazer adaptações e em outros, a escola não reúne as condições necessárias. Observei também que escolher as figuras com crianças e imagens que remetem ao ambiente escolar foi bom, pois, de algum modo, os alunos se reconheciam nas imagens. Nas figuras relativas à ginástica, que são figuras de aulas anteriores das quais eles participaram, os alunos ao se verem, ficaram como que sem acreditar. Enquanto alguns se apontavam na tela, tentando se mostrar para os colegas, outros pediam para mudar de slide, com certa vergonha.

Em conclusão, a apresentação dos slides foi exitosa nas turmas 9<sup>o</sup>2 e 8<sup>o</sup>2, já nas turmas 9<sup>o</sup>1 e 8<sup>o</sup>3 não foi tão legal assim. De um modo geral, acho que a experiência foi positiva, mas fica claro uma necessidade de maior atenção aos tempos da escola e dos adolescentes na hora de planejar.

#### **4.2.2 Dia da votação**

Para a votação escolhi fazer uma única sessão com as 4 turmas: 8<sup>o</sup>3, 8<sup>o</sup>2, 9<sup>o</sup>2 e 9<sup>o</sup>3. Após acordo prévio com a direção e a supervisão da escola e os professores das turmas, ficou acertado que a votação dos conteúdos da Educação Física aconteceria nos primeiros horários de aula e assim foi.

A ideia inicial era fazer a votação no espaço da quadra. Reconheço que o lugar da Educação Física é a escola em sua totalidade e que todos os espaços devem ser apropriados e usados pela Educação Física, de acordo com a conveniência e a necessidade. Assim, cabe ressaltar que a quadra é um espaço, por excelência, da Educação Física e que seu uso deve servir também para a realização de atividades que são, tradicionalmente, associadas à “teoria”. Usar a quadra para outros tipos de práticas teria o propósito de confrontar uma relação teoria/prática em que a quadra poliesportiva é espaço exclusivo de uma prática determinada.

Contudo, apesar da intenção exposta, a realidade se opôs a essa vontade e no dia da votação a quadra estava interditada para a pintura do piso. Diante do fato, optei por realizar a votação no pátio da escola. Para isso, foi preparada a estrutura de som e imagem (projeção), o que facilitou as explicações, ajudou na visualização da apuração dos votos e na divulgação dos resultados.

Para a votação, estiveram presentes aproximadamente 80 estudantes, que puderam se organizar em trios ou quartetos à livre escolha, podendo, inclusive, fazer grupo com estudantes de outras turmas. Foram utilizadas 25 folhas de votação. Primeiro, os estudantes foram instruídos a marcar as opções que eles gostariam de conhecer. Na sequência, eles votaram nos conteúdos que queriam aprender, podendo escolher 2 conteúdos por unidade temática. Nessa primeira escolha o conteúdo mais votado foi para uma segunda votação.

A apuração dos votos foi feita com o apoio de duas estudantes que me ajudaram a contabilizar os votos em cada conteúdo. A contagem foi feita por unidade temática e, enquanto uma das colaboradoras lia em voz alta o voto de determinada folha de votação naquela unidade temática, a outra separava as folhas já lidas das que ainda não haviam sido computadas. Com o computador conectado ao telão, registrei os votos em uma tabela para cada unidade temática de modo que todos pudessem ver as parciais da votação em tempo real. Alguns alunos acompanharam com atenção o momento de apuração, embora a maioria não se interessou muito por esse processo e alguns estudantes dispersaram. Nesse momento os estudantes conversavam entre si e em algumas vezes foi necessário pedir que baixassem o tom de voz, pois estavam gritando. O resultado da apuração

dos votos pode ser visualizado no anexo 8 e os conteúdos escolhidos pelos estudantes foram:

- Jogos e brincadeiras - Rouba-bandeira
- Esportes - Vôlei
- Danças - Forró
- Lutas - Cabo de guerra
- Ginásticas - Calistenia
- Práticas Corporais de Aventura – Parkour

Em um último momento, reconhecendo o tempo disponível no semestre, definiu-se 4 conteúdos para o desenvolvimento das unidades didáticas. Já havia sido explicado aos estudantes que o planejamento para o 2º semestre incluiria o projeto interclasse e que, portanto, não teríamos tempo para desenvolver 6 conteúdos.

Desta vez, a votação era para escolher os 2 conteúdos que não seriam contemplados. A maioria dos estudantes escolheu excluir a calistenia e o forró dos conteúdos planejados para o segundo semestre, portanto, ginásticas e danças não foram abordadas. Após essa última votação, foi divulgado o resultado das escolhas e os alunos foram liberados de volta às suas respectivas turmas.

Quanto à quantidade de aulas e a ordem de realização das mesmas em cada conteúdo, decidi com atenção ao tempo pedagogicamente necessário para cada conteúdo e elaborei o cronograma de divulgação aos estudantes, bem como o planejamento das unidades didáticas (anexos 6 e 7, respectivamente).

Algo que chamou minha atenção foi uma certa indecisão quanto aos esportes. Na primeira votação, enquanto o vôlei recebeu 16 votos, o basquete recebeu 15 votos, portanto, os alunos não estavam convictos de qual esporte preferiam. Na segunda votação, ou seja, na eliminação, o vôlei recebeu 8 votos, enquanto o parkour recebeu 3, cabo de guerra recebeu 2 e rouba-bandeira recebeu apenas 1 voto. Desse modo, o vôlei teve uma rejeição alta após ter sido o esporte mais votado. Para comparação, forró e calistenia foram excluídos com 10 e 12 votos, respectivamente.

Na definição dos outros conteúdos não houve um equilíbrio tão grande e o conteúdo escolhido teve uma margem de vantagem sobre o segundo. Existia um certo receio de que ao desenvolver a unidade didática do vôlei os estudantes que escolheram basquete não se sentissem representados e não se engajassem nas aulas. Assim sendo, seria necessário construir com os estudantes caminhos de identificação com o vôlei, quer fosse através da história do vôlei e seu ideal original de inclusão, quer fosse através da incidência do vôlei nas práticas lúdicas e recreativas, ou até mesmo numa certa “desesportivização” do vôlei, com brincadeiras e jogos pré-desportivos.

Sobre o envolvimento dos estudantes no planejamento participativo, avalio que, considerando as circunstâncias de sua realização, foi positivo. Nas folhas de votação, observa-se que apenas duas das 25 folhas de votação não registraram votos em todos os conteúdos, sendo que em 1 delas os votos foram apenas em jogos e brincadeiras.

Apesar da votação ter acontecido no dia seguinte à uma paralisação, o que justifica as turmas estarem com um número de alunos menor do que o habitual, é sempre um desafio reunir 4 turmas de adolescentes, em espaço aberto e permitir que eles “fiquem à vontade” para dialogar e debater suas preferências, sem que isso saia do “controle”. Assim, com essas considerações, acredito que a etapa de escolha dos conteúdos foi vencida com sucesso. O próximo passo seria a efetivação dessas aulas.

### 4.3 As unidades temáticas

Faço aqui as considerações sobre o desenvolvimento das aulas planejadas. É necessário dizer como elas aconteceram. As turmas me esperavam dentro de sala e geralmente, eu iniciava a aula fazendo a chamada, explicava as atividades da aula e como seriam desenvolvidas, depois descíamos para a quadra. Eventualmente a ordem era invertida e eu fazia a chamada e as explicações já na quadra. Como não consigo falar junto com os estudantes, pedia e esperava pelo silêncio, tanto na chamada, como nas explicações. Normalmente gastavam-se de 5 a 8 minutos para a turma se organizar, e para que eu fizesse a chamada e as explicações, exceto nas aulas de 1º e 4º horários que, por serem chegada à escola e volta do recreio, os alunos estavam mais agitados e gastava-se pelo menos 10 minutos para as mesmas tarefas. Portanto, as atividades planejadas para cada aula levavam em conta um tempo de no máximo 40 minutos. Essa estruturação da aula foi seguida em todos os dias, com exceção do dia da votação e dos dias do projeto interclasse, quando não fiz a chamada.

#### 4.3.1 Rouba-bandeira

Após os estudantes escolherem os conteúdos, preferi começar abordando a unidade temática de jogos e brincadeiras. Essa preferência ocorreu de forma quase que intuitiva, seja pelas brincadeiras serem apresentadas primeiro na BNCC (2018) e no Currículo Referência de MG (2018), ou seja porque tenho percebido que iniciar um período letivo com brincadeiras e jogos tem facilitado a minha relação com os estudantes, pois, de modo geral, os estudantes conhecem e gostam das brincadeiras. Assim, promover uma sequência de conteúdos partindo do conhecido para o estranho me pareceu ser uma boa estratégia.

Para a primeira aula, decidi começar com a forma tradicional da brincadeira, como uma aula de diagnóstico. A brincadeira escolhida, rouba-bandeira, é uma brincadeira que já era do conhecimento dos estudantes.

Darido (2003, apud Dalmolin e Piovani, 2014, p.5) aponta como facilidades na aplicação dos jogos e brincadeiras: não serem desconhecidos da criança, não exigirem espaço ou material sofisticado, variação na complexidade das regras, não exigir idade específica para participação, serem aplicados pelo método global e, principalmente, serem prazerosos e divertidos aos participantes.

Rouba-bandeira é uma brincadeira que, na forma tradicional, é jogada por duas equipes e o objetivo é resgatar/capturar a bandeira da outra equipe. O espaço é dividido formando dois campos e a bandeira fica atrás do campo adversário em uma área que o adversário não pode entrar. Se uma pessoa for tocada no campo adversário fica colada/congelada e não pode se mover até que um companheiro a salve, tocando-a também. Nessa brincadeira algumas regras são combinadas e podem ser aceitas ou não, um exemplo disso é a meia-lua, que é quando uma pessoa, com um pé no seu campo, puxa um oponente do campo dele para o seu, colando-o; outro exemplo é a corrente que é quando duas ou mais pessoas dão as mãos e entram no campo adversário, para descolar alguém. Na brincadeira usada na escola a meia-lua foi aceita e a corrente não.

Saad Guirra e Prodócimo (2009), ao refletirem sobre os benefícios dos jogos e brincadeiras, apontam para uma subordinação muito própria às regras, pois, independente de punições para o descumprimento, os combinados funcionam como um sinal de que, para quem joga, o jogo é um fim em si mesmo. Ou seja, o prazer de jogar, motiva o respeito às regras combinadas.

O momento de prática da brincadeira aconteceu na rua, em frente à escola. Isso se justificou pelo fato da quadra estar interditada para ser pintada e o pátio da escola ser relativamente pequeno e ter piso de ardósia, por isso escorregadio. Os demais espaços abertos da escola ficam ocupados com veículos.

A interdição da quadra foi, de certa forma, uma surpresa. Apesar da reforma da quadra estar prometida desde o início do ano letivo, não fui informado previamente que naquela semana ela seria executada. Assim, tive que decidir entre conduzir uma aula na sala de aula, sem a experimentação prática da brincadeira, uma aula no pátio, com o risco de quedas ou uma aula na rua. Após uma conversa com o vice-diretor, escolhi pela rua.

Rouba-bandeira, pique bandeira ou porta-bandeira são alguns dos diversos nomes encontrados para descrever essa brincadeira de rua que é muito popular em Minas Gerais e está presente na cultura de crianças e jovens. Assim, praticar uma brincadeira de rua na rua, reafirma e fortalece essa cultura, pois contém elementos que não podem ser vivenciados em outro espaço. “Pode ou não passar pelo passeio?” “Quando a brincadeira para, para a passagem de um carro ou pedestre, o que estabelece seu reinício?” São perguntas que só podem ser levantadas e respondidas na interação dos sujeitos com a rua.

Saad Guirra e Prodócimo (2009) destacam para a importância dos alunos participarem na decisão das regras da brincadeira:

É importante salientar que cabe ao professor estimular nos alunos a capacidade de gerir suas atividades, incentivando-os a criarem e alterarem as regras dos jogos, e não entregando “tudo pronto” a eles. Tal postura do professor permite ao educando o desenvolvimento de uma posição autônoma e não heterônoma diante da vida, como bem explicou Piaget (1977), para quem, heteronomia refere-se a uma forma de conduta em que o sujeito acredita que as regras são sempre externas a ele mesmo, e as cumpre por medo de alguma represália; já na autonomia, o sujeito entende as regras como livre decisão de um grupo, portanto, podem ser mudadas, de acordo com as necessidades desse grupo, e cumpre as regras por entender sua importância como reguladora de condutas e por seu interesse social. (Saad Guirra; Prodócimo, 2009, p.10)

É importante ressaltar que essa não foi minha primeira aula na rua. Algumas semanas antes, com a turma de 9º ano EJA no turno da noite, eu havia promovido uma caminhada pelas ruas do bairro. O sucesso dessa primeira experiência me encorajou a conduzir aulas na rua novamente e mesmo ciente das diferenças entre uma turma de 10 adultos e outra de 30 adolescentes, as expectativas eram altas. A

experiência na rua foi valorizada pelos estudantes, como mostram os comentários de alguns estudantes. Os comentários trazidos ao texto foram extraídos da avaliação do planejamento participativo, realizada ao final do semestre. Sobre tal atividade, serão apresentados maiores detalhes adiante.

Achei bastante legal, brincamos na rua, o melhor lugar pra brincar de rouba-bandeira. (Melyssa- 9º ano)

Uma brincadeira simples e divertida, eu participei de todas as aulas. E como foi na rua melhorou a 100% a experiência! Foi a primeira vez que eu brinquei disso, e se tivesse só isso, eu passaria direto. (Larissa- 8º ano)

Sair da escola com adolescentes causa sempre certa preocupação com a segurança. Nos dias atuais, o medo da violência tem, cada vez mais, nos aprisionado nos espaços fechados da escola, das casas, das academias e clubes, estamos encerrados entre muros e grades. Acredito que a superação da sensação de insegurança passa, em grande medida, pela necessidade da sociedade civil voltar a ocupar o espaço público de forma massiva. Isso, de modo algum, exige o poder público de sua responsabilidade de garantir essa segurança. Contudo, cabe ressaltar que o modelo de segurança pública baseado na repressão e violência policial adotado pelo Estado atualmente não tem funcionado.

Ocupar as ruas com brincadeiras pode não ser a solução para a violência e a insegurança, por si só, mas com certeza é uma forma de colocar as crianças e jovens em contato com as questões da vida pública. Acredito que isso ajuda a democratizar e qualificar o debate sobre os desafios da vida em sociedade. Deste modo, embora a decisão pela realização das aulas na rua tenha sido de forma incidental e devido às limitações dos espaços no interior da escola, considero que foi acertada e contribuiu para os objetivos do estudo.

Cotrim e Bichara(2013), apontam outros sentidos para o brincar na rua que comungam dos objetivos escolares para a formação integral e também promovem uma educação para a autonomia, nos termos pensados para esse estudo:

a rua, como espaço livre, emerge como um local rico e relevante para o desenvolvimento infantil, um espaço que possibilita o que os parquinhos tornaram ineficiente, como aborda Matthews (2003) ao dizer que na rua as crianças dedicam tempo ao convívio dos seus pares possibilitando usos diferenciados de ocupação do espaço urbano, com possíveis encontros com crianças de idades diferenciadas, de ambos os gêneros, levando a entender a perspectiva social das relações e das posições. A rua nessa perspectiva é vista como uma passagem não somente em direção aos arredores e ao contato da vizinhança, mas como uma passagem para a fase adulta, pois experienciar a rua, na perspectiva do autor, é a parte central da separação da infância para a vida adulta. A rua permite que a criança desenvolva competências sociais e leve a cabo seu amadurecimento distante de casa e da vizinhança (Christensen & O'Brien, 2003; Colonna & Brás, 2011; Mekideche, 2004; Silva, Pontes, da Silva, Magalhães, & Bichara, 2006). (Cotrim; Bichara, 2013)

A rua da escola é uma rua de acesso, de um lado ficam a parte mais nova do bairro e a horta, do outro lado ficam a parte mais antiga do bairro, o acesso ao centro de Ibirité, à Petrobrás e às saídas para Betim e Belo Horizonte. O posto de saúde do bairro fica ao lado da escola e apesar de ser uma rua com movimento baixo à tarde, o trânsito de veículos causou frequentes interrupções durante as brincadeiras. Para evitar acidentes de trânsito, coloquei cones no meio da rua, de maneira que os carros devessem passar em velocidade reduzida. Orientei os estudantes para que sempre que viesse um carro, subissem todos na calçada.

Embora as aulas na rua tenham sido uma novidade e, de modo geral, os estudantes tenham gostado, o trânsito de veículos atrapalhou a brincadeira, conforme apontado pelos próprios alunos:

Pra mim o rouba-bandeira foi bom, porque houve uma participação fora da escola oque (sic) causou uma diferenciação. O ponto negativo foi a travessia de carros toda hora oque (sic) atrasou a aula. (Rafael- 8º ano)

Foi muito legal, mals toda hora ficava passando carro, então nois tinha que para a brincadeira (sic). (Matheus- 9º ano)

Além do trânsito de veículos que, em menor ou maior medida, afetou todas as aulas, no início de setembro de 2023, a cidade estava sofrendo com uma onda de calor com temperaturas elevadas e baixa umidade do ar. Na segunda aula de rouba-

bandeira, em mais um dia de temperaturas altas, a brincadeira seguiu acontecendo na rua. Após conversar com os alunos em sala sobre a história do rouba-bandeira, sua origem militar e os diversos nomes que a brincadeira recebe, continuamos com a brincadeira na forma tradicional. Os estudantes foram aconselhados a definirem estratégias e funções em cada rodada da brincadeira.

Em alguns momentos, os estudantes demonstraram dificuldades em formular e/ou praticar as estratégias de jogo. Como a assimilação da brincadeira foi lenta e as explicações prévias não foram suficientes, os jogos precisaram ser pausados para orientar os alunos. Mesmo que o rouba-bandeira seja do conhecimento da maioria e vários estudantes já haviam brincado antes, foi percebido que alguns estavam com dificuldades na percepção das funções de ataque e defesa.

Compreender a brincadeira é essencial para uma participação efetiva e nem todos tinham o entendimento prévio dos fundamentos da brincadeira, conforme comentários:

Eu gostei muito da rouba-bandeira e uma brincadeira fácil mais eu não sabia jogar muito bem, com as aulas eu aprendi as regras e como se joga (sic).(Luiza- 9º ano)

Gostei muito. Não sabia muito bem como funcionava a brincadeira, mas depois me ensinaram e essa brincadeira se tornou a minha preferida(Ana Clara- 9º ano).

Na aula da turma 8<sup>03</sup>, em certo momento do jogo, próximo ao final da aula, uma estudante da turma, portadora de nanismo, sofreu uma queda e bateu o ombro no chão após tropeçar em uma colega de equipe, pois ambas tentavam pegar um jogador do time adversário. Reclamando de dores, a aluna foi encaminhada para a direção da escola, onde ficou em observação e a família foi contatada. Posteriormente, após receber atendimento médico, foi constatado que ela trincou o osso do braço (úmero). A outra aluna, que também caiu, não se machucou e continuou brincando.

O risco de se machucar está presente em todas as aulas de Educação Física. Não nos é possível uma aula sem o risco. Tentamos minimizar e controlar o risco mas, negá-lo não é opção. Ao optar pela aula na rua eu sabia que os riscos de lesão

por queda seriam aumentados. Antes de começarmos a brincadeira, tanto no primeiro dia, como nesta ocasião, no momento de combinar as regras, ficou estabelecido que não precisaria empurrar e que bastava encostar para que o colega ficasse colado. Assim, por mais que eu tenha tentado evitar o risco mais aparente, que era de um estudante derrubar outro, não tive como prever e evitar tropeços. Assim, uma situação acidental e que poderia ocorrer em qualquer outro lugar ou momento, colocou em questão a segurança das aulas na rua. Outras quedas aconteceram sem gravidade e estão apontadas pelos estudantes:

Eu particularmente gostei bastante mas tomei muitos tombos, foi divertido, poucas pessoas não participaram, gostaria de participar novamente em 2024. (Lara- 9º ano)

Eu gostei muito tirando a parte em que eu caí mais enfim o rouba -bandeira foi um dos 'melhor' pois todos da sala jogaram (sic). (Roberta- 8º ano)

Para as aulas seguintes, o planejamento previa a realização da brincadeira rouba-bandeira 3, que é uma variação do rouba-bandeira tradicional. Nessa brincadeira, 3 bandeiras são colocadas atrás de cada equipe. A pessoa que é tocada no campo adversário não fica colada, mas deve voltar para seu campo. Vence a equipe que conseguir resgatar/capturar as 3 bandeiras adversárias primeiro.

O planejamento dessas aulas foi atravessado por uma palestra da Polícia Militar sobre segurança no trânsito e a realização do Uniteste, que é o exame da escola que reúne questões das diversas áreas do conhecimento em um mesmo teste.. Com isso o tempo de brincadeira foi muito reduzido e as turmas de oitavos anos não experimentaram o rouba-bandeira 3, apenas os nonos anos. É necessário declarar que a palestra não havia sido divulgada previamente e o Uniteste sofreu uma alteração na data de realização por conveniência pedagógica, de modo que não era possível prever estes eventos no momento da elaboração da unidade didática.

A direção da escola me aconselhou a não mais usar o espaço da rua para fazer as atividades das aulas. Todavia, sabendo dos riscos de escorregão que o piso de ardósia proporciona, os alunos foram aconselhados a tomar maior cuidado. Os estudantes fizeram trios para a brincadeira. Os primeiros trios tiveram dificuldades para assimilar as diferenças na regra. Depois que as regras foram compreendidas, os estudantes começaram a desenvolver algumas estratégias, contudo, prevaleceram os trios compostos por alunos mais velozes. Um dos estudantes avaliou assim:

Uma questão de times e menos sobre o jogo em si, um time com integrante muito bom vence qualquer time. (Arthur 9º ano)

Na última aula de rouba-bandeira 3, pode-se perceber grande empolgação dos estudantes na brincadeira. De modo geral, nas aulas anteriores, ficavam dispersos quando não estavam participando ativamente da atividade, isso em todas as turmas. Contudo, nessa aula, percebi que quando não estavam jogando, os alunos estavam atentos à brincadeira, dando dicas e tecendo comentários sobre a participação dos colegas. Reconhecer e valorizar as diferentes formas de participação nas atividades é, ao mesmo tempo, um desafio e uma necessidade para mim.

A proposta de encerramento para a unidade didática dos jogos e brincadeiras consistiu na elaboração, pelos estudantes, de novas formas de jogar rouba-bandeira. Cabe dizer que a expectativa pelo interclasse estava muito elevada e isso foi um ponto de tensão, pois os estudantes queriam treinar para os jogos. Essa expectativa tinha um motivo, pois a quadra havia sido liberada naquela semana e as turmas da professora Divina já estavam “treinando”. Precisei explicar a eles que teríamos outro momento para treinar e que precisávamos encerrar as aulas de rouba-bandeira. Após a explicação da proposta da aula, a turma foi dividida em dois grupos que deveriam (re)criar a brincadeira e explicar para o outro grupo, fazendo uma demonstração.

O exercício de criar uma brincadeira nova, baseada em uma já existente, tinha o objetivo de identificar os elementos que fossem essenciais na brincadeira de origem e aplicá-los em outra. Nas versões criadas pelos estudantes ficou claro que eles conseguiram isso, contudo, enquanto alguns grupos cumpriram a proposta da aula e criaram novas formas de rouba-bandeira, em uma turma a brincadeira de base foi o futebol.

Na brincadeira que misturava rouba-bandeira com futebol ao invés de uma bandeira, o objetivo era capturar uma bola. Para isso tinham que atravessar o campo adversário sem ser pego, se fosse pego, não ficava colado, mas voltava para seu campo de origem. Ao atravessar o campo adversário, a pessoa precisava atravessar de volta para seu campo conduzindo a bola com os pés, se fosse pego no caminho, devolvia a bola e voltava para o seu campo, era permitido tocar a bola para um colega desde que o colega recebesse a bola no campo adversário e termine a travessia. Se conseguisse atravessar com a bola deveria chutar a bola no gol, onde o goleiro do outro time tentaria defender. Caso ocorresse o gol, a equipe pontuava, se não fosse gol, a bola voltava ao local inicial. Na prática era uma mistura de futebol com pique-pega e não tinha muito de rouba-bandeira.

Em outro grupo, a brincadeira recriada contava com quatro bandeiras e ganharia o time que conseguisse capturar todas elas, além disso, o jogador que fosse pego, portanto congelado, poderia andar lentamente quando não tivesse ninguém do outro time o vigiando. Se ele conseguisse chegar na área da bandeira, estaria descongelado.

Em outra variação, a brincadeira conta com três bandeiras, vence quem capturar as três. É permitido jogar a bandeira para o colega e sempre que alguém for pego, pode voltar ao próprio campo e continuar a brincadeira, sem ficar colado.

Em outra turma, a recriação do jogo se baseava nas regras da brincadeira tradicional, porém quando alguém chegava até a bandeira, bastava dizer o nome de alguém de sua equipe que estivesse colado e essa pessoa poderia voltar ao seu campo, sem precisar encostar na pessoa.

Em uma outra modificação, a brincadeira tem 3 bandeiras que precisam ser capturadas, quem está com a bandeira pode jogá-la para o colega. Nessa brincadeira, o jogador pode ser colado, mesmo dentro da área da bandeira, o que obriga que ele continue correndo após atravessar o campo adversário, até retornar pro seu campo.

Ao final das explicações, as turmas fizeram as experimentações das brincadeiras criadas em cada sala. Por fim os estudantes avaliaram as aulas de rouba-bandeira. Nas avaliações, a grande maioria dos alunos disse ter gostado das aulas e da brincadeira, eles disseram ter gostado das aulas fora da escola e do envolvimento da turma, os destaques negativos foram a baixa quantidade de aulas, e o trânsito na rua. Trago alguns destaques:

Eu particularmente gosto muito é uma brincadeira que eu brinco desde criança, gostei muito de brincar com isso na escola (Gabriella-9º ano).

Gostei, porque foi uma brincadeira que envolvia todo mundo (Nicolly- 9º ano).

Muito bom, e foi uma brincadeira ao “ar livre” (na rua) (sic). Achei bem legal e todo mundo participou. (Wendy- 8º ano). Foi bom só um pouco perigoso na rua (Victor- 9º ano).

Bom, mais tivemos poucas aulas (Lázaro- 9º ano) .

Não foi muito bom, pois era no último horário. E tinha muito movimento de carro (Luna- 9º ano).

Meio ruim porque foi na rua e toda hora passava carro. ( David- 9º ano).

#### 4.3.2 O Projeto Interclasse

Embora o Projeto Interclasse não tenha sido uma escolha dos estudantes, sua inserção no planejamento veio ao encontro do desejo de uma maioria que se identifica com o futebol. A expectativa dos alunos pelo interclasse já era sentida nas semanas anteriores ao projeto. A competição de Futebol/Futsal na escola, seja recebendo o nome de Interclasse, Copa do Mundo ou Olimpíadas, já é uma tradição

e resultado do que eu percebo como uma "relação de tensão permanente"(Vago, 1996).

No dia 22/09 o Projeto Interclasse teve seu início, primeiro, com uma explicação pormenorizada aos professores, na sequência, foi divulgado aos estudantes. Iniciamos nesta data fazendo a explicação dos detalhes do projeto aos estudantes. O projeto teve continuidade na semana seguinte com a confecção dos mascotes e dos adereços da torcida. Após a cerimônia de abertura iniciou-se os jogos, que continuaram por mais uma semana.

Nesse projeto, todas as turmas da escola foram envolvidas na participação em jogos de futsal masculino e feminino. Assim, em cada turma os estudantes foram divididos em grupo de "atletas", grupo de torcida e grupo de mídia/imprensa. O grupo de atletas foi composto pelos estudantes que competiram nos jogos de futsal (embora tenha adotado o termo atletas, jogadores seria um termo mais adequado). O grupo de torcida foi composto pelos estudantes que ficaram responsáveis pela organização da torcida, mas, de acordo com o projeto, todos os estudantes deveriam contribuir com o grupo de torcida. O grupo de mídia /imprensa foi composto pelos estudantes responsáveis por fazer os registros e divulgação da participação da turma no Interclasse. Os estudantes puderam se inscrever em qualquer grupo, de acordo com sua afinidade, podendo participar de mais de um grupo. O grupo de atletas foi limitado a dez estudantes tanto na modalidade masculina, como na feminina.

Tais agrupamentos foram inspirados no trabalho desenvolvido pela professora Gyna de Ávila Fernandes, com a "Liga Oswaldo França Júnior". Apesar de ter nesta experiência escolar uma referência, acredito que o Projeto Interclasse teve uma identidade própria. As diferenças se deram porque as escolas e os sujeitos são diferentes, o que confere uma cultura escolar diversa, com outros tensionamentos e portanto outro "vetor resultante" (Fernandes, *et al.* 2019).

O projeto não foi uma surpresa, dado que, pelo menos desde o início do mês de setembro, os alunos já estavam sabendo que o mesmo aconteceria no final de setembro, com jogos na semana anterior à semana das crianças. Já havia sido dito também que cada turma teria duas cores para se representar e que deveriam criar

um nome para o time, assim como mascote e escudo e, no momento de divulgação do projeto, todas as turmas já haviam feito tais escolhas e definições. Os estudantes também sabiam que a turma só poderia participar se tivesse um time masculino e um time feminino na competição.

Assim o que ainda não havia sido dito é que o interclasse funcionaria em “sistema de gincana”. Por sistema de gincana, quis dizer que a turma campeã do Interclasse, não necessariamente seria a turma campeã esportiva, mas a turma que somasse mais pontos de acordo com os critérios divulgados no projeto. Foi explicado, portanto, que a turma dividida em grupos receberia pontuações diversas para as tarefas que esses grupos desenvolvessem e que o descumprimento de regras, resultaria em perda de pontos para a turma.

Desse modo, neste projeto objetivou-se alcançar uma experiência de participação que superasse a prática esportiva em sua dimensão procedimental, mas que considerasse também outras dimensões e outras práticas presentes nos esportes.

Nesse dia, foi divulgada a tabela de jogos do campeonato. Todas as turmas jogariam pelo menos duas vezes com o time masculino e outras duas com o time feminino, em um mínimo de 4 participações.

Nos dias 25 e 26 de setembro a escola seguiu rotina normal até o recreio, após o recreio, nos dois últimos horários o projeto deu sequência e foram os dias de preparação da torcida. A escola disponibilizou os materiais e os estudantes soltaram a criatividade para confeccionar seus mascotes, bandeiras, bandeirinhas, leques, pompons, além da composição dos gritos de paz. Nesses dias não estive em aula, contribuí na disponibilização dos materiais, que ficam guardados e foram cedidos sob demanda. Em sala, cada professor coordenava a turma em que estava lecionando.

No dia 27, estive em aula nos três primeiros horários com as turmas 9<sup>o</sup>1, 8<sup>o</sup>3 e 8<sup>o</sup>2. Nas três turmas aconteceram os treinos das equipes para o interclasse, como no segundo horário a quadra é partilhada com a professora Divina e a turma 7<sup>o</sup>1, as turmas fizeram jogos amistosos. Nos dois últimos horários, embora eu estivesse com

a turma 9<sup>o</sup>2, dividi minha atenção entre ajudá-los na confecção do mascote, que estava muito atrasada, e continuar dando suporte logístico na distribuição de materiais para outras turmas.

Tendo percebido que algumas turmas ainda não haviam terminado a confecção das mascotes, conversamos com o grupo de professores e a direção da escola solicitando que, para o dia 28, fossem disponibilizados também os primeiros horários, para os estudantes terminarem, os preparativos, antes da cerimônia de abertura. E assim foi. No primeiro horário os estudantes se prepararam para o evento. No segundo horário as turmas desceram para a quadra e ocuparam os lugares previamente definidos na arquibancada.

Assim que todos chegaram, teve início a cerimônia de abertura, com o desfile das turmas com seus mascotes, entrando uma turma por vez, deu-se uma volta na quadra e todas ficaram posicionadas para o restante da cerimônia. Na sequência, as turmas foram chamadas ao palco, para entoar o grito de paz, exibir sua bandeira e seu mascote. Em momento derradeiro desta cerimônia, aconteceu a execução do hino nacional brasileiro e foram declarados abertos os jogos interclasses. Logo após, houve o recreio. As imagens dos mascotes podem ser vistas no Anexo 8. Após o recreio, começaram os jogos. Foram dois jogos femininos e dois jogos masculinos neste dia.

No dia 29 eu estive em aula nos primeiros horários e as turmas treinaram para o interclasse. Foi conversado com a direção e durante os dias de jogos do interclasse o recreio aconteceu mais cedo, às 15:00 horas, o que permitiu que acontecessem 5 jogos por dia. Nos dias 02, 03 e 04 de outubro essa rotina permaneceu inalterada, quem era do grupo de atletas fazendo um espetáculo em quadra, quem foi torcedor fazendo uma festa na arquibancada e o pessoal da mídia registrando tudo. Assim, depois de 24 jogos, encerramos a fase de grupos e estava definido os semifinalistas.

Para os dias de jogos, enquanto os professores de Educação Física estiveram ocupados com a arbitragem dos jogos e a organização das equipes que jogariam na sequência, uma professora ajudava fazendo os registros em súmula e cronometrando os jogos, outros dois professores ajudavam com os informes no

sistema de som e a montagem e operação do mesmo, os demais professores contribuíram para a avaliação da participação das turmas e acompanhando para que cada turma com sua torcida se mantivesse nos seus lugares da arquibancada.

No dia 05 de outubro aconteceram as semifinais e as finais dos jogos. Para isso, toda aquela tarde foi dedicada ao Interclasse. Nos primeiros horários, as semifinais; depois do recreio, as decisões. Nos jogos semifinais masculinos, o 9<sup>o</sup>1 Scorpions venceu o 6<sup>o</sup>2 Garra, na outra chave, o 8<sup>o</sup>3 Black Panther venceu o 7<sup>o</sup>4 Pink Panther. Nas semifinais femininas, o 9<sup>o</sup>1 Scorpions venceu o 6<sup>o</sup>3 Capivárias, na outra partida, o 8<sup>o</sup>3 Black Panther superou o 7<sup>o</sup>1 Bonde do Tigrão. Assim sendo, tanto na decisão masculina como na feminina, a final foi disputada entre 9<sup>o</sup>1 Scorpions e 8<sup>o</sup>3 Black Panther, com vitória do 9<sup>o</sup>1 em ambos os jogos.

Durante os jogos, não houveram casos graves de indisciplina ou violência, contudo, aconteceram algumas situações pontuais de desentendimentos. Em um dos casos, após o jogo, duas alunas teriam feito xingamentos uma à outra após a aluna que venceu a partida ter “zuado” a outra, isso se deu no pátio da escola e houve a intervenção do vice-diretor. Como as duas estudantes são alunas da professora Divina, a professora conversou com elas e apaziguou a situação. Só fiquei sabendo no dia seguinte e não teve maiores consequências. Em outra situação, durante o jogo, em uma dividida, um dos alunos ameaçou “levantar” o outro na próxima jogada, intervi dizendo que isso não seria aceito e como o estudante continuou com as hostilidades, optei por aplicar um cartão amarelo neste aluno, com isso os próprios colegas de time fizeram uma substituição tirando este aluno de quadra, ele voltou no final do jogo e não repetiu essa postura. Em outras situações de conflitos nos jogos as advertências verbais surtiram efeito e não houve agravamento.

No dia 06/10, inicialmente marcado para a cerimônia de encerramento do Projeto Interclasse, a escola ofereceu uma excursão ao Parque Guanabara. Nesta excursão, a escola forneceu o transporte, e cada aluno interessado em ir, pagou o seu ingresso/passaporte no parque. Como a excursão foi oferecida para todos os estudantes da escola e grande parte dos alunos optou por aderir, a escola estava vazia, com cerca de 130 alunos, somadas as 12 turmas. Em conversa com a direção, optamos pelo adiamento da cerimônia de encerramento que deveria incluir

a entrega das medalhas, as apresentações artísticas e a divulgação da equipe vencedora do Projeto Interclasse (que não necessariamente seria a campeã esportiva). Assim a atividade aconteceu em momento posterior à semana das crianças.

Assim sendo, a cerimônia de encerramento do Interclasse aconteceu na quinta-feira, dia 26 de outubro e contou com 4 apresentações artísticas (uma roda de capoeira com alunas do 8º1, 6º1 e 6º3; duas apresentações de canto, uma de aluna do 9º1 e outra de aluna do 7º3; e uma apresentação de dança com uma aluna do 8º1). Além disso, houve a entrega de medalhas: receberam medalha de bronze as meninas do 7º1 e do 6º3 e os meninos do 7º4 e do 6º2; as medalhas de prata ficaram para o 8º3 e as medalhas de ouro foram para o 9º1. Por fim, foi anunciada a equipe vencedora geral do Interclasse e o 9º1 Scorpions, ficou com o título este ano. As pontuações de cada equipe podem ser visualizadas no Anexo 8b.

Embora os jogos de Futsal, propriamente ditos, tenham demandado minha atenção em maior medida, a torcida e o grupo de mídia foram uma atração à parte no Interclasse. Possibilitar outras formas de participação no esporte para além do ato de jogar permitiu um envolvimento de todos os estudantes. A união da turma para cumprir as demais tarefas como confeccionar bandeira e mascote e manter a limpeza e organização da sala, também foram apontadas pelos estudantes como algo positivo e os comentários que eles fizeram mostram que foi uma decisão acertada.

Foi divertido, foram todas as turmas pra quadra, tiveram bastante jogos, também tiveram os mascotes de cada sala, as apresentações, foi muito legal (sic). (Thayla- 8º ano)

Foi empolgante! Os preparativos foram caóticos , mas tudo valeu a pena. Os jogos foram super divertidos. (Larissa- 8º ano)

Na minha opinião houve uma grande colaboração por parte da turma na confecção do mascote e da bandeira. (Raphael- 8º ano)

Gostei pelo simples fato da sala de uni em muitos jeito com (grito de gerra, banteira, jogo e animação) (sic) . (Ágata- 9º ano)

Muito bom a sala toda se reuniu para o interclasse. (Lazaro- 9º ano)

Gostei muito (não joguei), mas gostei muito de torcer, fazer os vídeos, ajudar a montar o mascote... Acho que o interclasse é o evento que mais incentiva os alunos no esporte. (sic). (Ana clara- 9º ano)

Não joguei interclasse mas tava bom cada torcida tava organizada(sic).  
(Josué- 8º ano)

Eu gostei do interclasse, a organização foi boa. A utilização de materiais midiáticos por arte da torcida deixaram o interclasse mais divertido(sic).  
(Isaque- 9º ano)

#### 4.3.3 A unidade didática do Parkour

Após a semana de recesso, foi tematizada a prática corporal de aventura Parkour. Na primeira aula, os estudantes receberam uma folha com informações sobre a origem do Parkour e alguns movimentos básicos. Durante a leitura do texto, fui fazendo explicações e eventualmente acrescentando outras informações sobre a história do Parkour.

Comentei com os estudantes que Parkour é uma prática corporal de aventura e seus praticantes o consideram como um “estilo de vida”, em que o objetivo é percorrer um percurso superando obstáculos, com movimentos livres. Pereira, Honorato e Auricchio (2020, p.135) descrevem o Parkour como sendo “a arte do deslocamento que, desde sua origem na França segue princípios associados à melhoria das valências físicas, cooperação, respeito, coragem e superação”.

Essa prática se originou na França baseada em exercício do treinamento militar, sendo posteriormente adaptada para as ruas da periferia de Paris, onde se caracterizou como “uma atividade de domínio do corpo e de suas potencialidades para desafiar o ambiente de forma eficiente, transgressora, emocionante e estética” (Pereira, Honorato e Auricchio, 2020, p 135). O Parkour passa por um processo de esportivização, com competições organizadas pela FIG (Federação Internacional de Ginástica), mas isso não é consenso entre os praticantes da modalidade, pois alguns argumentam que isso contraria os fundamentos do Parkour. No Parkour alguns dos princípios básicos são:

a transmissão voluntária do saber aos menos experientes, a não comparação dos feitos de um sobre o outro, a tentativa de auto superação constante, o fortalecimento corporal para ajudar o próximo, a melhoria da confiança para atingir a precisão do controle do corpo sobre o espaço (Pereira; Honorato; Auricchio, 2020, p 136)

O Parkour sofreu muitas críticas quanto aos riscos para os participantes e a conservação dos monumentos públicos. Como toda prática de aventura, no Parkour os riscos estão presentes e devem ser calculados, além disso, nessa prática, o traceur (termo usado para se referir ao praticante de Parkour) é provocado ao conhecimento do próprio corpo e das próprias limitações. Apesar de ser uma modalidade em que o corpo é instrumentalizado para a superação da arquitetura urbana, no Parkour os monumentos públicos, também são usados como meios para a prática, contudo, existe a preocupação de manter o ambiente com o menor impacto possível, tanto nos ambientes do meio rural, quanto nos ambientes do meio urbano. Conversando com os estudantes, percebi que apesar de ter sido a prática corporal de aventura mais votada e a maioria deles já terem tido algum contato com essa prática, haviam pontualmente, em cada turma, alunos que não sabiam sequer do que se tratava. Assim, o uso de vídeo seria um recurso pedagógico mais adequado para esse contato inicial, considerando que o parkour é extremamente visual e estético, assim como a maioria das práticas de aventura.

Como essa aula aconteceu na sala de aula, no início de cada aula, houve um pouco de reclamação por parte de alguns estudantes que esperavam ir para a quadra. A opção do uso da sala de aula se deu em função do fato de que na quarta-feira a quadra é compartilhada com as turmas da professora Divina. Assim sendo, julguei que, pelos estímulos visuais e sonoros concorrendo à atenção dos estudantes, não seria proveitoso fazer essa aula na quadra.

Nas aulas seguintes, utilizamos os demais espaços da escola. Primeiro na quadra, experimentamos as técnicas de queda, com agachamento e com rolamento e alguns dos saltos básicos. Tentei ensinar sobre a necessidade de aterrissar com segurança nos saltos. Após uma explicação sobre a necessidade de conhecer os próprios limites e capacidade, os movimentos básicos de queda utilizados no

Parkour, bem como os saltos com distância e de precisão e os saltos King Kong e dash vault foram experimentados. O movimento de rolamento mostrou ser uma dificuldade para grande parte das meninas que, em sua maioria, fez apenas o exercício de queda com agachamento. Nos demais movimentos não houveram maiores dificuldades, considerando que as distâncias e alturas eram reguladas de acordo com o que cada estudante conseguia.

Na sequência os movimentos básicos experimentados foram os movimentos que usam a barra e os movimentos que usam o muro. Foram usados os muros e o corrimão da quadra. Os movimentos de passagem por baixo e passagem por cima da barra foram realizados no corrimão da rampa de acesso ao “palco” da quadra e os estudantes experimentaram os movimentos variando a velocidade de aproximação da barra, de acordo com a habilidade e confiança de cada um para passar pela barra.

Os movimentos que envolviam a parede ou o muro foram experimentados. No “tic tac”, que é um movimento em que se usa a parede para saltar durante uma corrida, dando um passo na parede, a maioria dos alunos executou sem receios, contudo alguns estudantes temiam que o pé escorregasse e depois que eu expliquei novamente o movimento e como a velocidade e o peso do próprio corpo ajuda a fixar o pé na parede resolveram tentar.

O movimento de wall run foi o movimento seguinte, nesse movimento usa-se os pés na parede para impulsionar o corpo para cima e as mãos seguram a borda do muro. Como o muro usado era muito alto para a maioria dos estudantes (aproximadamente 3 metros), poucos conseguiram fazer a subida, então usamos os tatames como base, fazendo uma rampa, e mais pessoas conseguiram subir. Na sequência, foi realizada a subida no muro da arquibancada (aproximadamente 1,90m de altura), muitos dos estudantes conseguiram subir no muro, os que não subiram, conseguiram agarrar a borda e manter o corpo suspenso.

O último movimento executado foi o big jump, subindo pela ponta da arquibancada, os estudantes se seguravam no muro, na parte onde tinha um vão e soltavam o muro fazendo a queda no tatame no chão a uma altura aproximada de 3,5 metros da borda do muro ao chão. Este movimento causou mais medo nos estudantes e poucos deles executaram este salto.

Durante as aulas, a participação dos alunos foi muito boa. Embora nem todos tenham executado todos os exercícios propostos, estavam todos atentos à execução dos movimentos pelos colegas e se envolvidos na aula. Como exemplo, a aluna com nanismo optou por não fazer o movimento de passagem por cima da barra e os movimentos de wall run e a subida no muro da arquibancada, apesar disso, participou ativamente, dando dicas e fazendo comentários sobre a participação dos colegas.

Cabe dizer que embora os movimentos básicos fossem abordados a partir das técnicas mais difundidas, e geralmente ligadas à dimensão de eficiência, os alunos foram incentivados a experimentarem os exercícios e obstáculos da forma que se sentissem mais à vontade. Alguns alunos, por exemplo, executaram o dash vault sem usar as mãos, o que de um lado descaracteriza o movimento, por outro lado, confere ao movimento um outro sentido, em uma dimensão de eficácia simbólica, conforme aponta Daólio (2006, *apud* Marcossi, 2020).

a Educação Física sempre buscou, e exigiu de seus alunos, a eficiência, quer seja ela biomecânica, fisiológica ou em nível de rendimento esportivo. Ao buscar essa eficiência, desconsiderou a eficácia simbólica, ou seja, as maneiras como os alunos lidam, culturalmente, com as formas de ginástica, as lutas, os jogos, as danças e os esportes. Eficácia que pode, algumas vezes, não funcionar em termos biomecânicos, fisiológicos ou de rendimento esportivo, mas que é a forma cultural como os alunos utilizam as técnicas corporais. (Daólio, 2006, p. 56 *apud* Marcossi, 2020, p.39 )

Depois de experimentar os movimentos básicos, foi a vez de praticar o Parkour propriamente dito. Para a vivência corporal do Parkour, utilizamos os muros e grades da quadra, corredores e rampas e até a área desativada, que é um espaço atrás das salas de aula que não é utilizado pelos estudantes. Área desativada não é um nome usado na escola para se referir a esse espaço, de modo geral, esse lugar não era sequer mencionado no dia-a-dia da escola.

Inicialmente o trajeto foi percorrido andando e foi feito o apontamento de possibilidades de manobras e rotas no percurso, foram colocados cones em determinados locais que serviram de pontos de encontro entre os trechos do percurso. Os pontos de encontro foram colocados de modo que desse para ver o próximo cone, assim, ainda que não estivesse toda no mesmo lugar, eu conseguiria ver toda a turma. Após completar o percurso andando, já de volta à quadra, de onde havíamos saído, insisti que não era uma competição e que não era necessário fazer o percurso igual ao colega, mas superar os obstáculos de acordo com a própria capacidade. Por fim, um estudante por vez, o Parkour foi realizado.

**Imagens 8a e 8b** - Área desativada explorada na unidade do Parkour



Fonte: Arquivo pessoal

Durante a realização das aulas, foi observado que algumas meninas apresentavam muita resistência em participar das atividades propostas. No início das aulas sempre tentei deixar claro que cada pessoa poderia fazer adaptações nos exercícios para

atender a capacidade individual. Anunciei também que não era uma competição e cada um faria o que desse conta, porém, a comparação de resultados esteve presente, apesar dos apelos contrários.

Nas aulas de Parkour, a participação feminina foi geralmente menor e ainda que todos os estudantes tenham participado, o nível de motivação era relativamente mais baixo para as meninas. O medo de se machucar, a vergonha de cair, o receio de se sujar e a dificuldade dos desafios, justificam (ao menos em parte) essa baixa motivação.

Ao avaliar o Parkour algumas meninas escreveram assim:

Péssimo uma das piores aulas além de ter um grande risco de quebrar o braço e se machucar, não aprende nada de bom” (Emily- 9º ano)

Odiei, não sei se foi por minha falta de força(meu sedentarismo) ou porque exigia muito do meu corpo” (Josimara- 9º ano)

Não gostei. Muito perigoso, as meninas não fizeram por medo de altura ou algo assim. (Vitória- 8º ano)

Não sou muito fã. Cansa rápido e corpo dói, ainda mais eu que mexo o dia inteiro” (Wendy- 8º ano)

Não gostei muito, porque pra fazer Parkour tem que pular de uns lugares altos, e sou horrível nisso.” (Melyssa- 9º ano)

Não gosto, não gosto de correr e nem de pular, ‘mais’ fiz questão de participar porque pelos vídeos e legal. (Ágata- 9º ano)

Essa situação, contudo, não foi exclusividade e a maioria das meninas se envolveram em alguma medida e algumas se aventuraram mesmo nos desafios mais difíceis.

Foi bom, novas experiências, foi muito legal mesmo. (Heloísa-8º ano)

Achei bom, não gosto muito mas achei essa aula interessante. (Ana Vitória- 9º ano)

Gostei bastante (fiquei com um pouco de medo na parte de pular de alguns lugares, pois eu tenho um certo medo de altura... Mas achei muito legal e diferente(sic). (Ana Clara- 9º ano)

Parkour nunca fiz em toda minha vida e sempre achei legal, tive a oportunidade de aprende e fazer na escola, achei um pouco perigoso, mais e legal(sic). (Luiza- 9º ano)

### Imagens 9a e 9b- Meninas no Parkour



Fonte: Arquivo pessoal

Dentre os meninos a participação foi generalizada, porém as opiniões foram diversas. Enquanto alguns tiveram medo de machucar, outros queriam desafios maiores, conforme mostrado nos comentários a seguir:

Foi bom mais eu fiquei um pouco com medo de cair (sic). (Matheus-9º ano)

Eu não gostei muito porque tinha movimentos que eram difíceis, e tinha riscos de se machucar (sic). (Isaque- 9º ano)

Eu acho que deveria ter locais adequados para realização das aulas (Raphael- 8º ano)

Muito divertido mas devido as limitações da escola o percurso foi muito simples (Arthur- 9º ano)

Gostei mais eu queria que fosse mais difícil um pouco(sic). (Breno- 9º ano)

Ótima atividade só que o percurso muito simples acho que devia ser um pouco mais elaborado(sic). (João- 9º ano)

Essa experiência com Parkour foi inédita para mim e foi também para a maioria dos estudantes, assim sendo, avalio que foi muito proveitosa. Além de contribuir para a formação dos estudante nas práticas corporais de aventura, contribuiu para a minha docência nesse conteúdo: calcular riscos, descobrir possibilidades, substituir a competição pela cooperação foram alguns aprendizados.

As aulas de Parkour tiveram também um outro significado, pois na medida em que os estudantes foram na área desativada (Imagem 08) , começaram a se questionar sobre os motivos desse espaço ficar trancado e ser usado como ponto de descarte de objetos inutilizados. O espaço foi originalmente projetado para ser área de convívio e existiam bancos e mesas. Em direções passadas foi colocada uma cerca e o acesso ficou restrito. Isso foi feito para uma maior vigilância do recreio, pois o espaço era constantemente frequentado por casais de adolescentes apaixonados, já que fica distante do pátio e dos olhares dos adultos.

Não foi só esse o espaço fechado no Zé Rodrigues. Em 2019, quando cheguei à escola , o espaço da quadra e a sua parte de fora também eram áreas restritas, cercadas com telas. Assim, no recreio os alunos ficavam enclausurados no espaço do pátio. Essas telas foram retiradas em 2022 e atualmente os estudantes usam a quadra durante o recreio.

A área desativada ainda não foi aberta, porém, as discussões sobre sua reabertura continuam acontecendo. As justificativas administrativas ainda se sobressaem, mas aos poucos os motivos pedagógicos para uso do espaço vêm ganhando força, entre alunos e funcionários da escola. A Educação Física pode

contribuir para essa discussão na medida em que faz o uso pedagógico desta área, mostrando outras possibilidades de ocupação deste espaço.

#### 4.3.4 O voleibol no planejamento participativo

O voleibol é um esporte muito popular no Brasil. Essa popularidade se reflete na escola e, nas brincadeiras que acontecem nos momentos livres, é comum acontecerem jogos relacionados com o voleibol.

Para as aulas de voleibol, decidi abordar elementos da história deste esporte, promover atividades lúdicas e ensinar o jogo na sua forma institucionalizada. Para isso, questionei aos alunos se eles sabiam a história do voleibol e diante das respostas negativas, contei oralmente como o esporte surgiu e se popularizou no mundo todo, de acordo com Matias e Greco (2011, p 49-63).

No ano anterior eu havia abordado o voleibol em um dos bimestres, contudo, essa abordagem tinha um caráter tecnicista, objetivando a aquisição de técnicas e habilidades características do alto rendimento. Não havia me atentado para a ludicidade que pode ser estimulada neste jogo, foquei em ensinar regras e fundamentos. Assim, ainda que eu tenha feito uma introdução histórica, o que marcou aquela experiência foi o rigor técnico e os alunos não se lembravam da história.

Na sequência da aula em curso, vivenciamos uma prática alternativa do Mintonette, primeiro nome do esporte. A turma toda jogou ao mesmo tempo, sendo dividida em dois times. Utilizamos uma bola de látex, portanto, muito mais leve que as bolas oficiais de voleibol. Como a bola demorava mais tempo para cair, os estudantes conseguiam tocar nela e evitar sua queda. Os poucos pontos marcados na brincadeira aconteciam quando alguém errava uma cortada, jogando a bola na rede ou fora da quadra de jogo.

A quadra estava cheia e as disputas de pontos eram longas, usando o sistema de vantagem os placares nunca eram altos, os alunos se divertiam não pelo

resultado, mas pelo jogo em si. As situações de sucesso foram otimizadas e os estudantes se divertiram muito nesta aula, conforme o comentário:

Foi o que eu mais gostei! Principalmente o que brincamos todos juntos, sem ficar ninguém de fora. (Melissa- 9º ano)

Durante o jogo, a vontade de participar tocando na bola era muito grande e alguns estudantes não estavam respeitando o espaço dos outros. As meninas reclamaram que os meninos não estavam deixando que elas tocassem na bola, pois entravam na frente ou pulavam acima delas. Depois de falar que era pra respeitar o espaço do outro, percebi que a situação continuava. Então acrescentei a regra de que somente as meninas poderiam ficar à frente da linha dos três metros. Alguns meninos reclamaram, porém, essa alteração na regra oportunizou que a participação das meninas não fosse ofuscada.

Na aula seguinte aconteceu o jogo de voleibol e tentei perceber o que os estudantes conheciam do esporte e fazer uma aproximação entre este conhecimento e as regras oficiais da modalidade. Para isso os estudantes foram convidados a falar quais são as regras do jogo de voleibol, pois o jogo aconteceria de acordo com tais regras. Na aula anterior eu não havia falado sobre as regras atuais da modalidade e os estudantes tentavam lembrar, a partir dos conhecimentos prévios que tinham.

Nos nonos anos a quantidade de jogadores, depois de algum debate, foi acertada, o rodízio também foi lembrado e nas duas turmas observou-se muitas similaridades com as regras oficiais do esporte. Na turma 8º2, a regra anunciada pelos estudantes contava com times de 5 participantes e não tinha rodízio, podendo o saque ser realizado por qualquer pessoa que quisesse. Jogando dessa forma, um dos times, ao descobrir o melhor sacador, manteve ele sacando até o final do jogo, nos outros times houve negociação pelo saque e a relação de liderança ou de popularidade foi determinante. Pela quantidade de times, 5 times, e o elevado tempo gasto para separá-los, os jogos eram de 7 pontos saindo os dois times para dar vez aos próximos. Com a turma 8º3 os times tinham 7 pessoas, não podia repetir saque, mas a ordem de saque era aleatória. Os estudantes mudaram de posições mas não obedeciam a um rodízio.

Apesar de ter sido abordado este esporte no ano anterior, em todas essas aulas, os estudantes mostraram pouca familiaridade com os princípios táticos do vôlei. Os alunos, em geral, ficavam estáticos e só executavam os movimentos básicos se a bola fosse diretamente neles, apenas um ou outro estudante em cada time tinha noções de posicionamento e movimentação durante o jogo. Além disso, tentavam passar a bola sempre de primeira, o que demonstrava pouco domínio tático sobre as possibilidades do jogo.

Essa dificuldade em entender o jogo se justifica, pois, como já relatado, do vôlei era ensinado apenas a repetição de movimentos básicos e os estudantes não eram estimulados a pensar o jogo. Conseguir sacar ou executar uma manchete eram os objetivos de minhas aulas no passado, agora entendo que o domínio do gesto técnico isolado, não é capaz de habilitar o aluno para o jogo, propriamente dito.

Conseguir executar os fundamentos do voleibol é fundamental para praticar o jogo e, como Marcossi (2020) percebeu em seu estudo, através do sucesso propiciado na experiência, o estudante pode se empoderar individual e coletivamente. Assim, não se pode abrir mão da técnica, contudo, não é apenas reproduzindo um padrão de movimento de forma isolada e descontextualizada que os estudantes vão se desenvolver no esporte.

O saque é o ato de colocar a bola em jogo no voleibol e a continuação do jogo depende do sucesso deste movimento. Assim, após a aula de diagnóstico dos conhecimentos dos estudantes, o fundamento do saque foi priorizado. Foi comunicado a todos que durante as partidas eu poderia parar o jogo para ensinar novamente o saque aos alunos que precisassem de minha intervenção e que, quem errasse, poderia repetir o fundamento. Antes de separar os times em cada aula, expliquei como pode ser feito o saque por baixo e a manchete, esses fundamentos foram utilizados nas situações de jogo.

Como o Vôlei havia sido tematizado no ano anterior, em todas as turmas a maioria dos estudantes sabiam sacar, porém, foi necessário fazer explicações

individualizadas em alguns casos. Alguns estudantes não conseguiam sacar de trás da linha, conforme a regra oficial, assim sendo, foi permitido que sacassem de dentro da quadra, de onde conseguissem. Com isso, todos os participantes alcançaram êxito no saque em algum momento do jogo.

No momento da aula na turma 8º2, um grupo de 11 alunos disse que não iria participar da aula. Alguns desses alunos se recusam frequentemente, porém três deles são muito ativos nas aulas e exercem certa liderança na turma, o que me causou um estranhamento. Quando conversei para que participassem, rispidamente disseram que ficariam na arquibancada e que eu poderia tirar os pontos deles. Acredito que essa recusa pode ter relação com as altas temperaturas que faziam naquela semana. Naquele momento preferi não insistir muito e concentrei minhas atenções nos alunos que queriam participar, estes foram bastante ativos e como só tinham duas pessoas na espera, jogaram por praticamente todo o horário da aula. Com um tempo de prática maior, foi possível perceber e ajudar, de forma mais satisfatória, os estudantes que tinham dificuldades no saque.

Embora em todas as turmas a atividade tenha sido bem aceita e desejada pelos estudantes que jogaram, houveram alguns poucos estudantes que não participaram do jogo nas turmas 9º2 e 8º3. De forma contrária, com a turma 9º1, a participação dos estudantes foi massiva, foram distribuídos 5 times. Com isso, o tempo de jogo foi muito curto e optei por não fazer muitas interrupções no jogo. Assim, não foi possível fornecer muitas ajudas aos estudantes que apresentaram dificuldades no saque. Entretanto, sacando de dentro da quadra todos conseguiram passar a bola pro outro lado. Assim, as características de cada turma e as circunstâncias das aulas foram determinantes na motivação dos estudantes em participar da aula.

Em todas as aulas foram disponibilizadas bolas para os estudantes que estavam na espera rebaterem, alguns estudantes preferiam esperar sentados na arquibancada ou assistindo o jogo ao lado da quadra. Não interfeirei nessas escolhas. Em algumas turmas os estudantes que estavam na “de fora” rebatiam com uma bola em um grupo grande, em outras, se organizavam em pequenos grupos. Houveram também estudantes que participaram apenas da brincadeira de rebater e não quiseram participar do jogo.

Nas aulas seguintes os jogos pré-desportivos “manchetão” e “corta 3” foram vivenciados pelos estudantes. Do jogo de manchetão, utilizamos quase que apenas o nome, pois se na versão mais popular o jogo é jogado em trios e com duas bolas que são sacadas simultaneamente dos lados opostos da quadra, no jogo da escola utilizamos apenas uma bola e jogamos em “sextetos”, mas a regra de usar somente manchetes, que dá nome ao jogo, foi mantida. Já o corta 3, ou 3 corte, é jogado em grupo que deve formar uma roda, a bola é rebatida nos dois primeiros toques e deve ser cortada no terceiro contato, o objetivo é acertar um colega com a bola, que estará queimado e deixará a roda.

Ainda estávamos vivendo uma onda de calor naquela semana, com isso não insisti para que os alunos participassem dos jogos. Todavia ao explicar as regras do manchetão os alunos demonstraram interesse, embora na hora dos jogos queriam cortar sempre, então precisei explicar que não era esse o objetivo. Em todas as turmas houve uma boa participação, mas sempre com alguns poucos alunos não participando. A regra de passar a bola sempre de manchete, no início provocou reclamações, mas durante o jogo, foi sendo assimilada pelos estudantes.

Para o jogo de corta 3, considerando que é uma brincadeira recorrente entre os estudantes, que brincam disso no recreio, julguei que não seria necessário fazer uma explicação do jogo. Durante a prática constatei que os estudantes não sabem executar a cortada, fazendo o movimento com socos ou atacando com as duas mãos. Como as turmas estavam divididas em grupos, fui passando por eles e explicando como fazer a cortada, embora o aprimoramento técnico não fosse o objetivo, era notório a satisfação dos estudantes ao conseguirem executá-la.

Em uma turma, os alunos preferiram jogar a brincadeira fazendo uma única roda, o que acarretou que os estudantes tivessem poucas oportunidades de ação. Além disso, as ações foram dominadas por um grupo de 5 estudantes, que jogavam entre si e eliminavam os outros. Percebendo essa situação, sugeri que formassem duas rodas, entretanto, os estudantes preferiram manter uma roda só. À medida em que os alunos iam sendo eliminados da roda principal, foram criando uma segunda roda. Deste modo, todos participavam o tempo todo. Essa situação dos estudantes queimados fazendo uma nova roda foi percebida nas demais turmas.

No horário da turma 9<sup>o</sup>1, um dos estudantes levou uma bola de futebol e quis brincar com ela em um grupo de colegas e estava atrapalhando o andamento da aula, com isso precisei recolher essa bola, o que gerou insatisfação entre estes estudantes que começaram a atrapalhar o andamento da brincadeira, depois que eu chamei a atenção deles e os próprios colegas pediram pra eles pararem de “avacalhar”, dois deles saíram da roda e foram rebater entre eles, os demais continuaram jogando. A bola de futebol foi devolvida no final da aula.

A proposta para a última aula era jogar voleibol, adotando as regras oficiais. Durante essa aula, as turmas foram divididas em times e o jogo aconteceu, entre esses times. No segundo e no terceiro horário, pela necessidade de compartilhamento do espaço da quadra com as turmas da professora Divina, os jogos foram entre os times de uma turma contra os times da outra, com isso, não foi possível que todos jogassem. Em ambos horários os alunos que não estavam jogando voleibol, rebateram uma bola ou jogaram corta 3.

Os estudantes mostraram evolução, tanto técnica, quanto tática em relação às primeiras aulas. Apesar de ser observada uma melhora no entendimento de jogo dos estudantes de modo geral, os estudantes que apresentavam mais domínio técnico, eram mais ativos nas jogadas e por vezes, tentavam obstruir a participação dos menos habilidosos, entrando na frente ou disputando o espaço com estes. Essa situação foi observada em todas as turmas em alguma medida. Por algumas vezes chamei a atenção desses alunos para deixarem os demais jogarem, no que refutavam dizendo que estava salvando, já que a outra pessoa não estava jogando direito.

Conciliar a heterogeneidade de habilidades e níveis de desenvolvimento dos estudantes em um mesmo jogo é um desafio em todas as práticas corporais na Educação Física, porém nos esportes me parece que essas diferenças ficam ainda mais evidentes. Entre ajudar o colega, que está com dificuldade e invadir o espaço do outro, existe uma linha tênue que é difícil ser percebida pelos estudantes. Entendo que este é o papel do professor, porém reconheço que por vezes não consegui dar conta desta demanda.

As diferenças de habilidades acarretaram em uma diferença de avaliação dos estudantes sobre o voleibol, conforme os comentários subsequentes:

Não gostei porque não tenho força suficiente para sacar a bola. (Emily- 9º ano).

Não gostei pois não sei jogar (Ana Clara S.-9º ano).

Foi mais ou menos porque eu sou muito baixo e também não sou muito bom ainda mais no saque (Matheus- 9º ano).

Não gostei muito porque eu não sabia jogar direito e como os outros alunos já sabem, fica um pouco difícil jogar (mas gostei de ter tentado jogar) (Ana Clara G.-9º ano).

Muito bom, superou minhas expectativas (Luna- 9º ano).

Top, eu joguei todos os dias o pai é o rei do saque. (sic) (Victor-9º ano).

Gostei bastante até mesmo participei da maioria dessas aulas do vôlei. (sic) (Ana Vitória- 9ºano).

Foi legal. Praticamos alguns saques, jogamos corta 3, também jogamos o vôlei de antigamente com a sala toda. (Thayla- 8º ano).

Gostei bastante, até porque a maioria dos alunos gostam de vôlei. (Roberta- 8º ano)

Por fim, considero que minha forma de perceber o vôlei e o esporte de modo geral nas aulas de Educação Física está se transformando. Essa mudança, que deveria ter ocorrido ainda durante a graduação, se deve tanto às discussões propiciadas pelo mestrado, como também pela experiência com os estudantes e o esforço de tentar entender suas dificuldades e motivações nas aulas de Educação Física. Reconheço a relevância do esporte de rendimento presente nos meios midiáticos e na formação da opinião e das expectativas dos estudantes, mas tenho percebido que o esporte praticado por eles é, sobretudo, lúdico e recreativo e que guarda pouca relação com aquele visto nas telas.

Ao refletir sobre minhas aulas, percebo que minha condução durante essa unidade didática não foi a mais acertada, pois, na tentativa de evitar um ensino tecnicista do esporte e com o objetivo de fazer uma aula mais lúdica, acabei por vezes, cedendo às vontades dos estudantes. Com uma docência ainda muito centrada na dimensão procedimental (Darido, 2012), não aprofundei nas reflexões sobre o esporte e a experiência lúdica que pode emergir dele. Assim, embora tenha ocorrido uma aproximação entre as vivências lúdicas e o esporte institucionalizado, essa situação não foi refletida e não foi aproveitado todo o potencial formativo que ela poderia gerar.

#### **4.3.5 Cabo de guerra, desconexões e encerramento do ano letivo.**

As últimas aulas do ano seriam destinadas ao cabo de guerra. Contudo, o período foi marcado por descontinuidades e o planejamento não foi efetivado. Apenas na turma 9º2 aconteceram as aulas previstas. Para os oitavos anos e a turma 9º1 essas aulas não aconteceram.

Considerando que o final do ano na escola é repleto de peculiaridades e imprevisibilidades, decidi realizar a avaliação do planejamento participativo no início do mês de dezembro, apesar do término do ano letivo estar marcado para o dia 15. Para essa avaliação, fiz a leitura de cada questão com os estudantes explicando e afirmando a necessidade de respostas sinceras e completas (Anexo 10). Para os estudantes responderem com calma e refletidamente foi pedido que fizessem a tarefa em casa e devolvessem a avaliação na próxima aula.

Esta avaliação do planejamento participativo objetivou coletar de forma escrita as impressões dos estudantes quanto ao planejamento. Para isso, eles comentaram sobre cada unidade didática desenvolvida, sobre o planejamento participativo de modo geral e sobre suas participações neste processo. Nesta mesma avaliação, os estudantes foram convidados a dar sugestões.

Para o dia da primeira aula de cabo de guerra, nos minutos iniciais, fiz a entrega e explicação da avaliação. Na sequência, falei para os estudantes sobre a origem incerta do cabo de guerra, sua atribuição aos povos indígenas e sua

popularização nos programas de treinamento militar. Após isso, descemos para a quadra e o cabo de guerra foi vivenciado pelos estudantes da turma 9<sup>o</sup>2, no primeiro horário e, apesar da necessidade de intervenção para que as meninas participassem, houve grande adesão à atividade, apenas dois estudantes não quiseram participar. Nessa aula, os estudantes fizeram as disputas individuais e em duplas e foram utilizadas cordas pequenas.

Nos horários seguintes as turmas dos oitavos anos estavam envolvidas com a organização do evento de culminância do Projeto de Consciência Negra. Assim, fiz apenas a entrega e a explicação da avaliação e depois os estudantes continuaram nas atividades do projeto. Nos últimos horários, aconteceu a culminância do mesmo.

No dia da segunda aula de cabo de guerra estavam previstas variações com mudança na quantidade de pessoas, bem como o uso de diferentes espessuras de cordas. Porém, mais uma vez, houve desconexão entre planejamento e realidade já que a escola apresentou outras demandas.

No primeiro horário, como a turma 9<sup>o</sup>1 não havia tido a aula anterior por causa da culminância do projeto de consciência negra, decidi aplicar a avaliação do planejamento participativo em sala. Deste modo, os estudantes não participaram das atividades de cabo de guerra.

No segundo e no terceiro horário, devido a falta de professores e a uma reunião com alguns professores e a direção, houve fusão de turmas tanto para mim como para a professora Divina. Assim sendo, com quatro turmas na quadra, não foi possível seguir o planejamento e por ser um jogo que permite a participação de muitas pessoas e ser de boa receptividade entre os alunos, foi realizado o jogo de queimada.

No quarto horário, com a turma 9<sup>o</sup>2, recebi as avaliações que os estudantes fizeram em casa e após eu explicar a proposta das atividades para esse dia fomos para a quadra. Ao chegar na quadra, percebi que uma considerável parte dos estudantes ficou na arquibancada e não quis participar das atividades. Tentei argumentar para que participassem, não obtive grande sucesso e apenas uma estudante aceitou participar. Dentre as justificativas de recusa, duas pessoas

disseram estar passando mal, três meninas disseram que não participariam por estarem com unha de gel, que poderiam quebrar, e outros estudantes disseram não gostar dessa atividade. Os estudantes que participaram, experimentaram algumas variações do cabo de guerra. Essas variações incluíram a execução das disputas individuais e em duplas com uma corda mais grossa que a utilizada na aula anterior, disputa com grupos mais numerosos e, a pedido deles, disputa de meninos versus meninas.

Para a última aula do cabo de guerra, com a turma 9º2, foi feita uma atividade alternativa, usando o poste de fixação da rede de vôlei ao invés da corda. Nesta variação, os estudantes disputaram primeiro em duplas, depois alguns disputaram individualmente. Foi proposta uma variação em que os estudantes deveriam empurrar o poste, e os colegas adversários, por consequência. Os estudantes que iniciaram a brincadeira tiveram um pouco de dificuldades para entender que o objetivo era empurrar e não puxar o poste, essa mudança de sentido da aplicação da força, fez com que os estudantes tivessem que se adaptar a uma nova posição. Após alguns ajustes os estudantes conseguiram realizar as disputas. Ao final, perguntei as suas impressões sobre esta forma diferenciada de praticar o cabo de guerra. As respostas, de modo geral, declararam preferência pelo modo tradicional, com corda. Um dos estudantes disse que o cabo de guerra empurrando era estranho e os demais concordaram com ele. Apesar dessas considerações, a grande maioria dos estudantes participou ativamente durante a aula. Como o poste é relativamente pesado, ficava sempre um estudante no meio para garantir que, em caso de queda de um dos participantes, o poste não caísse sobre ele, o que poderia machucá-lo. Com a precaução tomada, nenhum estudante se machucou.

Neste dia não aconteceram as aulas dos oitavos anos, pois as turmas estavam em excursão para um clube. No último horário, com a turma 9º1, ponderei que devido às circunstâncias das aulas anteriores, como a turma não havia tido nenhuma aula de cabo de guerra, não faria sentido fazer uma aula isolada. Assim sendo, conversei com os estudantes sobre o ano letivo e seu encerramento, bem como sobre suas expectativas para o Ensino Médio que se aproximava. Nos minutos finais fomos para a quadra e os estudantes estavam livres para participar das brincadeiras com as turmas que estavam na quadra em horário vago. Assim sendo,

devido às circunstâncias, apenas na turma 9º2 foram realizadas as aulas do conteúdo cabo de guerra previstas no cronograma.

#### 4.4 Avaliando o planejamento participativo com a ajuda dos estudantes

O planejamento participativo foi abordado neste estudo como uma possibilidade para o aumento da participação e do engajamento dos estudantes nas aulas de Educação Física. Acredito que essa experiência proporcionou mais do isso pois foi através do planejamento participativo e no esforço de reflexão sobre minha prática docente que percebi lacunas em minha formação que limitam a minha docência e portanto a relação ensino aprendizagem fica também limitada. No percurso fui percebendo que a questão da participação e do engajamento dos estudantes nunca foi o maior problema, mas era também, um reflexo da minha docência. Assim, avaliar o planejamento participativo é avaliar a minha docência.

Para ajudar a avaliar o planejamento participativo, pedi que os estudantes respondessem aquelas questões já comentadas e que constam no Anexo 10. Foram entregues aproximadamente 100 avaliações aos estudantes e 56 delas foram devolvidas com respostas. Algumas avaliações voltaram com respostas em branco ou incompreensíveis e muito evasivas, contudo, a grande maioria foi devidamente preenchida e nos permitiu avaliar junto com os estudantes essa experiência.

Perguntados se o planejamento participativo contribuiu para uma maior participação de todos nas aulas, 23 estudantes disseram que contribuiu muito, 20 apontaram que contribuiu pouco, outros 12 responderam que não fez diferença. Ao descreverem pontos positivos do planejamento participativo, eles apontaram para a diversidade de conteúdos em 10 respostas. Em outras 12, disseram que a organização e a previsibilidade das aulas foi positiva no planejamento. O protagonismo dos estudantes e a possibilidade de escolha foi o destaque para 8 alunos, enquanto 7 adolescentes disseram que o planejamento participativo ajuda a otimizar a participação dos estudantes e a unir a turma.

Dentre os pontos negativos apontados pelos discentes, a baixa participação e o pouco interesse dos colegas foi a resposta para 16 estudantes. Outros 17

estudantes reclamaram dos conteúdos escolhidos, 7 desses citaram a falta de mais futebol como motivo da queixa. Outros 3 alunos disseram que foi pouco tempo de aula e outros 2 disseram que as aulas estavam repetitivas.

A maioria dos estudantes, 31 casos, responderam que é importante saber com antecedência o cronograma de aulas e os conteúdos da Educação Física. Todos os estudantes receberam um cronograma e o planejamento da unidade didática previamente e podiam se organizar a partir deste cronograma. Essa previsibilidade, contudo, não impedia os pedidos por futebol e as perguntas de “o que vai ser hoje?” a cada vez que chegava na sala.

Questionados se, no ano seguinte, deveríamos continuar com o planejamento participativo, apenas 13 estudantes disseram que não, outros 42 responderam que sim. Isso demonstra que, entre erros e acertos, os estudantes gostaram do planejamento participativo e da possibilidade de escolher os conteúdos das aulas.

Dentre as sugestões de melhoria do planejamento participativo estão:

Cada sala ter sua votação para que todos os alunos pratiquem a aula não forçadamente, mas por fazer bem a saúde e se divertir. (Saulo- 9ºano).

Para cada turma ter seu planejamento esportivo e não misturar todas as turmas (Ana Vitória- 9º ano).

Fazer a votação por sala e não pra escola, porque todos tem gostos diferentes (Emily-9º ano).

Concordo que a votação por sala de aula proporciona uma representatividade maior e potencializa a chance de agradar os estudantes daquela turma, aumentando assim, a participação dos mesmos nas aulas. Contudo, como já dito anteriormente neste trabalho, eu não conseguiria dar conta de 4 planejamentos diferentes simultaneamente. Poderia ter optado por conduzir o estudo em apenas uma turma e fazer o planejamento participativo apenas nela, porém, como as turmas são muito discrepantes em características e eu não soube escolher quais características

seriam mais relevantes para este estudo, preferi manter as 4 turmas e abranger uma parte maior de minha docência.

Outros destaques sugerem uma mudança de minha postura em sala.

Pedir mais presença dos alunos... (Júlia- 9º ano).

Interpreto que ela ao escrever "pedir mais presença dos alunos", quer dizer "exigir maior participação nas aulas" e na prática sugere que eu me imponha mais. Essa imposição, por vezes foi evitada, pois tinha comigo o entendimento de que se o objetivo é constatar se o planejamento participativo aumenta a participação dos estudantes, eu não deveria fazer imposições. Com esse pensamento acabei me anulando em algumas situações e deixando de intervir quando era necessário agir.

Acho que o professor tem que ser mais animado, mas o resto é muito bom (Heloísa- 8º ano).

Falar menos e fazer as aulas mais porque quando você tá falando a gente perde muito tempo das aulas (Estudante não identificado).

Melhorar as atividades para algo que todos gostam e falar menos em sala (Isabelly- 9º ano).

A dinâmica das trocas de horários e início das aulas aconteciam de forma um tanto quanto pacata. Chegar na sala e esperar todos voltarem a calma, explicar a atividade do dia e fazer a chamada, realmente tomava um tempo grande, cerca de um quinto da aula. Falar menos e ser mais animado, julgo ter relação com esse momento inicial. Sou uma pessoa de fala arrastada e raciocínio lento, além disso, preciso de silêncio e atenção para falar, assim, explicar uma atividade com um pouco mais de complexidade poderia levar um tempo maior. Tenho me esforçado para superar essas limitações e creio estar tendo sucesso.

Outras estudantes sugeriram a separação das atividades por gênero ou por afinidade e a exclusão das práticas de aventura.

Não ter brincadeiras que correm um grande risco de machucar (Melissa- 9º ano).

Ter um planejamento para as meninas e os meninos separado (Beatriz- 9º ano).

Desenvolver 2 grupos diferentes, um só de meninas e outro só de meninos. Porque quase nenhuma menina gosta de jogar junto com os meninos. (Maria Eduarda- 8º ano).

Eu acho que seria interessante montar grupos com: um grupo de vôlei, um grupo de futebol, um grupo de parkour... Porque não são todos os alunos que gostam das mesmas brincadeiras. (Ana Clara G.- 9º ano).

Essas sugestões revelam que houve de minha parte certo descuido em promover a integração das meninas nas atividades. Embora tenha estudado o tema no início deste mestrado, a problemática das relações de gênero na Educação Física ainda é um tema sensível para mim. As contribuições de Menzetti (2020), Pereira (2020), Souza Junior (2020) e Sousa e Altmann (1999), me ajudaram a superar a visão simplista e preconceituosa de que as meninas não participam porque não querem ou são preguiçosas. Perceber a participação feminina nas aulas de Educação Física a partir de uma outra ótica me deixou mais consciente das inúmeras dificuldades em simplesmente estar ali para algumas delas. Entender que o espaço e o tempo da Educação Física para elas pode ser um lugar hostil, desconfortável e de julgamentos, me ajudou a encarar de outra forma a relação de gênero presente. Contudo, ainda tenho dificuldades em promover ações que rompam com a dominação masculina.

Em uma outra sugestão, uma estudante aponta para aquilo que é uma preocupação no planejamento participativo que é os estudantes escolherem sempre aquilo que é mais popular entre eles.

Acho que os professores deveriam escolher. Acho que as opções menos marcadas deveriam ser escolhidas. (Larissa- 8º ano).

Ao escrever “Acho que as opções menos marcadas deveriam ser escolhidas” a estudante mostra um desejo por conhecer coisas novas, por explorar uma diversidade de conteúdos característica da Educação Física. Em oposição registramos algumas das várias propostas de aumentar a oferta de futsal/futebol.

Colocar o futsal... (Ramy-9º ano).

Eu acho que deveria colocar futsal como uma aula e não como horário vago (David- 9º ano).

Futebol o ano inteiro e mais queimada e vôlei. (Breno- 9º ano).

Eu quero que tenha mais liberdade de escolha como futsal e boxe (Raphael-8º ano).

Embora o futsal tenha sido contemplado no Interclasse, essa cobrança por mais e mais futebol é sintomático de estudantes que somente valorizam o esporte hegemônico. É minha função, sabendo da força e influência cultural do futebol, superar este “analfabetismo” em outras práticas corporais.

Por fim, sobre a sua própria participação, 11 estudantes disseram ter participado pouco, outros 11 avaliaram sua participação como mediana e 26 disseram ter tido boa participação nas aulas.

Essas auto avaliações não coadunam com meus registros de aula, onde a expressiva maioria participava sempre das aulas, acredito que esta diferença se justifica sobretudo porque os estudantes com menor participação nas aulas práticas foram os primeiros a entregarem as avaliações.

Lembrando sempre que educação é projeto de longo prazo, esse estudo, dentro dos limites da minha capacidade docente, propiciou aos seus participantes uma vivência democrática. Esses limites são reflexos de uma formação precária. Concluo que esse estudo é parte do processo de qualificação da prática docente, na medida em que, por meio dele, tenho refletido sobre minha prática no objetivo de melhorar minha atuação profissional.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciei este estudo com a intenção de solucionar a questão da indisciplina nas aulas de Educação Física, um problema de origem multifatorial. Tão logo as primeiras discussões e reflexões sobre o tema se deram, percebi que seria uma tarefa impossível de se realizar, sobretudo porque não dependia apenas de mim, mas de outros sujeitos. Assim, foi necessário voltar o olhar para minha própria prática docente.

O esforço crítico reflexivo da própria docência é incômodo e desafiador, contudo, é indispensável ao professor que pretenda romper com a ideia de educação bancária, em que a função do professor seja a de depositar nos alunos os conhecimentos escolares. A exigência de reconhecer os estudantes como sujeitos de conhecimentos, embora em teoria não me fosse estranha, na prática não era a constância das minhas aulas. Assim, o meu primeiro ano de docência foi marcado pela falta de preparo que se escondia em um certo autoritarismo. Minhas aulas pareciam mais com o treinamento esportivo do que um componente curricular da Educação Básica.

Desse modo, uma contribuição que essa experiência de formação continuada trouxe diz respeito ao desenvolvimento da capacidade de refletir sobre minhas aulas. Esse desenvolvimento não está findado, mas em processo de construção e aprimoramento. E assim, “cientes do inacabamento” conforme Freire (2022), considero que o resultado principal dessa pesquisa está na transformação da prática docente que foi iniciada neste trabalho.

O planejamento participativo foi uma metodologia que possibilitou aos estudantes uma experiência democrática. Planejar com os estudantes permitiu que eles, em coletividade, vivenciassem o planejamento. Assim, o planejamento não foi algo burocrático ou administrativo, mas foi pedagógico. O planejamento participativo deu voz aos estudantes e me fez ouvi-los. Ouvir os estudantes exige do professor uma renúncia, ainda que momentânea, da sua prerrogativa de fala.

Durante o desenvolvimento do estudo, na experiência das aulas, fui percebendo e modificando minha relação com eles. Neste período, entendi que a relação entre professor e estudantes é uma relação dialógica mediada pelo conhecimento. A experiência pedagógica perpassa tanto professores como estudantes e modifica ambos. A condição de professor-reflexivo exige que essa experiência seja orientada para a criticidade.

O exercício de refletir a prática associado às discussões teóricas promovidas durante esses dois anos de mestrado me fizeram perceber que eu transferia para a Educação Física escolar os métodos e expectativas próprios da instituição esportiva. Isso pode justificar o fato dos estudantes se sentirem desmotivados e excluídos nas aulas de Educação Física. Se a diversidade é uma das principais características da escola pública, a busca por padrões de desempenho é uma contradição e a Educação Física não pode se prestar a isso. Contudo, essa era minha expectativa nas aulas.

A modificação de minha atuação docente fez com que os casos de indisciplina e afastamento das aulas diminuíssem, embora não fosse o objetivo dessa pesquisa quantificar esses casos. Essa diminuição se deu sobretudo pela minha mudança de entendimento da adolescência. Compreender o papel da Educação Física escolar, na formação cultural dos adolescentes, foi importante para eu me desprender da expectativa de uma disciplina quase que “militar”. Com isso, minha relação com os estudantes foi outra e isso aumentou a receptividade deles para com a Educação Física.

Apesar de durante o estudo terem ocorrido situações de afastamento e de indisciplina, a minha abordagem nesses casos foi modificada pelas reflexões levantadas aqui. Entender que os estudantes são sujeitos ativos e tem a sua individualidade e, como tais, não são apenas receptores de conteúdos foi fundamental, pois me permitiu dialogar e tentar motivá-los a participarem das aulas. Educar para a autonomia pressupõe aceitar essa autonomia e buscar construir os consensos que permitam a convivência democrática.

O mestrado me modificou profundamente. Foram dois anos de muito aprendizado. Entre estudo e trabalho a Educação Física esteve presente em todos

dias desse período. O mestrado mudou minha relação com esse componente curricular. Foi durante o mestrado, nas discussões sobre currículo e planejamento, que passei a perceber a Educação Física como parte da cultura escolar, inserida no projeto de educação dos estudantes e não algo estrangeiro à escola. Foi por meio dos estudos sobre as questões de gênero que comecei a entender as meninas e os motivos mais diversos que podem levar ao afastamento das aulas. No mestrado descobri minha dificuldade em promover a inclusão das pessoas com deficiência e despertou a necessidade de mais estudos nesse sentido. Apesar dos estudos na graduação, foi no mestrado que a necessidade de diversificação dos conteúdos despertou para mim.

Embora o mestrado e a minha docência com estudantes tenham começado no mesmo momento, início de 2022, acredito que sem as reflexões promovidas nessa formação continuada, minha atuação docente tendia para uma reprodução acrítica do modelo tradicional do esportivismo, vivenciada na minha vida estudantil, baseado no “quarteto fantástico” composto por futebol, vôlei, handebol e basquete. O meu primeiro ano foi basicamente assim, conforme já relatei. Deste modo, o meu ingresso no mestrado me deu outras perspectivas. Li, vi e ouvi sobre outras práticas e outras metodologias que ampliaram minhas possibilidades. Assim, este mestrado afetou radicalmente a minha docência.

Considerando que essa foi a minha primeira experiência com pesquisa, acredito que errei ao não fazer mais registros. Nunca antes havia escrito as considerações sobre minhas aulas e fazê-las em caderno de campo se mostrou uma grande dificuldade. Não tenho por hábito fotografar minhas atividades, percebi que seria interessante ter mais imagens para ilustrar a pesquisa, não tenho fotos das aulas na rua, do dia de votação, nem do mintonette com a sala toda na quadra de vôlei. Não tenho áudios, transcrições ou qualquer registro de meus diálogos com aqueles estudantes que se recusavam a participar das aulas. Assim, se alguma informação ou detalhe faltou, se algo não está registrado no caderno de campo, tais lacunas ficarão como aprendizado para a próxima experiência.

Pretendo continuar estudando, durante o mestrado percebi deficiências em minha graduação e que diversas dificuldades decorriam dessa formação precária. Tanto o tema do planejamento e do currículo, como a temática das metodologias de ensino se mostraram difíceis para mim no decorrer deste estudo e quero aprender mais sobre estes assuntos da profissão docente. É sabido que, quanto mais estudamos sobre algo, mais precisamos estudar sobre isto, assim, pretendo me aprofundar um pouco mais sobre o planejamento participativo, estudando outras formas de fazê-lo, tendo em conta os fatores socioculturais e etários dos diferentes locais e anos de escolaridade, e otimizar a participação dos estudantes.

O planejamento participativo vem sendo usado como tema e como metodologia em diversos trabalhos acadêmicos. Algumas dessas experiências estão localizadas em dissertações de mestrado do PROEF. Contudo, considerando a característica sempre única de cada experiência, o tema não está esgotado e merece atenção. Apontado como um potencializador da participação democrática para o discente, o planejamento participativo pode contribuir também para a formação docente, conforme testemunhado nesta pesquisa.

É minha expectativa que o recurso educacional produzido nesta pesquisa possa inspirar outros professores a desenvolverem novas experiências de planejamento participativo. Sabendo que nenhuma escola é igual à outra e cada estudante é diferente, reitero a importância de que cada professor, refletindo sobre as especificidades de seu local de atuação, faça as devidas modificações, tanto no material como na metodologia.

## REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah. **A crise na educação**: entre o passado e o futuro. São Paulo: Perspectiva, 1972.

ASSIS, Renata Machado; BARROS, Marcos Oliveira; CARDOSO, Natália Santos. Planejamento de ensino: algumas sistematizações. **Itinerarius Reflectionis**. Jataí, v. 1, n. 4, p. 1-13, jan./jul.2008.

BETTI, Mauro; ZULIANI, Luiz Roberto. Educação Física Escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**. v. 1, n.1, p. 73-81, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

CARACIOLO, José Igor Souza. O adolescente e a indisciplina em sala de aula. *In*: COLÓQUIO DE HISTÓRIA, 4., 2010, Recife. **Abordagens [...]**. Recife: UNICAP, 2010. p. 10-22.

COLLIER, Luciana Santos. Planejamento participativo e Educação Física: participação política aprende-se na escola. *In*: JUNIOR, A. F. P. C.; OSBORNE, R. **Educação física escolar e questões curriculares**. Curitiba: Appris, 2018.

COTRIM, G. S.; BICHARA, I. D. O brincar no ambiente urbano: limites e possibilidades em ruas e parquinhos de uma metrópole. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 26, n. 2, p. 388–395, 2013.

DALMOLIN, Maique Solange; PIOVANI, Verónica Gabriela Silva. Jogos e brincadeiras: um resgate histórico-cultural para as aulas de educação física. *In*: PARANÁ. **Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE**: artigos. Paraná, 2014

DARIDO, Suraya Cristina; GONZÁLEZ, Fernando Jaime; GINCIENE, Guy. O afastamento e a indisciplina dos alunos nas aulas de Educação Física escolar. *In*: **Desafios da educação física escolar**: temáticas da formação em serviço no ProEF [recurso eletrônico] / Denise Ivana de Paula Albuquerque e Maria Candida Soares Del-Masso. - São Paulo : Cultura Acadêmica, 2020.

DARIDO, Suraya Cristina. Relação entre ensinar a fazer e ensinar sobre o fazer na educação física escolar. *In*: **Desafios da educação física escolar** : temáticas da formação em serviço no ProEF [recurso eletrônico] / Denise Ivana de Paula Albuquerque e Maria Candida Soares Del-Masso. - São Paulo : Cultura Acadêmica, 2020.

FALKEMBACH, Elza Maria Fonseca. Diário de campo: um instrumento de reflexão. **Contexto e educação**. Ijuí, RS vol 2, n.7 (jul/set. 1987), p. 19-24

FARIAS, Uirá de Siqueira; NOGUEIRA, Valdilene Aline; SOUSA, Cláudio Aparecido de; MALDONADO, Daniel Teixeira. Educação Física escolar no ensino fundamental: o planejamento participativo na organização didático-pedagógica. **Revista de Educação Física, Esporte e Lazer**, v.31, n.58,p.1-24,abr/jul. 2019.

Disponível em:  
<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2019e55270/40209>>. Acesso em: 28 de julho de 2024.

FAVATTO, Naline Cristina; BOTH, Jorge . Motivos para abandono e permanência na carreira docente em educação física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, 41(2),(abr/jun. 2019), p.127-134.

FERNANDES, Gyna de Ávila; NEGRÃO, Franklin Ribeiro Fernandes; SILVA, Miriam Santiago da; RAFAEL, Leandro Soares Assunção; PONZO, Fernanda Carvalho Massanti. Entre o esporte da e na escola: um tensionamento possível por meio da Liga Oswaldo França Júnior. **Anais II Encontro Pensando a Educação Física Escolar**, Belo Horizonte, MG. 2019

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 73. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2022. 143p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 13. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987

GADOTTI, M. **Gestão Democrática da Educação com Participação Popular no Planejamento ena Organização da Educação Nacional**. Conferência Nacional de Educação,2014.

GANDIN, Danilo. A posição do planejamento participativo entre as ferramentas de intervenção na realidade. **Currículo sem fronteiras**, v.1, n. 1, jan./jun., 2001, pp. 81-95.

GARIGLIO, José Ângelo. Singularidades da inserção profissional de professores de educação física iniciantes. **Movimento**, 23 (3) (2017), pp. 1001-1012

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5ª ed. São Paulo: Atlas. 1999

GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. Entre o “não mais” e o “ainda não”: pensando saídas do não-lugar da ef escolar I. **Cadernos de Formação RBCE**, Campinas, v. 1, n.1, p. 9-24, set. 2009.

MALDONADO, Daniel Teixeira; NEIRA, Marcos Garcia. Planejamento participativo nas aulas de Educação Física. **Arquivos em movimento**, v.18, n.1, 2022.

MARCOSSI, Diego Tavares. **O ensino da técnica na Educação Física Escolar: uma perspectiva de empoderamento e autonomia.** Orientador: Meily Assbú Linhales. 2020. 199 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/34142>. Acesso em: 29 jul. 2024.

MARTINEZ, Maria Josefina; LAHORE, Carlos E. Oliveira. **Planejamento escolar.** São Paulo: Saraiva, 1977.

MATIAS, Cristino Julio Alves da Silva; GRECO, Pablo Juan. De Morgan ao Voleibol Moderno: O sucesso do Brasil e a relevância do levantador. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.10, n.2, p.49- 63, 2011.

MEZZETTI, Carolina de Freitas Rochael **O fenômeno arquivancada: análise do afastamento das meninas nas aulas de educação física do ensino médio em uma escola na rede estadual de Minas Gerais.** Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.

MINAS GERAIS. **Currículo Referência de Minas Gerais.** Minas Gerais, 2018. Disponível em: <https://curriculoreferencia.educacao.mg.gov.br/> Acesso em: 29 de julho de 2024

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: Teoria, método e criatividade.** 21ª ed. Vozes. Petrópolis. 2002.

NEIRA, Marcos Garcia. **O currículo cultural da Educação Física em ação: a perspectiva dos seus autores.** 2011. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/livredocencia/48/tde-10042012-164200/publico//NeiraOcurrículo.pdf> Acesso em: 29 de julho de 2024

NEIRA, Maícos Gaícia e NUNES, Mário Luiz Ferrari. **Educação física, currículo e cultura.** São Paulo: Phorte. 2009.

PENTEADO, Heloísa Dupas, GARRIDO, Elisa. **Pesquisa-ensino: A comunicação escolar na formação do professor.** São Paulo: Paulinas, 2010

PEREIRA, Ana Cristina Gabriel. **ENSAIOS DE UMA METODOLOGIA DA EXPERIÊNCIA CRÍTICO-AFETIVA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: impactos sobre as relações de gênero e o empoderamento das meninas.** Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF) – Universidade Federal de São Carlos, campus São Carlos. São Carlos. 2020.

PEREIRA, D.W; HONORATO, T; AURICCHIO, J.R. Parkour: do princípio filosófico ao fim competitivo. **Licere**, Belo Horizonte, v.23, n.1, março de 2020. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/340244059\\_Parkour\\_Do\\_Principio\\_Filosofico\\_ao\\_Fim\\_Competitivo](https://www.researchgate.net/publication/340244059_Parkour_Do_Principio_Filosofico_ao_Fim_Competitivo)

RIBEIRO, Flavia Ferreira. **PLANEJAMENTO PARTICIPATIVO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA**: uma proposta de intervenção no ensino fundamental. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF) – Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, ES. 2020. Disponível em: [https://sappg.ufes.br/tese\\_drupal/tese\\_14921\\_texto%20Flavia%20Ferreira%20Ribeiro.pdf](https://sappg.ufes.br/tese_drupal/tese_14921_texto%20Flavia%20Ferreira%20Ribeiro.pdf) Acesso em: 29 de julho de 2024

SAAD GUIRRA, Frederico Jorge; PRODÓCIMO, Elaine. A criança e o jogo: um olhar sobre formas de negociação. **Revista Iberoamericana de Educación**, [S. l.], v. 49, n. 1, p. 1–12, 2009. DOI: 10.35362/rie4912112. Disponível em: <https://rieoei.org/RIE/article/view/2112>. Acesso em: 29 jul. 2024.

SAVIANI, Demerval. **Escola e democracia**. São Paulo: Cortez, 1984.

SILVA, Elaine Cristina; MOREIRA, Evando Carlos. Planejando o trabalho docente. *In: Desafios da educação física escolar*: temáticas da formação em serviço no ProEF [recurso eletrônico] / Denise Ivana de Paula Albuquerque e Maria Candida Soares Del-Masso. - São Paulo : Cultura Acadêmica, 2020.

SOUSA, Eustáquia Salvadora de; ALTMANN, Helena. Meninos e meninas: expectativas corporais e implicações na educação física escolar. **Cadernos Cedes**, v. 19, p. 52-68, 1999. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/WmskFBM75bMM855MZyhYvgb/>. Acesso em: 29 jul. 2024.

SOUZA JUNIOR, Osmar Moreira de. Futebol e política se misturam: na trincheira das lutas contra o autoritarismo. **MOTRICIDADES: Revista da Sociedade de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana**, v. 4, n. 2, p. 199-213, 2020. Disponível em: <https://motricidades.org/journal/index.php/journal/article/view/2594-6463-2020-v4-n2-p199-213>. Acesso em: 29 jul. 2024.

Unibalsas - Centro Universitário. **Programa Diálogos na UB** - Professor Paulo Evaldo Fensterseifer. Youtube, 16 de abril de 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jP-9E9ISaCs> Acesso em: 06 de maio de 2024.

VAGO, Tarcísio Mauro. **Educação Física na escola**: para enriquecer a experiência da infância e da juventude. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012. 200p.

VAGO, Tarcísio Mauro. O "esporte na escola" e o "esporte da escola": da negação radical para uma relação de tensão permanente - um diálogo com Valter Bracht. **Movimento**, [S. l.], v. 3, n. 5, p. 4–17, 1996. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/2228>. Acesso em: 29 jul. 2024.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Planejamento**: Projeto de ensino-aprendizagem e projeto político-pedagógico: elementos metodológicos para elaboração e realização. 7. Ed. São Paulo: Libertad, 2000.

VIANA JUNIOR, João da Conceição. A educação para a autonomia em Immanuel Kant e Paulo Freire. Curitiba: **Universidade Federal do Paraná**, 2017.

VILETE, Aron de Oliveira Pereira. **O planejamento participativo e a importância da educação física na formação dos alunos**: uma proposta pedagógica. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF) – Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, ES. 2020. Disponível em: [https://educacaofisica.ufes.br/sites/educacaofisica.ufes.br/files/field/anexo/aron\\_de\\_oliveira\\_pereira\\_vilete\\_-\\_dissertacao.pdf](https://educacaofisica.ufes.br/sites/educacaofisica.ufes.br/files/field/anexo/aron_de_oliveira_pereira_vilete_-_dissertacao.pdf) Acesso em :28 jul. 2024



**ANEXO 1 – PLANEJAMENTO PARTICIPATIVO: EDUCAÇÃO FÍSICA 2023 E.E.**

**JOSÉ RODRIGUES BETIM**

# Planejamento Participativo

Educação Física 2023  
E.E. José Rodrigues Betim

## O que veremos nesta apresentação?

1. O que é Educação Física ?
2. Planejamento Participativo
3. Quais são os conteúdos da Educação Física?
4. Como vamos planejar nossas aulas?

## O que é Educação Física?

Figura 1



A Educação Física é o componente curricular que tematiza as práticas corporais em suas diversas formas de codificação e significação social, entendidas como manifestações das possibilidades expressivas dos sujeitos, produzidas por diversos grupos sociais no decorrer da história. Nessa concepção, o movimento humano está sempre inserido no âmbito da cultura e não se limita a um deslocamento espaço-temporal de um segmento corporal ou de um corpo todo.

(BRASIL, 2018, p. 213)

## Planejamento Participativo

Figura 2



**Planejamento Participativo é um jeito de organizar as nossas atividades, de modo que todos e todas possam participar.**

**O planejamento participativo que será desenvolvido aqui na escola, vai permitir que vocês conversem sobre os conteúdos e as práticas que querem fazer nas aulas de Educação Física e escolham quais atividades serão feitas.**

**A gente sabe que é mais legal quando todo mundo participa das aulas e o planejamento participativo permite que, juntos, escolhamos como nossas aulas vão ser.**

## **Quais são os conteúdos da Educação Física?**

Figura 3



**Brincadeiras e jogos**  
**Esportes**  
**Ginásticas**  
**Danças**  
**Lutas**  
**Práticas corporais de aventura**

Unidades Temáticas  
na BNCC

## Brincadeiras e jogos

Quando o assunto são as brincadeiras e jogos, a galera sempre se diverte. Isso porque geralmente as regras podem ser combinadas na hora e podem ser mudadas sempre que for preciso. Ou seja, pra brincar e jogar dá pra gente adaptar os espaços, os tempos, os objetos usados e às vezes até o número de participantes.

As brincadeiras e jogos são tão maneiras, que acontece de uma mesma brincadeira ter diferentes nomes e várias formas de jogar.

As brincadeiras e jogos podem ser competitivos ou não, mas independente disso, o mais importante é curtir.

Figura 4



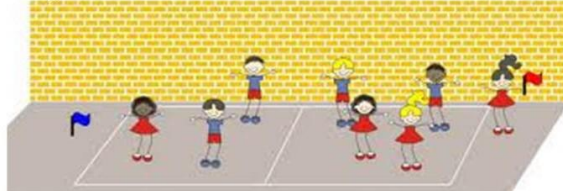
Figura 5



Figura 6



Figura 7



## Esportes

Os esportes, geralmente, são a parte da Educação Física mais conhecida. Até tem gente que acha que Educação Física é só esportes.

Uma característica dos esportes é a comparação de um determinado desempenho entre pessoas ou times (adversários), ou seja, nos esportes a competição está presente.

Nos esportes as regras são padronizadas. Com isso, os esportes costumam ser jogados do mesmo jeito nos mais variados lugares do mundo.

Existem dezenas de esportes e eles são classificados de diversas formas. A classificação que é usada pela Educação Física Escolar divide os esportes em: 1. esportes de marca, 2. esportes de precisão, 3. esportes técnico-combinatório, 4. esportes de rede ou parede, 5. esportes de campo e taco, 6. esportes de invasão ou territorial e, por fim 7. esportes de combate

## Esportes de marca

Esportes de marca são modalidades que se caracterizam por comparar os resultados registrados em segundos, metros ou quilos. Ou seja, nesses esportes ganha quem chega primeiro, quem for mais longe, ou quem é mais forte.

Alguns exemplos de esportes de marca são:

Patinação de velocidade, provas do atletismo, provas de natação, remo, ciclismo, levantamento de peso, etc.

Figura 8



Figura 9



Figura 10



Figura 11



Figura 12



## Esportes de precisão

Os esportes de precisão são modalidades que se caracterizam por arremessar ou lançar um objeto, procurando acertar um alvo. Esse alvo pode estar parado ou em movimento.

O vencedor é definido comparando-se o número de tentativas empreendidas, a pontuação estabelecida em cada tentativa ou a proximidade do objeto arremessado ao alvo.

Os exemplos mais conhecidos de esportes de precisão são:

Boliche, bocha, curling, golfe, tiro com arco, tiro esportivo, etc.

Figura 13



Figura 14



Figura 15



Figura 16



## Esportes técnico-combinatório

Os esportes técnico-combinatórios são aquelas modalidades em que o vencedor é definido pela qualidade e a dificuldade do movimento ou da combinação de movimentos de acordo com padrões pré-estabelecidos.

Alguns exemplos são:

Ginástica artística, ginástica rítmica, nado sincronizado, patinação artística, saltos ornamentais, etc.

Figura 17



Figura 18



Figura 19



Figura 20



## Esportes de rede ou parede

Esportes de rede/quadra dividida ou parede de rebote são os esportes que se caracterizam por arremessar, lançar ou rebater um objeto, geralmente uma bola ou peteca, em direção à quadra adversária, de modo que o oponente tenha dificuldades para devolver o objeto.

Os jogos são divididos em sets e vence o jogo quem alcançar determinada quantidade de pontos para vencer os sets e determinada quantidade de sets para vencer a partida.

O exemplo mais conhecido de esporte de rede é o voleibol, mas temos outros como vôlei de praia, tênis de campo, tênis de mesa, badminton e peteca.

Já os esportes de parede incluem pelota basca, raquetebol, squash, etc.

Figura 21



Figura 22



Figura 23



Figura 24



## Esportes de campo e taco

"Campo e taco é uma categoria que reúne as modalidades que se caracterizam por rebater a bola lançada pelo adversário o mais longe possível, para tentar percorrer o maior número de vezes as bases ou a maior distância possível entre as bases, enquanto os defensores não recuperam o controle da bola, e, assim, somar pontos".

(BRASIL, 2018, p. 216)

Alguns exemplos são beisebol, críquete, softbol entre outros.

Figura 25



Figura 26



Figura 27



Figura 28



## Esportes de invasão ou territorial

Alguém pode estar se perguntando: mas e o futebol?

O futebol e o futsal assim como o basquete, o handebol, o frisbee, o rúgbi, o hóquei e outros esportes vão ser classificados como esportes de invasão ou territorial.

São o conjunto de modalidades que se caracteriza por comparar a capacidade de uma equipe, introduzir ou levar uma bola (ou outro objeto) a uma meta ou setor da quadra/campo defendida pelos adversários (gol, cesta, touchdown etc.), isso sem descuidar de defender a própria meta.

Figura 29



Figura 30



Figura 31



Figura 32



## Esportes de combate

"Combate: reúne modalidades caracterizadas como disputas nas quais o oponente deve ser subjugado, com técnicas, táticas e estratégias de desequilíbrio, contusão, imobilização ou exclusão de um determinado espaço, por meio de combinações de ações de ataque e defesa (judô, boxe, esgrima, tae kwon do etc.)."

(BRASIL, 2018, p. 217)

Figura 33



Figura 34



Figura 35



Figura 36



## Ginásticas

Você sabia que antigamente as aulas de Educação Física eram chamadas de Aulas de Ginástica?

Pois é, a ginástica é tão legal que, por muito tempo, foi o nome da nossa disciplina.

Além das ginásticas competitivas, que são classificadas como esportes técnico-combinatório, temos a ginástica para todos, as ginásticas de condicionamento físico e as ginásticas de conscientização corporal.

Apesar de oficialmente não serem consideradas como ginásticas, as atividades circenses tem tudo a ver com as ginásticas.

Figura 37



Figura 38



## Danças

As danças estão muito presentes em nossas vidas. Seja nas redes sociais, na televisão, na escola, na igreja ou na rua, praticamente todos os dias estamos dançando e/ou vendo alguém dançar.

A Educação Física é a disciplina que estuda as danças na escola.

As danças são caracterizadas por movimentos rítmicos, organizados em passos e evoluções específicas, muitas vezes compondo coreografias. As danças podem ser realizadas de forma individual, em duplas ou em grupos.

As danças podem ser acompanhadas de músicas que, por sua vez, ajudam a definir o estilo ou tipo de ritmo dançante. Samba, forró, hip-hop, folclóricas e axé são exemplos disso.

Figura 39



Figura 40



Figura 41



Figura 42



## Lutas

A unidade temática Lutas é a parte da Educação Física que trata das disputas corporais, nas quais as pessoas usam técnicas, táticas e estratégias específicas para imobilizar, desequilibrar, atingir ou excluir o oponente de um determinado espaço, combinando ações de ataque e defesa dirigidas ao corpo do adversário.

É sempre bom lembrar que lutas não tem nada a ver com brigas.

Além das lutas presentes no contexto comunitário e regional, existem lutas brasileiras (capoeira, huka-huka, luta marajoara etc.), bem como lutas de diversos países do mundo (aikido, muay thai, chinês boxing, esgrima, kendo etc.).

Figura 43



Figura 44



Figura 45



Figura 46



## Práticas corporais de aventura

As práticas corporais de aventura são o conteúdo da Educação Física em que as atividades incluem situações de imprevisibilidade e em ambiente desafiador.

Nas práticas corporais de aventura o risco deve ser considerado e as medidas de segurança precisam se respeitadas, afinal, a gente quer exercitar o corpo e se divertir, mas sem ninguém machucado.

Figura 47



Figura 48



Figura 49



Figura 50



Figura 51



**Como vamos  
planejar nossas  
aulas?**

**1º momento - Apresentação dos blocos de conteúdos.**

**2º momento - Definição dos grupos para a escolha de conteúdos.**

**3º momento - Escolha de conteúdos por votação.**

**4º momento - Divulgação dos conteúdos escolhidos e definição dos tempos necessários para a efetivação do planejamento.**

**5º momento - Realização das aulas sobre os conteúdos escolhidos e planejados.**

**Agradeço!**  
**Agora é hora de planejar.**  
**Vamos lá?**

Fontes das imagens:

Imagem 1 - EFE: [https://www.selbach.rs.gov.br/pt\\_br/noticias/70/a-importancia-da-educacao-fisica#lg=1&slide=0](https://www.selbach.rs.gov.br/pt_br/noticias/70/a-importancia-da-educacao-fisica#lg=1&slide=0)  
Imagem 2 - Planejamento participativo: <https://www.smgmarketing.com.br/a-pratica-do-planejamento-participativo/>  
Imagem 3 - Conteúdos: <https://www.dicaseducacaofisica.info/educacao-fisica-escolar/bncc/>  
Imagem 4 - Queimada: <https://blogs.gazetaesportiva.com/danielcarreirafilho/jovens-apresentando-suas-vivencias-com-a-educacao-fisica-escolar/>  
Imagem 5 - Brincadeiras: <https://www.facebook.com/Educacaofisicaescolarprofmatias/>  
Imagem 6 - Pega-pega: <https://santicultural2013.wordpress.com/2015/08/06/pega-pega-bruxa/>  
Imagem 7 - Rouba-bandeira: <https://www.colegioweb.com.br/trabalhos-escolares/atividade-fisica-na-escola/rouba-bandeira.html>  
Imagem 8 - Ciclismo escolar: <https://terracciclismo.com.br/com-o-objetivo-de-promover-a-educacao-de-transito-escola-de-ciclismo-pedalando-para-o-futuro-inicia-nova-fase/>  
Imagem 9 - Atletismo: <https://br.pinterest.com/pin/733172014321272654/>  
Imagem 10 - Natação:  
Imagem 11 - Corrida: <https://www.presidenteprudente.sp.gov.br/site/noticia/23834>  
Imagem 12 - Atletismo escolar: <https://jornalmaisbraganca.com.br/2020/03/11/1-circuito-escolar-de-atletismo-foi-realizado-no-final-de-semana/>  
Imagem 13 - Bocha: <https://acqualokos.com.br/atracoes/cancha-de-bocha/>  
Imagem 14 - Boliche: <https://aprovinciadopara.com.br/atleta-paraense-busca-bicampeonato-em-boliche/>  
Imagem 15 - Dardos: <https://www.amazon.com.br/Jogo-Dardos-Dupla-Grande-Duplo/dp/B099H9YPR5>  
Imagem 16 - Sinuca: <https://br.freepik.com/fotos/mesa-sinuca>  
Imagem 17 - Ginástica rítmica: <https://novaescola.org.br/conteudo/3483/os-mil-e-um-movimentos-da-ginastica-ritmica>  
Imagem 18 - Ginásticas: <https://www.dicaseducacaofisica.info/ginastica-geral-na-educacao-fisica/>  
Imagem 19 - Ginástica posições: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/16/14/aspectos-gerais-da-ginastica-para-a-educacao-fisica-escolar>  
Imagem 20 - Patinação: <https://testonoticias.com.br/esporte/um-amor-chamado-patinacao-artistica-1-2183848/>

## Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)

### Fontes das imagens:

Imagem 21 - Vôlei: <https://oglobo.globo.com/esportes/intercolegial/noticia/2021/11/elite-nova-escola-sao-os-grandes-campeoes-do-volei-no-intercolegial-25270097.ghtml>  
Imagem 22 - Peteca: <https://novaescola.org.br/conteudo/3549/outros-jeitos-de-jogar-peteca-na-escola>  
Imagem 23 - Tênis de mesa: <https://g1.globo.com/mt/mato-grosso/noticia/2019/11/14/alunos-constroem-10-mesas-para-tenis-de-mesa-para-a-escola-em-mt-com-materiais-que-seriam-descartados.ghtml>  
Imagem 24 - Badminton: [https://campos.rj.gov.br/exibirNoticia.php?id\\_noticia=26451](https://campos.rj.gov.br/exibirNoticia.php?id_noticia=26451)  
Imagem 25 - Taco, luva e bola: <https://www.institutoclaro.org.br/educacao/para-ensinar/planos-de-aula/esportes-de-campo-e-taco-do-beisebol-ao-criquete/>  
Imagem 26 - Beisebol escolar: <http://blogdaprozou.blogspot.com/2016/01/beisebol-no-contexto-escolar.html>  
Imagem 27 - Beisebol na escola: <http://educacao3.salvador.ba.gov.br/alunos-de-cinco-escolas-municipais-aprendem-a-arte-do-beisebol/>  
Imagem 28 - Críquete: <https://novaescola.org.br/conteudo/6961/quanto-mais-jogos-o-professor-puder-usar-na-educacao-fisica-melhor>  
Imagem 29 - Futsal: <https://imperatriz.ma.gov.br/noticias/esporte/futsal-feminino-da-inicio-competicoes-coletivas-na-seletiva-dojems-2019.html>  
Imagem 30 - Handebol: <https://www.fundesporte.ms.gov.br/handebol-escolar-sera-discutido-em-curso-on-line-da-fundesporte-nesta-terca-feira/>  
Imagem 31 - Basquete: <https://www.ipojuca.pe.gov.br/2022/06/17/municipio-sedia-copa-escolar-de-basquetebol/>  
Imagem 32 - Rúgbi: <https://jundiai.sp.gov.br/noticias/2017/10/20/rugby-passa-a-fazer-parte-das-modalidades-esportivas-nas-escolas/>  
Imagem 33 - Judô: <https://vale24horas.com.br/noticia/3628/estudante-de-escola-municipal-de-fabriciano-ira-para-os-jogos-escolares-brasileiros>  
Imagem 34 - Boxe: <https://www.selosocial.com/projeto/1397>  
Imagem 35 - Esgrima: <https://www.youtube.com/watch?v=FD5-LpiPxrQ>  
Imagem 36 - Jiu Jitsu: <https://lapisdecornatal.com.br/noticia/218/criancas-aprendem-liceos-para-a-vida-atraves-do-jiu-jitsu>  
Imagem 37 - Pirâmide 9º2: Acervo pessoal  
Imagem 38 - Pirâmide 9º1: Acervo pessoal

### Fontes das imagens

Imagem 39 - Frevo: <https://www.youtube.com/watch?v=rwlBqvFA6lc>  
Imagem 40 - Balé: <https://jornalouvidor.com.br/ballet-classico-bailarinhas-na-escola/>  
Imagem 41 - Dança Hip Hop: <https://www.pjf.mg.gov.br/noticias/view.php?modo=link2&idnoticia2=49255>  
Imagem 42 - Quadrilha: <https://santavitoria.mg.gov.br/2017/07/alegria-e-muita-danca-na-festa-junina-da-escola-municipal-geraldo-ribeiro/>  
Imagem 43 - Capoeira: <https://www.efdeportes.com/efd196/possibilidades-educacionais-da-capoeira.htm>  
Imagem 44 - Sumô: <https://www.youtube.com/watch?v=uuJgB8-jVM8>  
Imagem 45 - Luta marajoara: <https://www.oliberal.com/esportes/maisesportes/luta-marajoara-e-reconhecida-como-patrimonio-cultural-de-natureza-imaterial-do-estado-1.516714>  
Imagem 46 - Cabo de guerra: <https://esportepedreira.com.br/esporte/jogos-proerd/2032-jogos-proerd-2017-cabo-de-guerra>  
Imagem 47 - Slackline: <https://www.colegiologosofico.com.br/noticias/58906/unidade-florianopolis-intensifica-praticas-corporais-de-aventura>  
Imagem 48 - Circuito de Aventura: <https://www.loyola.g12.br/circuito-de-praticas-corporais/>  
Imagem 49 - Skate: [http://www.noticias.uem.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=24551:curso-focaliza-praticas-corporais-de-aventura-como-educacao-para-o-lazer&catid=986:pagina-central&Itemid=210](http://www.noticias.uem.br/index.php?option=com_content&view=article&id=24551:curso-focaliza-praticas-corporais-de-aventura-como-educacao-para-o-lazer&catid=986:pagina-central&Itemid=210)  
Imagem 50 - Escalada: <https://escolastransformadoras.com.br/noticias/escalada-oficina-criancas/>  
Imagem 51 - Interrogações: <https://www.portugues.com.br/gramatica/ponto-de-interrogacao.html>

### Referência:

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018.

ANEXO 2 - FOLHA DE VOTAÇÃO

Planejamento Participativo – Educação Física – JRB 2023

Agora vamos escolher os conteúdos para esse semestre? Marque com uma bolinha as opções que você gosta ou não conhece e gostaria de conhecer. Fique à vontade para dar outras sugestões.

Jogos e brincadeiras	Esportes	Lutas	Danças	Ginástica	Práticas corporais de aventura
Xadrez ( )	Atletismo ( )	Capoeira ( )	Jongo ( )	Ativ. circenses ( )	Slackline ( )
Brincadeiras de pique ( )	Vôlei ( )	Laamb ( )	Samba ( )	Gin. Para Todos ( )	Escalada ( )
Rouba-bandeira ( )	Basquete ( )	Kung-fu ( )	Kuduro ( )	Ginástica acrobática ( )	Parkour ( )
Mãe da rua ( )	Judô ( )	Kendo ( )	Maracatu ( )	Ginástica aeróbica ( )	Corrida de ( ) orientação
Arranca-rabo ( )	Tênis ( )	Esgrima ( )	Xaxado ( )	Calistenia ( )	Carrinho de rolimã ( )
Amarelinha ( )	Tênis de mesa ( )	Queda de Braço ( )	Carimbó ( )	Yoga ( )	Patinete ( )
Derruba-garrafa ( )	Bocha ( )	Rinha de galo ( )	Axé ( )	Tai chi chuan ( )	Patins ( )
Pula corda ( )	Gin. Rítmica ( )	Huka-huka ( )	K-pop ( )	Circuito funcional ( )	Mountain Bike ( )
Futebase ( )	Taekwondo ( )	Cabo de guerra ( )	Forró ( )	Alongamentos ( )	Arvorismo ( )
Jogos de tabuleiro ( )	Gin. Artística ( )	Luta ( ) Marajoara	Break dance ( )	Ginásticas de relaxamento ( )	Rapel ( )
Jogos de mesa ( )	Badminton ( )	Krav Maga ( )	Hip hop ( )	Conscientização corporal ( )	
Jogos de carta ( )	Boxe ( )	Borreh ( )	Dança ( ) Contemporânea		

# Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)

ESCREVA AQUI AS OPÇÕES QUE VOCÊ QUER APRENDER NESSE SEMESTRE (2 OPÇÕES POR BLOCO DE CONTEÚDOS)

Jogos e brincadeiras		
Esportes		
Lutas		
Danças		
Ginásticas		
Práticas corporais de aventura		

### ANEXO 3 - UNIDADES DIDÁTICAS

#### Rouba-bandeira

OBJETO DE CONHECIMENTO	OBJETIVOS	TEMA DA AULA	DATA
Brincadeiras e jogos populares do Brasil e do mundo.	<p>Conhecer a história do rouba-bandeira, bem como suas variações e identificar diferenças regionais.</p> <p>Experimentar e fruir as diferentes formas de se jogar rouba-bandeira.</p> <p>Experimentar com autonomia e em diversos tempos e espaços os jogos e brincadeiras.</p> <p>Experimentar estratégias para possibilitar a participação de todos em jogos e brincadeiras.</p>	Rouba-bandeira tradicional	01/09
		Rouba-bandeira tradicional	06/09
		Rouba-bandeira 3	13/09
		Rouba-bandeira 3	15/09
		Avaliação	22/09

Rouba-bandeira é um jogo ou brincadeira em que disputam duas equipes que tentam “roubar” uma bandeira protegida pelo time adversário. O rouba-bandeira é uma brincadeira muito popular no Brasil, onde, dependendo da região, pode aparecer sob diversos nomes, tais como pique-bandeira, bandeirinha, barra-bandeira, salva-bandeira e vitória. O jogo é originário dos Estados Unidos, onde recebe o nome “Capture the flag”. Sua história remonta à guerra civil americana, onde a captura da bandeira do exército adversário representava a vitória na batalha.

A brincadeira se popularizou no Brasil nas décadas de 70 e 80, mas há registros dessa prática desde 1947, iniciada pelos escoteiros.

Por ser uma brincadeira muito popular e do conhecimento dos estudantes, nesta unidade didática iremos brincar da forma tradicional que a brincadeira tem e de uma outra forma menos popular, que é uma variação do jogo. No final, criaremos novas formas de brincar de rouba-bandeira.

Fonte:

#### Desenvolvimento das aulas

1ª aula: Para a primeira aula a proposta é que os alunos brinquem da forma que eles conhecem o jogo. Para isso, os alunos deverão falar sobre o jogo e a forma de brincar, assim saberemos se todos compartilham das mesmas regras. Na sequência realizaremos a brincadeira. O objetivo é conhecer regras consensuais e

## Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)

2ª aula: Nesta aula conheceremos a história do rouba-bandeira e continuaremos com a brincadeira tradicional. O objetivo é estimular nos alunos o desenvolvimento de estratégias coletivas.

3ª aula: Em um terceiro encontro, os estudantes conheceram uma variação da brincadeira, chamada rouba-bandeira 3. Nesta variação, existem 3 bandeiras em cada lado, vence a equipe que primeiro “roubar” as três. Como outra variação, a pessoa que for pega no campo adversário pode voltar para o seu campo e não fica colado.

4ª aula: Na quarta e penúltima aula, pretende-se fazer uma comparação do rouba-bandeira 3 com o rouba-bandeira tradicional, discutindo as dificuldades e facilidades desta forma de jogar.

5ª aula: Essa será uma aula de avaliação. Como avaliação, a turma será dividida em dois grupos e em cada grupo os estudantes deverão formular uma nova maneira de jogar, para isso, deverão alterar as regras já conhecidas e/ou adicionar novas regras. Os estudantes deverão explicar as regras para os demais colegas e fazer uma demonstração da brincadeira.

A avaliação, para além deste exercício final, levará em consideração a participação dos estudantes nas aulas, bem como, o envolvimento ativo e reflexivo dos mesmos.

### Interclasse

OBJETO DE CONHECIMENTO	OBJETIVOS	TEMA DA AULA	DATA
Esporte de invasão (FUTSAL)	Desenvolver o esporte escolar.	Projeto	25/09
	Aprofundar e melhorar as formas de apropriação que os alunos fazem do fenômeno esportivo.	Projeto	26/09
	Estimular a criatividade dos estudantes.	Projeto	27/09
	Desenvolver a criticidade dos estudantes.	Abertura	28/09
	Incentivar o protagonismo estudantil.	Jogos	28/09 à 05/10
		Encerramento	06/10

O Interclasse é um evento esportivo que faz parte da cultura escolar e acontece anualmente. O Interclasse é um projeto interdisciplinar que envolve toda a escola. Esse evento tem um projeto próprio e esse projeto constará nos anexos (Anexo 8).

Parkour

OBJETO DE CONHECIMENTO	OBJETIVOS	TEMA DA AULA	DATA
Práticas corporais de aventura urbanas (Parkour)	Experimentar e fruir o Parkour, valorizando a própria segurança e integridade física, bem como a dos demais. Identificar os riscos durante a realização de Parkour e planejar estratégias para sua superação. Executar movimentos básicos do Parkour, respeitando o patrimônio público e utilizando alternativas para a prática segura em diversos espaços. Identificar a origem do Parkour e seus princípios básicos.	Origens do Parkour	18/10
		Movimentos básicos	20/10
		Movimentos básicos	25/10
		Encerramento	27/10

O Parkour é uma prática corporal de aventura e um estilo de vida, em que o objetivo é percorrer um percurso superando obstáculos, com movimentos livres. Essa prática surgiu na França e teve origem no treinamento militar, sendo posteriormente adaptada para as ruas da periferia de Paris, onde se caracterizou como “uma atividade de domínio do corpo e de suas potencialidades para desafiar o ambiente de forma eficiente, transgressora, emocionante e estética”(Pereira, Honorato e Auricchio, 2020, p 135).

O Parkour passa por um processo de esportivização, com competições organizadas pela FIG (Federação Internacional de Ginástica). Essa esportivização não é consenso entre os praticantes da modalidade, isso porque contraria os fundamentos do Parkour. No Parkour alguns dos princípios básicos são:

a transmissão voluntária do saber aos menos experientes, a não comparação dos feitos de um sobre o outro, a tentativa de auto superação constante, o fortalecimento corporal para ajudar o próximo, a melhoria da confiança para atingir a precisão do controle do corpo sobre o espaço.(Pereira, Honorato e Auricchio, 2020, p 136)

O Parkour sofreu muitas críticas quanto aos riscos para os participantes e a conservação dos monumentos públicos. Como toda prática de aventura, no Parkour os riscos estão presentes e devem ser calculados, além disso, nessa prática, o traceur (termo usado para o praticante de Parkour) é provocado ao conhecimento do próprio corpo e das próprias limitações. Apesar de ser uma modalidade em que o corpo é instrumentalizado para a superação da arquitetura urbana, no Parkour os monumentos públicos, também são usados como meios para a prática, contudo, existe a preocupação de manter o ambiente com o menor impacto possível, tanto nos ambientes do meio rural, quanto nos ambientes do meio urbano.

O Parkour é além de uma prática corporal, uma filosofia de vida, por isso, ao ensinar Parkour na escola, objetiva-se abranger essas duas dimensões inseparáveis.

## Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)

1ª aula: Nesta aula, conheceremos a origem do Parkour, a transformação da prática militar em prática de aventura que simboliza a resistência nas periferias. Além disso, descobriremos o que configura o Parkour como um estilo de vida. Nesta aula, será destacada a importância do conhecimento e do respeito para com o próprio corpo.

Para esta aula, será utilizada uma folha com informações básicas sobre o Parkour, após a leitura, será feita uma explicação pelo professor. Na sequência, serão escritas as perguntas abaixo que os estudantes devem responder em folha separada para entregar na próxima aula:

1 Como surgiu o parkour?

- a) treinamento esportivo
- b) treinamento ginástico
- c) treinamento militar
- d) treinamento laboral

2 Explique com suas palavras o que é Parkour.

3 Na sua opinião, onde o parkour pode ser praticado?

4 Quais cuidados devem ser adotados para evitar lesões no Parkour.

5 Trace, em sua imaginação, um percurso da escola até a sua casa. Relate como é possível praticar o Parkour neste percurso.

2ª aula: Para esta aula, a proposta incide na execução de movimentos básicos característicos do Parkour. A aula se inicia com uma discussão sobre os cuidados para prevenção de lesões e o respeito aos limites do próprio corpo, na sequência serão executados exercícios de alongamento. Depois disso, serão feitos os exercícios de queda com rolamentos. O próximo exercício deve incluir um obstáculo a ser superado. Por fim, no último exercício do dia os estudantes devem saltar de um obstáculo para o outro.

Esta aula, por ser o contato inicial dos estudantes com essa prática de aventura, vai acontecer em ambiente controlado (quadra) e uso de tatames. Os obstáculos devem ser adaptáveis às individualidades de cada estudante.

3ª aula: Nesta aula, continuaremos na execução de movimentos básicos característicos do Parkour. Desta vez, o objeto de estudo são os movimentos que utilizam a parede ou muro. No início da aula, os estudantes devem conhecer os movimentos de tic tac, wall run, salto do gato e passagem de muro, na sequência, os movimentos de passagem por baixo da barra e safety vault e lazy vault.

Para a execução desses movimentos além dos muros da própria quadra poderão ser usadas as paredes da escola, bem como os corrimãos. Os tatames devem ser usados para diminuir a altura do muro à superfície, de acordo com a altura dos estudantes. Por serem movimentos que envolvem altura e estudantes inexperientes na prática, os cuidados com a segurança devem ser redobrados.

4ª aula: Para a aula de encerramento os alunos deverão dar uma volta em torno da escola, criando um percurso de Parkour. Cada aluno deve reconhecer suas possibilidades e limitações ao elaborar o percurso. Por fim, os estudantes serão questionados sobre o que aprenderam na unidade didática e como os princípios do Parkour foram abordados nas aulas.

### Vôlei

OBJETO DE CONHECIMENTO	OBJETIVOS	TEMA DA AULA	DATA
Esporte de rede (Vôlei)	<p>Identificar as transformações históricas do vôlei e discutir alguns de seus problemas e a forma como as mídias os apresentam.</p> <p>Praticar o vôlei, usando habilidades técnico-táticas básicas.</p> <p>Experimentar os elementos técnicos ou técnico-táticos individuais e coletivos do vôlei em contextos de ludicidade.</p> <p>Conhecer e experimentar diferentes papéis e fruir o esporte de rede vôlei, valorizando o trabalho coletivo e o protagonismo.</p>	História do vôlei/ Mintonette	01/11
		Jogo inicial	08/11
		Saque e manchete	10/11
		Manchete e toque por cima	15/11
		Cortada e corta 3	17/11
		Jogo	24/11
		Jogo/ Encerramento	29/11

O vôlei é um esporte muito popular no mundo inteiro, e um dos mais praticados no Brasil.

O objetivo desta unidade didática é ensinar vôlei a partir de uma perspectiva lúdica e recreativa. Para isso serão usados brincadeiras e jogos pré-desportivos. Embora o foco desta unidade didática não esteja na execução técnica ou na compreensão tática do jogo, entendo que a ludicidade e o prazer na prática da modalidade são, até certo ponto, condicionados pelas situações de sucesso. Assim, serão ensinadas as técnicas padrões dos movimentos básicos do vôlei. Na primeira aula, o objetivo é compreender a história do vôlei e sua prática inicial como uma alternativa com menos contato físico aos esportes populares à época. Assim, a história do vôlei será contada oralmente, bem como sua evolução ao longo do tempo e as alterações nas regras (e o propósito midiático dessas alterações). Na sequência, a turma será dividida em dois times e o jogo será jogado com uma bola maior e mais leve, remontando ao mintonette.

Na segunda aula, será realizado o jogo. Para essa aula, os estudantes deverão compartilhar com os colegas as regras que conhecem e iremos jogar de acordo com essas regras. Caso as regras compartilhadas sejam muito discrepantes umas das outras, elegeremos uma forma de jogar. Contudo, considerando que o vôlei fez parte da trajetória escolar da maioria dos estudantes, é previsto que eles tenham ideias aproximadas das regras oficiais da modalidade.

Na terceira aula, os estudantes executarão o saque e a manchete. A proposta é que esses movimentos aconteçam nas situações de jogo, caso seja necessário,

## Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)

serão adotadas alterações na regra de jogo para que isso ocorra. Serão ensinados os padrões técnicos hegemônicos, contudo, o foco aqui não está na execução técnica.

Na aula seguinte, os movimentos de manchete e toque por cima serão priorizados. Para isso, as brincadeiras de manchetão e rebater serão usadas.

Na quinta aula, o movimento de cortada será ensinado, na sequência a brincadeira corta 3 será praticada.

Na sexta aula, acontecerá um jogo e os alunos deverão usar os movimentos aprendidos na situação de jogo.

Na última aula, os estudantes deverão falar sobre suas percepções sobre o vôlei e acontecerá um jogo de encerramento.

### Cabo de guerra

OBJETO DE CONHECIMENTO	OBJETIVO	TEMA DA AULA	DATA
Lutas do Brasil e do mundo (Cabo de guerra)	Conhecer as origens do Cabo de guerra.  Experimentar estratégias para possibilitar a participação de todos no cabo de guerra.	Origens do cabo de guerra	01/12
		Cabo de guerra com diferentes estruturas	06/12
		Encerramento	08/12

Não se sabe ao certo qual a origem do cabo de guerra, visto que esse tipo de prática foi identificada nos registros dos povos originários em diversas partes do mundo. Acredita-se que essa prática tenha origem nos rituais religiosos. Contudo, o cabo de guerra se difundiu como uma prática militar durante a modernidade. O cabo de guerra foi incluído nos Jogos Olímpicos de Verão, onde esteve presente entre os anos de 1900 e 1920.

O cabo de guerra é uma prática que estimula a agilidade, condicionamento físico, força, resistência e melhora a socialização. Essa prática é muito popular nas escolas, especialmente nos anos iniciais de escolarização.

## Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)

Na primeira aula, será ensinado sobre a origem do cabo de guerra, sua popularidade no mundo e a esportivização dessa prática. Na sequência, o cabo de guerra será disputado.

Na segunda aula, o cabo de guerra será disputado usando um número variado de participantes. Depois, a variação será dos materiais usados, com diferentes tipos de cordas, e outros objetos como troncos ou galhos de árvores.

Na terceira aula, proporei a discussão sobre os possíveis impactos de uma hipotética inclusão do cabo de guerra como modalidade olímpica novamente.

ANEXO 4 CRONOGRAMA

DATA	Atividade
25/08	Apresentação dos conteúdos
30/08	Dia da votação
01/09	Rouba-bandeira Tradicional
06/09	Rouba-bandeira Tradicional
13/09	Rouba bandeira / Palestra
15/09	Rouba-bandeira / Uniteste
20/09	Rouba-bandeira
22/09	Rouba-bandeira / Encerramento
27/09	Interclasse / Projeto
29/09	Interclasse / Projeto
04/10	Interclasse / Jogos
06/10	Interclasse / Encerramento
18/10	Parkour / Origem
20/10	Parkour / Movimentos básicos
25/10	Parkour / Movimentos básicos
27/10	Parkour / Encerramento
01/11	Vôlei
08/11	Vôlei
10/11	Vôlei
17/11	Vôlei
22/11	Vôlei
24/11	Vôlei
29/11	Vôlei
01/12	Cabo de Guerra
06/12	Cabo de Guerra
08/12	Cabo de Guerra
13/12	Encerramento do ano letivo
15/12	Encerramento do ano letivo

## ANEXO 5 – CARTA DE ANUÊNCIA INSTITUCIONAL

Título da Pesquisa: “PLANEJAMENTO PARTICIPATIVO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM UMA ESCOLA DA REDE ESTADUAL DE MINAS GERAIS”.

Orientadora de pesquisa: Profa. Dra. Meily Assbú Linhales

E-mail: [meily\\_linhales@yahoo.com.br](mailto:meily_linhales@yahoo.com.br)

Tel: 31 991850722

Pesquisador Responsável: Eduardo Bruno das Graças Barreto de Souza

E-mail: [eduardo.souza@educacao.mg.gov.br](mailto:eduardo.souza@educacao.mg.gov.br)

Tel: 31 992942940

Prezada direção da Escola Estadual José Rodrigues Betim,

O Mestrando Eduardo Bruno das Graças Barreto de Souza, do Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF), da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais realiza uma pesquisa intitulada “PLANEJAMENTO PARTICIPATIVO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM UMA ESCOLA DA REDE ESTADUAL DE MINAS GERAIS”, sob orientação da pesquisadora da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais – EEFPTO-UFMG, Profa. Dra. Meily Assbú Linhales. A pesquisa tem por objetivo desenvolver o planejamento participativo nas aulas de Educação Física e analisar a sua contribuição para um maior envolvimento ativo e reflexivo dos estudantes nas referidas aulas. A investigação será desenvolvida no decorrer do segundo semestre do ano de 2023, durante as aulas do professor. Serão realizadas observações durante as aulas, não serão realizados registros de imagem ou audiovisual dos alunos. Todo o material recolhido como registro da pesquisa será usado apenas nas análises do estudo para a produção do trabalho final do curso de Mestrado e, posteriormente, em textos e artigos para publicação científica, sendo que nenhuma informação relativa à identificação dos/as estudantes/as será revelada. Esclarecemos que não há riscos para os estudantes e não haverá nenhuma mudança na rotina de aula dos mesmos. Não haverá auxílio financeiro aos voluntários, tampouco benefícios de qualquer natureza para participação no estudo. A instituição estará livre em qualquer fase da pesquisa para se recusar a participar ou para retirar sua anuência, sem prejuízos adicionais para a mesma.

Qualquer dúvida, favor entrar em contato através do e-mail:

[eduardo.souza@educacao.mg.gov.br](mailto:eduardo.souza@educacao.mg.gov.br), e/ou pelo telefone (31) 992942940, ou através do e-mail:  
[meily\\_linhales@yahoo.com.br](mailto:meily_linhales@yahoo.com.br) e/ou pelo telefone (31) 991850722.

Antecipamos agradecimentos

---

Eduardo Bruno das Graças Barreto de Souza – Mestrando

---

Profa. Dra. Meily Assbú Linhales – Orientadora da pesquisa

-----

-

Via para a Instituição

Eu, \_\_\_\_\_, representante da  
Instituição \_\_\_\_\_, estou ciente da  
pesquisa intitulada “PLANEJAMENTO PARTICIPATIVO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM UMA  
ESCOLA DA REDE ESTADUAL DE MINAS GERAIS”, realizada pelo professor Eduardo Bruno das  
Graças Barreto de Souza, sob orientação da Profa. Dra. Meily Assbú Linhales, do Mestrado  
Profissional em Educação Física em Rede Nacional – PROEF e concedo anuência formal para a  
coleta de dados.

Ibirité, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2023

---

Assinatura

## **ANEXO 6 – TERMO DE CONSENTIMENTO**

### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Título da Pesquisa: “PLANEJAMENTO PARTICIPATIVO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM UMA ESCOLA DA REDE ESTADUAL DE MINAS GERAIS”.

Orientador de pesquisa: Meily Assbú Linhales

E-mail: [meily\\_linhales@yahoo.com.br](mailto:meily_linhales@yahoo.com.br)

Tel: 31 991850722

Pesquisador Responsável: Eduardo Bruno das Graças Barreto de Souza

E-mail: [eduardo.souz@educacao.mg.gov.br](mailto:eduardo.souz@educacao.mg.gov.br)

Tel: 31 99294294

Comitê de Ética em Pesquisa UFMG

E-mail: [coep@prpq.ufmg.br](mailto:coep@prpq.ufmg.br)

Telefone: (031) 3409-4592

Senhores pais ou responsáveis,

Seu/sua filho/a está sendo convidado a participar da pesquisa de Mestrado intitulada “PLANEJAMENTO PARTICIPATIVO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM UMA ESCOLA DA REDE ESTADUAL DE MINAS GERAIS”, a ser realizada na Escola Estadual José Rodrigues Betim, pelo professor de Educação Física Eduardo Bruno das Graças Barreto de Souza. Em qualquer momento da pesquisa poderão ser esclarecidas dúvidas pelo telefone 31 992942940. Essa pesquisa é parte do Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF), sob orientação da pesquisadora da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais – EEFTO-UFMG, Profa. Dra. Meily Assbú Linhales. Essa pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa COEP-UFMG e tem a anuência da direção da escola. Em caso de dúvidas éticas, o COEP poderá ser contatado por telefone ou e-mail:

Telefone: (031) 3409-4592 - E-mail: [coep@prpq.ufmg.br](mailto:coep@prpq.ufmg.br)

Horário de atendimento: 09:00 às 11:00 / 14:00 às 16:00

O objetivo da pesquisa é desenvolver o planejamento participativo nas aulas de Educação Física e analisar a sua contribuição para um maior envolvimento ativo e reflexivo dos estudantes nas

## Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)

referidas aulas. Para essa pesquisa, serão analisadas 30 aulas de Educação Física da turma do/da seu/sua filho/filha, análise essa que será feita pelo próprio professor da turma. A pesquisa será feita na Escola Estadual José Rodrigues Betim, com os estudantes das turmas 8º2, 8º3 9º1 e 9º2. Todos os estudantes das turmas mencionadas estão convidados a participar da pesquisa. Serão realizadas observações durante as aulas e registro em caderno de campo, com possibilidade de realização de entrevistas. O anonimato dos estudantes será mantido em toda a pesquisa. Não haverá nenhuma mudança na rotina de aula dos alunos. Todos os dados recolhidos como registro da pesquisa serão usados apenas nas análises do estudo para a produção do trabalho final do curso de Mestrado e, posteriormente, em textos e artigos para publicação científica, sendo que nenhuma informação relativa à identificação dos/as alunos/as será revelada. Os dados serão armazenados por 05 anos, e serão garantidos os cuidados éticos.

Os dados que serão usados para análise nessa pesquisa são: registro em caderno de campo do professor-pesquisador; folha de votação; questionários de avaliação, preenchidos pelo estudante.

Não serão feitos registros imagéticos ou audiovisual dos alunos.

Em relação à metodologia, essa pesquisa conta com três etapas. A primeira etapa, é uma etapa de anúncio aos estudantes sobre essa pesquisa e os seus objetivos. Na segunda etapa, haverá o planejamento em que os alunos escolherão conjuntamente com o professor os conteúdos que serão tematizados no semestre. A terceira etapa consiste na execução das aulas com os conteúdos planejados. Está previsto que os estudantes avaliem o planejamento participativo e sua execução no início da pesquisa. Ao final da pesquisa os estudantes farão uma avaliação geral das aulas relatando como foi a experiência de participar desse estudo. Nesse momento deverão ser analisados se os objetivos da pesquisa foram alcançados. Essas avaliações serão feitas através de questionário, que serão desenvolvidos de acordo com as observações que ocorrerem nas aulas.

A duração prevista para as três etapas é de 4 meses. Nesse intervalo, estão programados 30 encontros/aulas com os estudantes, dos quais 2 encontros serão dedicados à primeira e etapa, 2 encontros serão destinados à segunda etapa, e os outros 26 encontros dedicados às etapas de execução do planejamento e avaliação do processo.

Esclarecemos que a participação do/a adolescente na pesquisa é totalmente voluntária, embora o/a mesmo/a deva participar das aulas normalmente. A participação nesse estudo, ou sua recusa, não implicará em qualquer vantagem ou prejuízo para o/a estudante. Será garantida isonomia de

## Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)

tratamento a todos/as os/as estudantes. É importante ressaltar que não haverá nenhum tipo de custo aos alunos e não está prevista remuneração de nenhum tipo para nenhum participante.

Os benefícios dessa pesquisa incluem a melhoria da qualidade da educação e o desenvolvimento de um ambiente democrático e participativo na escola, além de aulas de Educação Física que atendam os anseios dos estudantes, beneficiando os estudantes em geral.

Pelas características dessa pesquisa, e considerando os cuidados adotados para garantir a segurança dos participantes os riscos são baixos, contudo, há o risco de constrangimento para os estudantes, sendo assim, será oferecido apoio ao estudante caso seja gerado algum risco à integridade física, mental ou de qualquer natureza. A participação na pesquisa é totalmente voluntária e o estudante estará livre em qualquer fase da pesquisa para se recusar a participar, sem prejuízos adicionais para o mesmo.

Informamos que esta pesquisa atende e respeita os direitos previstos no Estatuto da Criança e do Adolescente- ECA, Lei Federal nº 8069 de 13 de julho de 1990, sendo eles: à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária. Garantimos também que será atendido o Artigo 18 do ECA: “É dever de todos velar pela dignidade da criança e do adolescente, pondo-os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor.”

Caso o(a) senhor(a) tenha dúvidas ou necessite de maiores esclarecimentos poderá nos contatar nos contatos fornecidos nesse termo.

### **Pai/responsável:**

Eu, \_\_\_\_\_ li e compreendi as informações fornecidas acerca dos procedimentos da pesquisa. Por estar de acordo com as condições do estudo, como descritas, assumo a participação do/a meu/minha filho/a \_\_\_\_\_ na pesquisa “PLANEJAMENTO PARTICIPATIVO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM UMA ESCOLA DA REDE ESTADUAL DE MINAS GERAIS” e compreendo que posso retirar meu consentimento e interrompê-lo a qualquer momento, sem penalidade ou perda de benefício. Ao assinar este termo, não estou desistindo de quaisquer direitos meus. Uma via deste termo me foi dada.

Ibirité, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2023

---

Assinatura do pai/responsável

**Pesquisadores:**

Nós garantimos que este termo de consentimento será seguido e que responderemos a quaisquer questões que o (a) participante colocar, da melhor maneira possível.

Ibirité, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2023

---

Meily Assbú Linhales

---

Eduardo Bruno das Graças Barreto de Souza

**OBS.: Termo apresenta duas vias, uma destinada ao participante e a outra ao pesquisador**

## ANEXO 7 – TERMO DE ASSENTIMENTO

### TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE)

Você está sendo convidado a participar da pesquisa “PLANEJAMENTO PARTICIPATIVO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM UMA ESCOLA DA REDE ESTADUAL DE MINAS GERAIS”, coordenada pelo professor Eduardo Bruno das Graças Barreto de Souza. Em qualquer momento da pesquisa poderão ser esclarecidas dúvidas pelo telefone 31 992942940.

Essa pesquisa é parte do Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF), sob orientação da pesquisadora da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais– EEFTO-UFMG, Profa. Dra. Meily Assbú Linhales. Essa pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa COEP-UFMG e tem a anuência da direção da escola. Em caso de dúvidas éticas, o COEP poderá ser contatado por telefone ou e-mail:

Telefone: (031) 3409-4592 - E-mail: coep@prpq.ufmg.br

Horário de atendimento: 09:00 às 11:00 / 14:00 às 16:00

Caso você se disponha e seus responsáveis autorizem, saiba que a sua contribuição será de grande valia. Você só precisa participar da pesquisa se quiser, é um direito seu e não terá nenhum problema ou prejuízo se desistir.

Essa pesquisa será desenvolvida durante as aulas normais de Educação Física, portanto mesmo quem opte por não participar da pesquisa deverá participar das aulas. Serão analisadas 30 aulas de Educação Física. A participação nessa pesquisa não será critério de aprovação e não “vale nota/pontos”. A participação nesse estudo, ou sua recusa, não implicará em qualquer vantagem ou prejuízo para o/a estudante. Será garantida isonomia de tratamento a todos/as os/as estudantes. É importante ressaltar que não haverá nenhum tipo de custo aos alunos e não está prevista remuneração de nenhum tipo para nenhum participante.

Os adolescentes que irão participar desta pesquisa têm de 13 a 16 anos de idade. A pesquisa será feita na Escola Estadual José Rodrigues Betim, com os estudantes das turmas 8º2, 8º3 9º1 e 9º2. Todos os estudantes das turmas mencionadas estão convidados a participar da pesquisa. Nenhum participante terá o seu nome revelado, garantindo o anonimato em eventuais divulgações do resultado da pesquisa. Para essa pesquisa o professor irá fazer observações e anotações em diário de campo, essas anotações não serão divulgadas para outros estudantes.

## Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)

Não serão feitos registros imagéticos ou audiovisual dos alunos. Os resultados da pesquisa vão ser publicados no contexto acadêmico do Mestrado Profissional em Educação Física ProEF, mas sem identificar os adolescentes que participaram.

Todos os dados recolhidos como registro da pesquisa serão usados apenas nas análises do estudo para a produção do trabalho final do curso de Mestrado e, posteriormente, em textos e artigos para publicação científica, sendo que nenhuma informação relativa à identificação dos/as alunos/as será revelada. Os dados serão armazenados por 05 anos, e serão garantidos os cuidados éticos.

Os benefícios dessa pesquisa incluem a melhoria da qualidade da educação e o desenvolvimento de um ambiente democrático e participativo na escola, além de aulas de Educação Física que atendam os anseios dos estudantes, beneficiando os estudantes em geral.

Pelas características dessa pesquisa, e considerando os cuidados adotados para garantir a segurança dos participantes os riscos são baixos, contudo, há o risco de constrangimento para os estudantes, sendo assim, será oferecido apoio ao estudante caso seja gerado algum risco à integridade física, mental ou de qualquer natureza. A participação na pesquisa é totalmente voluntária e o estudante estará livre em qualquer fase da pesquisa para se recusar a participar, sem prejuízos adicionais para o mesmo.

### CONSENTIMENTO PÓS INFORMADO

Eu \_\_\_\_\_ aceito participar da pesquisa “PLANEJAMENTO PARTICIPATIVO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM UMA ESCOLA DA REDE ESTADUAL DE MINAS GERAIS”. Entendi que nessa pesquisa não terei benefícios financeiros ou receberei pontos/nota pela participação no estudo. Entendo que existe o risco de constrangimento e que não sou obrigado a participar da pesquisa. A minha participação na pesquisa é totalmente voluntária e eu estarei livre em qualquer fase da pesquisa para me recusar a participar, sem prejuízos adicionais.

O professor-pesquisador tirou minhas dúvidas e está disponível para conversar com os meus responsáveis. Recebi uma cópia deste termo de assentimento, li e concordo em participar da pesquisa.

**Mestrado Profissional em**  
**Educação Física em Rede Nacional (PROEF)**



Ibirité, \_\_\_\_ de \_\_\_\_ de \_\_\_\_.

---

Assinatura do estudante

---

Meily Assbú Linhales

---

Eduardo Bruno das Graças Barreto de Souza

**OBS.: Termo apresenta duas vias, uma destinada ao participante e a outra ao pesquisador**

## ANEXO 8 - PROJETO INTERCLASSE

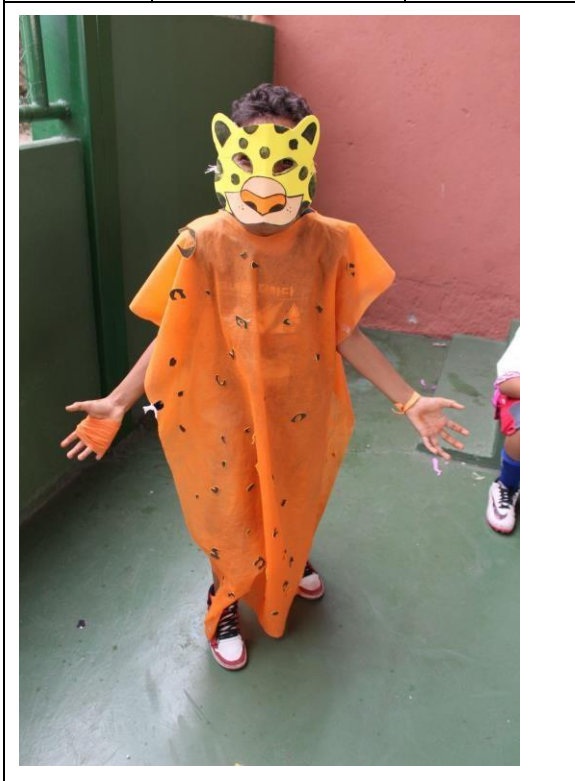
Link de acesso ao projeto

[https://docs.google.com/document/d/1xFi3FeQf3\\_Y79xl1yiph2Wog3gHpZTS3/edit?usp=sharing&oid=104812746413521759298&rtpof=true&sd=true](https://docs.google.com/document/d/1xFi3FeQf3_Y79xl1yiph2Wog3gHpZTS3/edit?usp=sharing&oid=104812746413521759298&rtpof=true&sd=true)

ANEXO 8a: Mascotes do Interclasse

Nome	Mascote	Turma
Os Lobisomens	Lobo	6º1

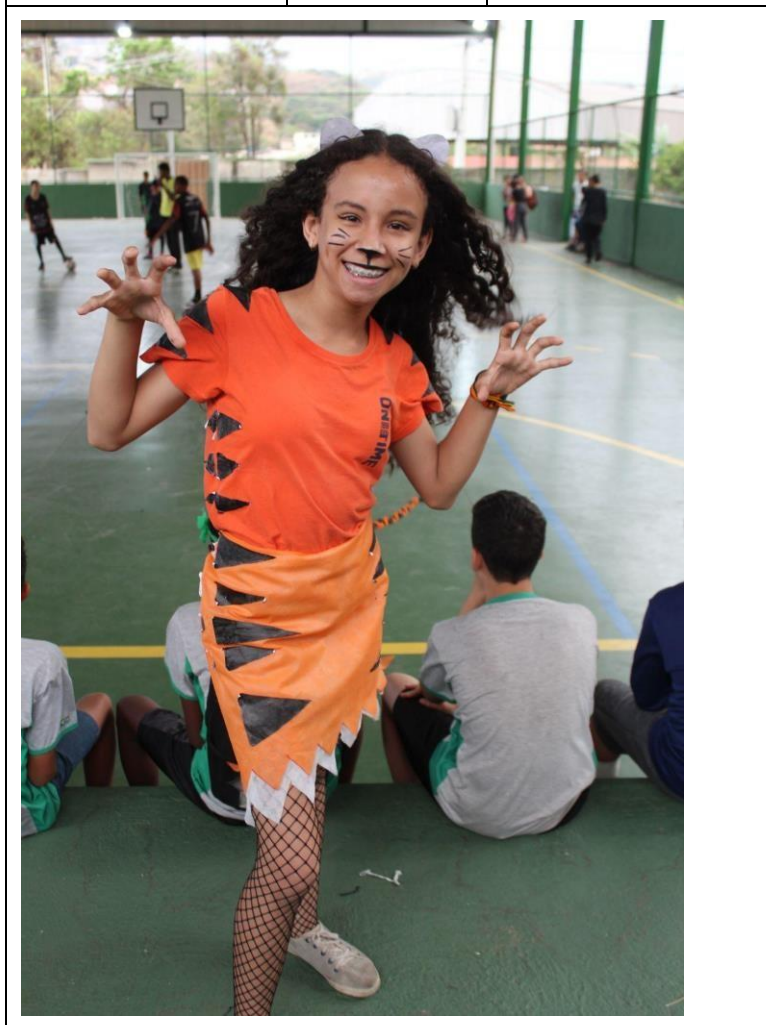
Nome	Mascote	Turma
Garra	Onça	6º2



Nome	Mascote	Turma
Capivárias	Capivara	6º3



Nome	Mascote	Turma
Bonde do tigrão	Tigre	7º1



Nome	Mascote	Turma
Snakes	Cobra	7º2



Nome	Mascote	Turma
Villa Mineirinho	Pitbull	7º3



Nome	Mascote	Turma
Pink Panther	Pantera cor-de-rosa	7º4



**Mestrado Profissional em**  
**Educação Física em Rede Nacional (PROEF)**

Nome	Mascote	Turma
Banguelas	Dragão	8º1



Nome	Mascote	Turma
Sem Habilidade	Gelado	8º2
A turma não apresentou mascote na cerimônia de abertura.		

# Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)

Nome	Mascote	Turma
Black Panther	Pantera Negra	8º3



Nome	Mascote	Turma
Scorpions	Escorpião	9º1



# Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)

Nome	Mascote	Turma
The Black Bear	Urso	9º2



**ANEXO 8b: Pontuação das turmas.**

[Pontuação das turmas no interclasse](#)

<https://docs.google.com/document/d/1h1I1XlciFD9vPUE6yIH9nzCWIY8URmjwSOk0HVePthQ/edit>

ANEXO 9 - APURAÇÃO DOS VOTOS

Jogos e brincadeiras	Esportes	Lutas	Danças	Ginástica	Práticas corporais de aventura
Rouba Bandeira 15	Vôlei 16	Esgrima 10	Forró 17	Yoga 9	Parkour 16
Mãe da rua 1	Boxe 7	Cabo de guerra 14	Dança contemporânea 8	Calistenia 13	Patins 8
Pula corda 3	Basquete 15	Capoeira 9	Hip Hop 11	Alongamento 9	Carrinho de rolimã 8
Derruba garrafa 5	Bocha 2	Krav maga 1	Break dance 4	Ginástica para todos 2	Escalada 13
Jogos de carta 4	Tenis de mesa 3	Queda de braço 4	Kuduro 3	Ginástica Acrobática 1	MTB 1
Jogos de tabuleiro 4	Judô 2	Kung fu 4	Samba 8	Circuito 2	Slack 2
Dança da cadeira 1 (Sugestão)	Taekwondo 1	Rinha de galo 6	Pagode 1 (Sugestão)	Ginástica de Relaxamento 6	Rapel 1
Brincadeiras de pique 4	Tenis 2	WWE 1 (Sugestão)		Circo 2	

Futebase 7	Futmesa 1 (Sugestão)			Ginástica Aeróbica 1	
Xadrez 4					
Arranca rabo 2					
Amarelinha 2					

Jogos e brincadeiras	Esportes	Lutas	Danças	Ginástica	Práticas corporais de aventura
<b>Rouba Bandeira 15</b>	<b>Vôlei 16</b>	<b>Cabo de guerra 14</b>	<b>Forró 17</b>	<b>Calistenia 13</b>	<b>Parkour 16</b>

## ANEXO 10- AVALIAÇÃO DO PLANEJAMENTO PARTICIPATIVO



### ESCOLA ESTADUAL JOSÉ RODRIGUES BETIM

*"Os talentos passam por aqui!"*

#### AVALIAÇÃO DO PLANEJAMENTO PARTICIPATIVO

1) Como vocês avaliam as aulas que escolhemos no planejamento participativo? Responda com detalhes:

Rouba-bandeira: \_\_\_\_\_

---

---

---

Interclasse: \_\_\_\_\_

---

---

---

Parkour: \_\_\_\_\_

---

---

---

Vôlei: \_\_\_\_\_

---

---

---

Cabo de guerra: \_\_\_\_\_

---

---

---



## ESCOLA ESTADUAL JOSÉ RODRIGUES BETIM

*"Os talentos passam por aqui!"*

2) Na sua opinião, o planejamento participativo contribuiu para uma maior participação de todos nas aulas?

- Contribuiu muito
- Contribuiu pouco
- Não fez diferença

Pontos positivos	Pontos negativos

3) Você acha que é importante saber o cronograma e os conteúdos da Educação Física no semestre?

- Muito importante
- Pouco importante
- Indiferente

Justifique sua resposta:

---

---

---

4) Você acha que em 2024 devem ser usadas as folhas de votação e o planejamento participativo?

- Sim
  - Não
- Por quê?

---

---



**ESCOLA ESTADUAL JOSÉ RODRIGUES BETIM**

*"Os talentos passam por aqui!"*

5) Que sugestões você tem para melhorar o nosso planejamento participativo?  
Apresente-as.

---

---

---

---

6) Considerando todas as nossas aulas deste ano de 2023, como você avalia o seu  
envolvimento com a Educação Física?

---

---

---

---

---